



# A PROFECIA FINAL

Os lobos de Corvill – Livro 3

**Ale Almeida**







# A PROFECIA FINAL

Os lobos de Corvill - Livro 3

**Ale Almeida**



## *Direitos*

Copyright © 2025 Ale Almeida

***Todos os direitos reservados.***

Capa: Ale Almeida

Diagramação: Ale Almeida

Ilustrações: Berry ilustração (@hiago\_ilustrador)

Elementos de diagramação: Canva Pro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, sejam eles eletrônicos, mecânicos ou por processo xerográfico, sem autorização por escrito dos editores.

A violação dos direitos autorais constitui crime, conforme estabelecido na Lei nº 9.610/98, e é punido pelo artigo 184 do Código Penal.

***1ª Edição Criada no Brasil.***

# *Sumário*

**[A Profecia Final](#)**

**[Direitos](#)**

**[Sumário](#)**

**[Playlist](#)**

**[Nota da Autora](#)**

**[Dedicatória](#)**

**[Sinopse](#)**

**[Poema](#)**

**[Epígrafe](#)**

**[Prólogo](#)**

**[Capítulo 1](#)**

**[Capítulo 2](#)**

**[Capítulo 3](#)**

**[Capítulo 4](#)**

**[Capítulo 5](#)**

**[Capítulo 6](#)**

**[Capítulo 7](#)**

**[Capítulo 8](#)**

**[Capítulo 9](#)**

**[Capítulo 10](#)**

**[Capítulo 11](#)**

**[Capítulo 12](#)**

**[Capítulo 13](#)**

**[Capítulo 14](#)**

**[Capítulo 15](#)**

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[\*Capítulo 29\*](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Nota de Agradecimento](#)

[Converse Comigo](#)

[Livros da Autora](#)

## *Playlist*

[Clique aqui](#) para ouvir a playlist de "A Profecia Final" ou siga as instruções abaixo:

- 1 - Abra o Spotify
- 2 - Clique em Buscar
- 3 - Vá na câmera e escaneie o código abaixo





## *Nota da Autora*

### LEIA ANTES DE COMEÇAR

O livro "A Profecia Final" aborda temas sensíveis, que podem não ser adequados para todos os leitores. Ao mergulhar nesta história, você encontrará cenas e discussões que envolvem: violência, morte, tortura, traumas psicológicos, abuso de poder e batalhas intensas, além de elementos de sofrimento emocional e perdas graves. Se você for sensível a esses assuntos, recomendamos cautela antes de prosseguir com a leitura.

Esta é uma narrativa intensa, repleta de desafios, sacrifícios e superações, construída para transmitir emoções profundas e impactantes. Caso esses temas possam ser perturbadores para você, talvez seja melhor reconsiderar sua leitura.

### APOIE AUTORES NACIONAIS!

A leitura é um dos maiores portais para novos mundos, mas para que esses mundos continuem existindo, é essencial valorizar o trabalho dos autores nacionais e independentes. Adquira "*A Profecia Final*" apenas por meios oficiais e evite a pirataria.

A pirataria não só desrespeita o esforço e dedicação dos escritores, mas também prejudica a produção de novas histórias. Ao comprar um livro de forma lícita, você incentiva a literatura nacional, fortalece a cultura e garante que mais histórias incríveis cheguem até você.

Apoie os autores. Respeite a arte. Valorize a literatura.

## *Dedicatória*

*A todas as leitoras que carregam mundos dentro de si, que acreditam no poder da fantasia para curar, transformar e fazer sonhar.*

*A vocês, que embarcaram em "Corvill", que amaram meus lobos como se fossem seus, e que, mesmo nas páginas mais sombrias, continuaram acreditando na luz.*

*A quem apoia a literatura nacional, a quem sonha alto, a quem lê com o coração aberto, obrigada por existir. E, com um nó na garganta e o coração cheio, dedico, também, a todos que me estenderam a mão quando eu mesma duvidei do caminho.*

*Aos que acreditaram em mim, nos dias em que eu não conseguia acreditar sozinha. Vocês foram minha âncora e meu impulso. Sem vocês, esta história não teria encontrado seu final. Obrigada por fazerem parte desta jornada.*

*Com amor, Ale Almeida*



O fim começou com sangue e silêncio...

Com a queda dos Alfas e o sequestro de Theo, o clã Corvill está à beira da ruína. Os escolhidos enfrentam não apenas as perdas que os quebraram, mas também, segredos que podem redefinir tudo o que acreditavam ser verdade.

Enquanto Rhyan e Lys lidam com as sombras do luto que tenta consumi-los. Luna, a loba marcada pela profecia, começa a sentir o chamado que ecoa em sua alma.

Apontando para uma origem esquecida, para um poder ainda não acessado... e para uma verdade que nem mesmo a morte conseguiu silenciar.

Quando os céus se abrirem e a antiga força despertar, os laços serão testados, o amor será posto à prova e o destino dos lobos será selado.

Porque, no fim, apenas os que ainda sangram podem decidir o que permanece em pé: a luz... ou as cinzas.

## Poema



*Mesmo quando o mundo desaba,  
quando os ventos sopram contra,  
você é o porto onde repousa,  
e eu, o nome que sua alma encontra.*

*Mesmo na ausência mais cruel,  
em noites frias sem razão,  
é o seu toque que me aquece,  
é sua voz que é oração.*

*Você me vê, mesmo partido,  
me ama sem tentar remendar,  
E eu, por ti, enfrento abismo,  
só para te encontrar.*

*Lys, minha luz entre as sombras,  
meu norte, meu chão, meu luar.  
Rhyan, meu fogo que nunca apaga,  
mesmo quando tudo quer apagar.*

*Nossos laços são feitos de escolha,  
não apenas de destino ou dor,*

*Somos mais que lenda ou profecia,  
somos raiz, somos amor.*

*E mesmo se o mundo ruir de novo,  
e a esperança sangrar sem fim,  
voltarei para você em silêncio,  
como versos voltam ao jardim.*



## *Epígrafe*



*"Quando os antigos caírem e a luz parecer sucumbir, restará apenas o chamado da alma." Não será a força que os salvará, mas o laço que não pode ser rompido... Aquele que arde no coração dos Escolhidos."*

*Fragmento do Grimório de Morgan Faraone.*

## *Prólogo*



### **Rhyan**

O cheiro de sangue ainda estava impregnado na madeira. Por mais que o vento entrasse pelas janelas escancaradas, a casa de meus pais permanecia silenciosa... e morta. Era a mesma sala onde eu costumava correr quando criança. O mesmo corredor onde minha mãe me esperava com um cobertor quando eu chegava das patrulhas frias. O mesmo chão onde agora, jazem os corpos daqueles que me deram a vida.

Meus joelhos tocaram a madeira. Enquanto o mundo desabava em silêncio ao meu redor.

A primeira coisa que vi ao entrar, foi o corpo do meu pai, caído sobre o chão, como se ainda tentasse se erguer. Havia sangue em sua camisa, uma expressão de dor e resistência congelada em seu rosto. Perto dele, minha mãe... como se tivesse desabado do seu lado, ao sentir o laço partir.

*Sara... Liar*, mãe e pai, falhei com vocês, não consegui protegê-los, cheguei tarde demais.

A dor queimava de dentro para fora.

Lys estava imóvel ao meu lado. Seu rosto estava sem cor, e os olhos, antes tão vivos, pareciam ter se perdido em algum lugar entre o choque e a dor.

— Theo... — ela sussurrou.

O som do nome dele foi como uma lâmina em meu peito. Nosso filho. Nosso pequeno. Ele não estava ali.

As gêmeas choravam agarradas a Luna, que estava ajoelhada perto da porta, com os olhos marejados. Cassian permanecia ao lado dela, firme como uma rocha que sustenta os cacos do mundo. Ariel cerrava a mandíbula com tanta força, que mal percebia o sangue escorrendo de seus punhos, feridos pelo aperto desesperado. E Samantha... estava atrás dele, com as mãos trêmulas, o olhar perdido entre o horror e a impotência.

— Levaram-no... — Lys repetiu, com a voz quebrada. — Nosso filho...

Segurei a mão dela, mas mesmo meu toque, parecia distante. Eu não tinha palavras. Nada no mundo podia apagar a dor estampada no rosto dela.

A lembrança era cruel — eu havia deixado Lys e Theo com meus pais naquela noite. Seria por algumas horas, enquanto invadíamos o tempo dos guardiões que fugiram e acuados, atacaram meus pais para nos enfraquecer.

Lys caiu de joelhos. Chorava sem fazer barulho, e aquilo doía mais do que qualquer grito. Sentei-me ao lado dela, puxando-a para mim, tentando protegê-la da dor que nos devorava.

Ela estava próxima aos corpos. Seu choro cessou e ela entrou em choque, com os olhos vidrados e o corpo rígido, como se tivesse se tornado uma estátua moldada pela tragédia.

Luna tentou se aproximar de mim, mas parou. Acho que viu em meu rosto, algo que nem eu sabia que estava ali. Um tipo de ruptura. Algo quebrado que não voltaria a se colar.

— Rhyan... — ela disse, quase num sussurro.

Não consegui responder.

Olhei novamente para os corpos dos meus pais. Para o chão sujo de sangue. Para as pequenas pegadas infantis, ainda marcadas

nos corredores.

— Eles estavam dormindo — disse Lys, finalmente, com a voz quase rouca. — Estavam dormindo quando tudo começou. Liar tentou protegê-los. Lutou até o fim.

Ela virou os olhos para mim.

— Malthus usou o sangue de Luna nele.

Ariel praguejou em voz baixa. Cassian fechou os olhos, como se sentisse o golpe físico. Luna estremeceu.

— Usaram isso para matá-lo — Liz continuou. — Ele não teve chance. Quando Sara sentiu o laço se rompendo...

Ela engoliu em seco.

— Ela caiu. Morreu com ele.

O mundo girava. Eu queria gritar, mas tudo que saía, era o som seco da minha respiração acelerada.

Theo... Eu me levantei.

— Eles vão pagar. Minha voz saiu baixa.

— Rhyan... — Lys tentou me conter, segurando minha mão. — Não agora...

— Eles mataram meus pais. Levaram nosso filho. — Olhei para ela. — Eu não vou esperar.

— Você não está sozinho. — Cassian se aproximou, com a voz firme. — Não vamos deixar que isso acabe assim.

Ariel se juntou a ele.

— A partir de agora, não há mais trégua.

— E eu quero cada nome. Cada rosto. — Olhei para Samantha. — Quero as visões. Quero cada fragmento.

Ela assentiu, engolindo as lágrimas. — Eu já comecei. Eles não vão escapar.

Me aproximei dos corpos uma última vez. Ajoelhei entre eles e abaixei a cabeça.

— Me desculpem.

Meus dedos tocaram a mão da minha mãe. Ainda estava quente. Ainda cheirava a lavanda.

— Juro... vou trazer Theo de volta. Nem que eu precise destruir o mundo para isso.

Lys ajoelhou-se ao meu lado.

— Vamos trazê-lo, Rhyan. Por ele. Por eles.

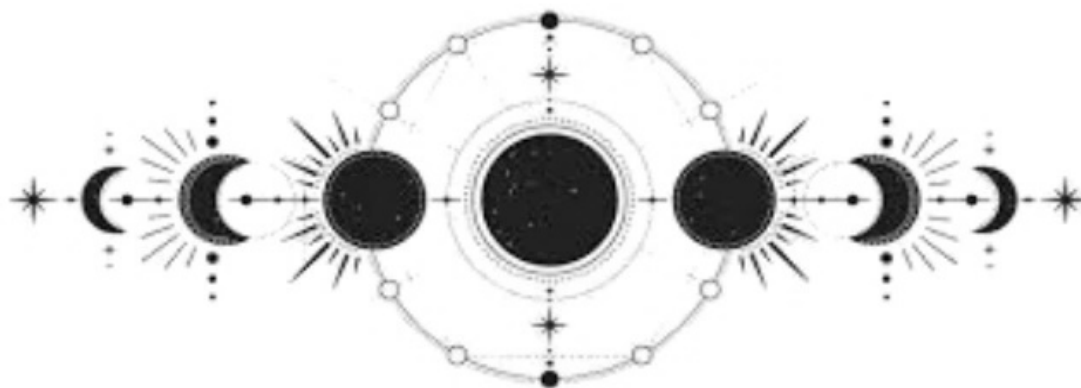
— Por todos nós — completei.

Naquela noite, enquanto o luar se espalhava pela floresta de Corvill, uma decisão foi selada.

Não haveria mais hesitação.

A profecia ainda estava viva. Mas agora, não era mais só sobre equilíbrio.

Era sobre justiça. Era sobre sangue.



A lua cheia brilhava sobre Corvill, lançando sua luz pálida sobre a clareira onde a pira funerária ardia. O fogo crepitava, consumindo os corpos de Liar e Sara, levando suas almas para os braços da Deusa.

O cheiro de madeira queimada, misturado à essência dos lobos caídos, impregnava o ar, um lembrete cruel de tudo o que havia sido tirado de nós.

Meu pai. Minha mãe.

O Alfa de Corvill e sua fêmea.

O luto pairava pesado sobre a vila. Ninguém falava. Ninguém chorava. Somente observamos o fogo consumir aqueles que nos guiaram, os que protegeram nosso lar.

Lys segurava minha mão com força, seus dedos pressionavam os meus, como se tentasse me ancorar ali. Mas eu já estava longe...

Os olhos fixos na pira, eu via mais do que as chamas. Via o sangue. Via o horror daquela noite. O som dos gritos ecoava em minha mente. A traição. A perda. O sequestro do meu filho.

Os Guardiões nos atacaram como covardes. Havia rasgado nossa família. Havia matado meu pai diante dos olhos da mulher que o amava.

E agora, ela estava ali, partindo com ele. O laço da predestinação a reivindicou no mesmo instante.

Meus irmãos e suas parceiras estavam ao meu lado. Ariel, Cassian... Todos marcados pelo sofrimento, e cada um deles carregava o peso dessa tragédia de forma diferente.

Eu era o herdeiro de Liar. Eu era o próximo a carregar Corvill nas costas, apesar de eu ser o mais novo, meus irmãos abdicaram dessa tarefa, mas estariam ao meu lado.

A dor era um monstro dentro de mim, crescendo, devorando tudo que restava.

Meu lobo rugia. Ele não aceitava essa perda. Ele queria lutar. Ele queria vingança. E eu queria também.

A pira queimava, reduzindo ao pó aqueles que me deram a vida, enquanto eu caminhava para longe dos outros. Não havia palavras que pudessem ser ditas. Nenhuma promessa de consolo ou esperança que pudesse me alcançar.

Na escuridão da floresta, meu lobo tomou o controle. Minha respiração tornou-se pesada.

Os Guardiões levaram tudo.

Agora, eu arrancaria deles cada gota de vida. O último escolhido havia sido convocado.

E o lobo em mim atenderia o chamado.



## Capítulo 1

# O ÚLTIMO ESCOLHIDO



## Rhyan

O silêncio da alma é o som que mais dói. A casa ainda cheirava a sangue.

Os passos que dei pelo corredor, soavam como uma afronta à memória do que aquela casa foi. Cada tábuia do assoalho rangia sob meus pés, como se gritasse por eles, meus pais, solicitando que voltassem, que tomassem seus lugares à mesa, que preenchessem os cômodos com suas vozes. Mas tudo o que existia agora, era vazio.

Meus olhos percorriam os rastros da batalha. Marcas nas paredes, cacos espalhados, móveis revirados. Uma boneca caída no canto da sala. Pequena. De pano. Era de uma das gêmeas. As coisas mais inocentes sempre permanecem como testemunhas da barbárie.

Eles morreram lutando. Minha mãe protegeu os filhos dos outros, como se fossem seus. Meu pai tombou com o peito perfurado por uma arma feita para nos destruir.

E eu não cheguei a tempo. Cheguei tarde demais.

Foi Ariel quem me segurou quando meus joelhos cederam. Eu me lembro do som que saiu de mim — não foi humano. Foi um uivo

rasgado da garganta, nascido da alma. Um som que nunca deveria existir. E mesmo com ele me segurando, mesmo com Cassian travado ao lado da porta e Luna segurando as gêmeas, eu soube: naquele instante, meu mundo havia mudado para sempre.

Eles levaram Theo. Meu filho.

O filho que gerei do amor e da esperança. O menino que fazia perguntas demais, que queria correr na floresta e imitava meu jeito de andar, como se isso o deixasse mais forte. Ele não estava mais ali.

E o vazio da presença dele, era pior do que qualquer marca de sangue nas paredes.

Lys me encontrou assim: ajoelhado entre os cacos, com as mãos apertando o chão, como se eu pudesse absorver alguma resposta da madeira rachada.

Ela não disse nada.

Somente se aproximou e colocou a mão sobre meu ombro. Seu toque era quente, uma âncora, mas também um lembrete. Ela também havia perdido. Aqueles dois eram sua família também, e Theo era o nosso filho.

Lys sempre teve olhos firmes, mas ali, naquele instante, eles estavam tomados por lágrimas que ela não deixava cair. Um tipo de força que só alguém profundamente quebrado consegue exibir. E mesmo em pedaços, ela ficou ao meu lado.

— Eles morreram protegendo quem amavam — ela disse, sua voz baixa, mas firme. — E agora... agora somos nós que temos que proteger os que restaram.

Eu queria responder. Dizer algo. Mas minha garganta estava cheia de cinzas.

Não havia espaço para palavras, só para promessas silenciosas.

Levantamo-nos juntos. Passamos por Cassian, que ainda vigiava a porta, como se pudesse impedir que o passado invadissem de novo. Ariel se aproximou de Liz, falando baixo, tentando convencê-la a sair dali, a descansar. Mas Liz não se movia.

A dor dela era a minha. E Luna... Luna ainda chorava.

Foi só quando olhei para o céu, através do telhado semiaberto, que percebi a lua minguante nos vigiando. A mesma lua que sempre

nos guiou, agora era testemunha da nossa ruína.

Naquela noite, ninguém dormiu.

Caminhei pela floresta com Lys, lado a lado, como fazíamos quando éramos jovens. Mas não havia alegria nos nossos passos. Cada árvore parecia observar em silêncio. Cada galho quebrado, era um eco do que perdemos.

— Você sente? — ela perguntou. — O peso da mudança?

Assenti. A natureza sabia. O mundo sabia. A morte dos Alfas não era somente uma tragédia para nós. Era uma ruptura no equilíbrio. O fim de uma era.

— Eles estão se preparando para o fim — murmurei. — Mas eles não entendem... Eles começaram algo que não poderão controlar.

Lys me encarou.

— E você?

— Eu? — Soltei o ar com dificuldade. — Eu só quero o nosso filho de volta.

Ela se aproximou um pouco mais, seus olhos fixos nos meus.

— E depois?

Pensei em Theo. Em suas mãos pequenas segurando as minhas. No cheiro doce de sua pele depois do banho. Em seu riso leve, alto. Na maneira como dizia “papai”, como se fosse a coisa mais segura do mundo.

— Depois... eu os destruo — murmurei.

Lys assentiu. Não havia choque em sua expressão. Só compreensão.

Voltamos à casa de Cassian, o sol já ameaçava nascer. As gêmeas dormiam na cama de Luna. Lys havia sido convencida a deitar por algumas horas. Ariel organizava os frascos do antídoto, como se pudesse assim, manter o mundo no lugar.

Cassian me esperava na varanda. Estava sentado, os olhos fixos no horizonte. Não disse nada quando me aproximei. Somente estendeu um cantil. Bebi. Era forte. Queimava. Mas era real. Assim como a dor.

— Você vai atrás deles — ele afirmou, não perguntou.

— Vou.

— Não sozinho.

Olhei para ele, e havia ali uma promessa antiga nos seus olhos.  
*"Irmãos de sangue, de alma e de guerra."*

— Ariel precisa terminar o antídoto. Luna precisa ficar com as crianças. Lys... não está pronta — falei. — Mas você... você vem comigo?

Cassian deu um sorriso cansado.

— Alguém tem que impedir que você se mate no processo.

Nos encaramos por alguns segundos. O céu começou a clarear, uma luz suave surgia entre os galhos altos. Mas dentro de mim, ainda era noite.

Theo estava em algum lugar, assustado, talvez confuso. Eu precisava encontrá-lo. E para isso, eu me tornaria o que fosse necessário. Caçador. Monstro. Lobo.

O tempo das palavras havia acabado. Agora era tempo de guerra. E eles não faziam ideia do que provocaram.

A profecia não terminou. Ela só mudou de rosto. E agora, era o meu que ela carregava.

## Capítulo 2



### Lys

Não há dor mais profunda do que aquela que não encontra voz.

Desde que Theo desapareceu, desde que os corpos de Sara e Liar foram encontrados naquela casa banhada em sangue e silêncio, eu não fui mais a mesma. Algo em mim quebrou. Algo que talvez nunca volte a se encaixar.

Eu me recusei a entrar na casa por dias. Não consegui. Não suportaria o cheiro do sangue deles — do sangue da minha família — ainda impregnado nas paredes. Rhyan me disse que Luna segurava as gêmeas enquanto chorava, e que Ariel estava ao lado do corpo dos pais, sem conseguir se mover depois que o amparou. Mas foi Rhyan... Rhyan que me acudiu. Ele disse que eu estava ajoelhada entre os corpos, imóvel, com os olhos vazios. E Theo... Theo não estava entre as crianças.

Levaram o meu filho.

Desde então, tenho dormido pouco — ou melhor, somente fecho os olhos. Mas dormir mesmo? Isso, esqueci como se faz. Cada vez que meus olhos se fecham, eu o vejo. Theo, com seus cabelos

despenteados e aquele sorriso torto que ele herdou do pai. Ouço sua risada ecoando nos cantos da nossa casa, como se ainda estivesse lá, esperando que eu aparecesse para colocá-lo na cama.

Mas não está.

E isso... isso me mata por dentro, devagar e implacavelmente.

Rhyan tenta ser forte por mim, mas eu o conheço. Sei quando ele está se desfazendo por dentro. Ele anda calado, mais do que o normal. Seus olhos não brilham mais, apenas ardem em silêncio, como brasas prestes a se apagar. Quando ele me toca, suas mãos tremem, mesmo que ele tente esconder. E às vezes, no meio da noite, ele acorda gritando o nome de Theo, como se pudesse alcançá-lo em algum sonho, onde tudo ainda pode ser diferente.

Mas não pode.

Sinto falta do som dos passos de Theo correndo pela casa. Sinto falta do cheiro do seu cabelo, do calor dos seus braços gordinhos ao me abraçar depois de uma brincadeira. Ele era luz. E sem ele, restou apenas a escuridão.

As pessoas me olham com pena. Tentam me consolar com palavras que não tocam nada além da superfície. Dizem que vamos encontrá-lo. Que ele é forte. Que somos fortes. Mas ninguém entende o buraco que se abriu no meu peito.

Sou mãe. Como posso continuar respirando sem meu filho?

Hoje, decidi entrar no quarto dele pela primeira vez desde que o levaram.

A porta rangeu suavemente, como se também sentisse saudade. O quarto estava exatamente como havíamos deixado. Os brinquedos continuam empilhados no canto, a coberta azul com estrelas jogada sobre a cama. A mochila está encostada na escrivaninha. Havia um desenho no chão — feito com lápis de cera. Nós três juntos: Rhyan, eu e ele. Ele nos desenhou de mãos dadas, e todos nós sorríamos.

Caí de joelhos.

A dor veio como uma onda, esmagadora e imensa. Pressionei o desenho contra o peito, como se pudesse arrancar a ausência dele



com aquele gesto. Como se isso fosse o bastante para trazê-lo de volta.

As lágrimas vieram com força, pesadas, e pela primeira vez desde aquela noite, eu chorei de verdade.

Não consegui conter os soluços, nem segurar o grito que rasgou minha garganta. Não me importei se alguém ouviu. Deixei tudo sair, todo o medo, toda a raiva, toda a culpa.

Porque, sim, a culpa também está aqui. Ela é uma sombra constante, sussurrando que eu deveria ter sentido, que eu deveria ter agido mais rápido. Que, se eu estivesse mais atenta, talvez pudesse ter feito alguma coisa.

Rhyan entrou sem fazer barulho. Ele sempre soube quando me deixar sozinha e quando me alcançar. Não disse nada. Apenas se ajoelhou ao meu lado e me envolveu com os braços. E ali, naquele chão, nós dois nos desfizemos.

A dor dele se misturou à minha. E, pela primeira vez desde que tudo aconteceu, eu senti que não estava totalmente sozinha. Porque mesmo em pedaços, Rhyan ainda era meu abrigo.

— Vamos trazê-lo de volta — ele sussurrou, com a voz embargada. — Eu juro, Lys. Nem que eu precise atravessar cada maldito território, nem que eu precise me perder no caminho... vou trazer nosso filho de volta.

Levantei os olhos para ele, e o que vi me assustou. Não era só dor. Era escuridão. Uma fúria silenciosa que crescia dentro dele. Rhyan estava se transformando. Perdendo a leveza que o tornava tão único. E, ainda assim, parte de mim compreendia.

— Eles destruíram tudo — eu disse, num sussurro. — Nossos alicerces. Nossas raízes.

Ele assentiu. Seus dedos tocaram meu rosto, enxugando minhas lágrimas.

— Mas ainda temos um ao outro.

Fechei os olhos e me deixei ficar ali, sentindo o calor do corpo dele, ouvindo a batida de seu coração — descompassada, sim, mas viva. E aquilo me deu força.

Nós não vamos parar. Mesmo em luto, mesmo sangrando por dentro, vamos lutar. Por Sara, por Liar, por nós... e por Theo.

Principalmente por Theo.

E se os Guardiões acham que nos quebraram, eles ainda não entenderam o que significa tocar naquilo que mais amamos.

Eles não destruíram tudo. Eles acenderam uma guerra. Vamos lutar com todas as nossas forças, até que Theo esteja novamente em nossos braços.

## Capítulo 3



### Luna

O silêncio da noite era sufocante. Mesmo com a floresta murmurando lá fora, mesmo com os ventos trazendo o cheiro do luar e da terra molhada, a casa de Liar estava mergulhada em uma quietude, que parecia gritar dentro de mim. Cada canto, cada pedaço de madeira quebrada, cada mancha de sangue no chão... tudo gritava o nome dele.

*Liar.*

Aquele que me acolheu como filha quando eu não era ninguém. Quando cheguei a Corvill sem saber quem eu era, foi ele quem segurou minhas mãos e me disse que aqui, finalmente, eu poderia chamar de lar. Ele me deu abrigo. Me deu respeito. Me deu amor.

E agora, estava morto. Por minha causa.

Eu me odiava por isso. O sangue que escorria do ferimento que Malthus causou em Liar era meu. Sangue que, por uma fatalidade, caiu em mãos erradas. Sangue que foi usado como arma.

Meus joelhos afundaram no chão da sala, ao lado do local onde o corpo dele havia sido atacado. O chão ainda carregava vestígios do

que aconteceu, da violência, da dor, da perda.

— Luna... — A voz de Cassian soou baixa atrás de mim, mas eu não me virei. Não conseguia. — Está frio aqui!

— Mereço o frio — respondi, a voz falha, como se cada palavra fosse feita de estilhaços.

Ele caminhou até mim devagar. O piso rangeu sob seus pés. Senti quando ele se ajoelhou atrás de mim e pousou a mão em meu ombro. Um toque quente. Vivo. A única coisa que ainda parecia real.

— Isso não foi culpa sua, meu amor — ele disse, firme, como sempre.

Virei o rosto para ele, os olhos ardendo com lágrimas que não caíam mais. Já haviam secado. Agora doía de um jeito mais profundo.

— O sangue era meu, Cass. Você entende isso? Eles usaram o meu sangue para matar o homem que me tratou como filha. E ele morreu... protegendo as minhas filhas.

Cassian fechou os olhos por um instante, e foi aí que vi. Ele também estava desmoronando por dentro. Mas tentava manter a muralha de pé. Por mim. Por todos.

— Você não escolheu isso. Ninguém escolheu. Eles roubaram aquele colar, Luna. Eles traçaram esse destino. Você...

— Sou o sangue da profecia — interrompi, num sussurro amargo. — Sempre fui. E agora, esse sangue matou Liar e Sara.

O nome deles escapou da minha boca como uma lâmina. E doeu. Porque dizer "Liar" era real. Era admitir que ele não estava mais aqui.

Cassian deslizou os dedos pela minha mão, entrelaçando os dele nos meus. Ficamos ali em silêncio por longos segundos, respirando a dor um do outro. Até que rompi o silêncio novamente, porque precisava falar.

— No templo... — minha voz era baixa, quase um segredo — quando invadimos o templo dos Guardiões, eu senti algo. Uma energia. Uma força... antiga. Familiar, não sei explicar, mas era real.

Cassian ergueu o olhar, atento. — O que você sentiu?

Engoli em seco. Era difícil colocar em palavras.

— Parecia... ela. Como se Morgan estivesse ali. Não só como uma lembrança. Não só como uma cicatriz. Mas viva. Como se estivesse observando.

Cassian franziu a testa, confuso. — Morgan morreu, Luna. Você a viu...

— Vi o que ela me deixou ver — interrompi, apertando a mão dele. — Mas e se não foi real? E se a morte dela foi uma encenação? Ou... pior, e se eles a mantiveram viva por algum motivo? Ela era poderosa. Tinha acesso a segredos antigos. Sabia coisas que nem mesmo os anciãos sabem.

Cassian pareceu ponderar minhas palavras, e eu vi a sombra do medo passar por seu rosto.

— Você acha que Morgan pode estar por trás disso? Que está viva... e trabalhando com os Guardiões?

Balancei a cabeça lentamente.

— Eu não sei. Mas o que senti no templo... não era só magia. Era pessoal. Era como se algo dentro de mim tivesse reconhecido aquela presença. E eu me pergunto se a dor atual... a morte de Liar e Sara, o sequestro de Theo... não é só o começo.

Cassian se afastou levemente, apoiando-se nos joelhos, os olhos perdidos no nada. Por um segundo, ele pareceu tão vulnerável quanto eu.

— Se for verdade... se Morgan estiver viva e estiver envolvida com os Guardiões... isso muda tudo.

Assenti. E o silêncio caiu sobre nós outra vez.

— Eu queria que ela estivesse viva — sussurrei. — Por tudo o que significou para mim. Por quem ela foi. Mas não assim. Não desse lado. Não custando a vida de Liar.

Cassian se aproximou de novo e encostou sua testa na minha.

— Vamos descobrir. Vamos atrás da verdade. Por ele. Por Sara. Por Theo.

O nome de Theo fez meu coração se partir mais uma vez. Olhei para o chão, tentando conter as lágrimas.

— Como Rhyan e Lys irão suportar isso? — perguntei, quase sem ar. — Perder os pais... e o filho na mesma noite?

Cassian suspirou. Um som pesado, carregado. — Ele vai suportar porque vai lutar. Como sempre fez. Como você faz! Como todos faremos agora.

Ficamos ali, entre os escombros de uma noite que havia destruído tudo. A luz invadiu a casa lentamente, tingindo de dourado o sangue seco no chão, as lágrimas nos nossos rostos, a dor que ainda queimava em silêncio.

E enquanto o mundo lá fora despertava, eu jurei para mim mesma: não descansaria até entender o que havia acontecido com Morgan. E se ela estivesse viva... ela teria que responder por tudo.

## Capítulo 4



### Malthus

Faz dias desde que tudo desmoronou. Eu sabia que os Alfas invadiriam o templo — era só uma questão de tempo. E ainda assim, mesmo com cada rota de fuga traçada, cada armadilha meticulosamente armada, cada detalhe calculado com precisão quase obsessiva... nada foi suficiente. Eles vieram como uma tempestade sem aviso, atropelando nossas defesas como se fossem folhas secas ao vento.

E eu assisti tudo ruir.

Os capangas errantes que contratei sob hipnose, não foram páreos para os desgraçados dos Corvill. A força deles é descomunal. Até Samantha — aquela aberração híbrida — parecia ter absorvido algo do poder da loba da profecia.

A batalha foi um caos. Muitos de nós morreram. Poucos conseguiram me seguir.

Pela primeira vez, desde que a maldita Deusa me exilou neste plano de existência, eu me senti acuado. E quando estou acuado, eu mordo.

Matei o Alfa. Matei sua companheira. E raptei o filhote.

*Foi um erro.* Sei disso agora.

Deixei rastros. Marcas de sangue, cheiro, fragmentos de magia quebrada. Deixei meu maior trunfo para trás, isso pode contribuir para minha ruína.

Subestimei o laço dos irmãos.

Subestimei "*Ela*."

Agora estou escondido, a milhas de Waterford, numa cabana esquecida entre duas montanhas que nem os humanos ousam nomear. Theo dorme no cômodo ao lado.

Quando o tirei de lá, ele não chorou.

Não gritou.

Só me olhou.

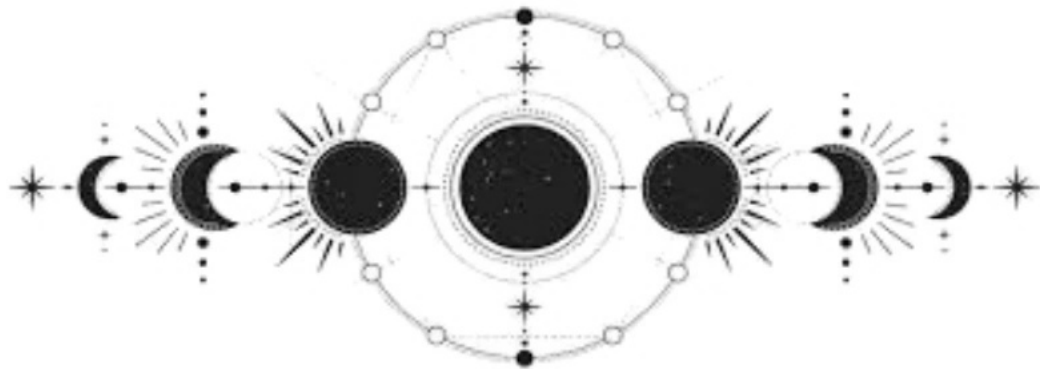
Como se já soubesse que eu era a coisa errada no mundo.

Como se estivesse me julgando. Aquele olhar me persegue.

Não posso devolvê-lo. Não ainda. Ele é a peça que me resta.

A única que pode virar o jogo — se eu tiver tempo.

Mas... tempo é algo que os Corvill não costumam dar.



Ouço ecos na floresta toda noite. A cada uivo que ressoa, sinto a terra tremer sob meus pés.

Eles estão caçando. E não vão parar até me encontrar.

Rhyan. O bastardo filho de Liar.

Não viu quando tomei o garoto, mas desde então, seu ódio me persegue como um cheiro de sangue na água. Dizem que ele não



dorme. Que caminha noite adentro com os olhos em brasa e os punhos cerrados.

E eu acredito. Ele perdeu os pais, perdeu o filho. E tudo isso tem o meu nome cravado.

Tive que ser rápido — uma distração de Lys foi o que me permitiu escapar. Mas, ainda assim, me atrasei.

Foi naquele instante, quando os olhos da matilha caíram sobre mim, que soube: havia ultrapassado um limite sagrado.

Theo tem poder. Não como os tios ainda. Mas algo vibra dentro dele. Um dom em formação, bruto e caótico.

Já tentei extrair sua essência para analisá-la, entender o que o torna diferente.

Mas o sangue dele... reage.

É como se algo ancestral o protegesse. Como se a Deusa tivesse posto um selo sobre ele. Afinal, ele é o primeiro filho de um escolhido.

Maldição ou bênção? Ainda não sei.

Durante a noite, ele costuma acordar chamando por alguém, às vezes "mãe", outras vezes "pai" e, outras vezes, ele só chora.

Já me disseram que eu não tenho alma.

Talvez seja verdade. Mas há momentos em que o som do choro dele me cala.

Morgan apareceu em sonho na noite passada.

*"Você perdeu o equilíbrio,"* ela disse. *"O preço será cobrado com sangue."*

— Que equilíbrio, mulher? Você que começou essa guerra.

Mas ela não respondeu. Ela nunca responde. Apenas some.

Desde que parti, tudo se tornou ruído. Até os Guardiões, antes fiéis e cegos, agora murmuram dúvidas. Eles não sabem onde estou — e é melhor que assim permaneça.

Morgan queria libertar o mundo da maldição imposta há um milênio.

Eu só queria sobreviver a ela. Mas agora... talvez eu só esteja fugindo.

O garoto está doente.

Notei manchas escuras sob seus olhos esta manhã. Ele respira com dificuldade, e sua temperatura oscilava entre calor febril e um frio incomum.

Algo dentro dele está se rompendo. Ou se despertando. Não posso deixá-lo morrer. Não ainda.

Preciso de Samantha.

Se alguém pode entender o que corre nas veias de Theo, é ela. Mas como atrair alguém que já me traiu?

Talvez eu use o colar. O que tirei dela quando fugia. O sangue de Luna ainda pulsa ali, a quantidade é mínima. Mas talvez seja suficiente para abrir um canal, um chamado. Ou uma armadilha.

Não sei mais se quero vencer essa guerra. Não sei nem mesmo o que seria vencer.

A Deusa me amaldiçoou por desafiá-la. Mas o que ela chama de equilíbrio... chamo de injustiça.

Como aceitar uma ordem natural que condena um povo à dor?

Como aceitar uma profecia que sacrifica crianças?

As noites estão ficando mais curtas. Sinto a presença deles se aproximando. Cassian, Ariel, Rhyan...

Os irmãos Corvill estão reunidos novamente.

E onde os três se unem, a terra responde. É como se a própria floresta sussurrasse meu nome.

*"Malthus..."*

*"Malthus..."*

Eles virão por mim. E, não tenho certeza se consigo detê-los.

Tento não olhar para o menino por muito tempo. Mas hoje, antes de escrever essas palavras, ele me encarou de novo.

A mesma expressão. A mesma calma. E disse, com uma voz que não era sua:

— *Ela está vindo.*

Naquele instante, soube. A Deusa não havia me esquecido. Não havia me perdoado. Foi ela quem enviou Morgan com a profecia.

Foi ela quem expôs os fatos sobre a terra amaldiçoada.

Minha punição nunca foi vagar sozinho. Minha punição foi ver a esperança renascer — e não poder impedir.

Mas há algo pior do que ser caçado. Algo que deixei para trás.

No meio do caos, quando os gritos preenchiam os corredores e o chão do templo tremia sob os pés dos Alfas... Eu hesitei. E por isso, deixei ali o que jamais poderia ser descoberto.

Eles não sabem.

Nem Cassian, nem Ariel, nem aquele maldito Rhyan, imaginam o que jaz nas profundezas da antiga masmorra.

Protegido por encantamentos antigos, selado com o sangue de séculos — e agora vulnerável.

Durante anos, mantive aquilo escondido. Uma âncora. Um segredo que poderia me destruir se libertado.

Mas quando a magia que o protege se dissipar, e alguém ousar romper os lacres...

Tudo pode ruir. Preciso voltar.

Mesmo que isso custe mais vidas e que precise derramar mais sangue. Eles jamais poderiam saber o que eu escondia nas sombras do templo. Nem eles, nem a maldita loba da Profecia.

## Capítulo 5



### Rhyan

A mata estava densa naquela região esquecida entre os limites de Waterford e as terras antigas do Norte. O solo ainda carregava o cheiro de sangue e magia queimada. Eu liderava a patrulha com os olhos estreitos e o corpo tenso, farejando a terra como um predador à beira do abismo.

Cassian vinha logo atrás, com Ariel um pouco mais afastado, concentrado em capturar qualquer resquício de energia ou movimento. O silêncio entre nós era espesso como neblina. Sabíamos que qualquer palavra podia ser um estopim.

Não falava desde que encontramos os primeiros rastros de Theo. Um pedaço de pano com o cheiro do meu filho. Um tufo de cabelo. Sangue seco. Mas nenhum corpo. E nenhum sinal real de onde Malthus o havia levado.

— Ele passou por aqui — murmurei, baixo e gutural. — Não conseguimos pegá-lo no templo, mas ele cometeu erros. Rastros. Odiava os capangas dele, mas ao menos eles sangram fácil.

— Ele está mais cuidadoso agora — comentou Cassian, passando por uma árvore marcada com garras. — Descartou os que sobraram. Está sozinho. Talvez já esteja ferido.

Ariel se aproximou, os olhos brilhando com uma leve centelha dourada.

— Ainda sinto vestígios de magia próxima. Não é recente, mas é forte. Como se ele estivesse tentando esconder alguma coisa. Ou voltar para buscar algo que deixou para trás.

Parei de andar. Cassian e Ariel fizeram o mesmo.

— Luna disse algo... antes de partirmos — murmurou Cassian, virando-se para nós. — Disse que sentiu uma presença no templo. Algo antigo. Familiar. Ela afirma que sentiu Morgan.

O nome caiu entre nós como uma pedra em água parada. Ariel massageou o pescoço encarando o chão.

— Morgan está morta. Todos sabemos.

— Não vimos nada, Ariel — rebati. — Luna a viu ferida no chão, mas Morgan tinha poderes para criar uma ilusão se quisesse.

Ariel permaneceu em silêncio por um instante, antes de falar: — Se Morgan estivesse viva... por que não voltaria? Por que deixar Luna sofrer tanto?

— Talvez porque ela não possa — respondi. — Ou talvez esteja presa. Ou pior: ela pode ser parte disso tudo.

Cassian se virou bruscamente. — Você acha que Morgan está com Malthus?

— Eu não sei o que pensar — admiti. — Mas se Luna sentiu, nós não podemos ignorar. Vocês sabem o que ela representa. Se a energia dela se conectou a algo naquele templo... precisa haver uma razão.

Ariel assentiu devagar. — A profecia foi enviada pela Deusa. Morgan sempre esteve ligada a ela de alguma forma. Talvez a morte dela... nunca tenha sido o fim.

Um silêncio estranho pairou entre nós. O tipo de silêncio que antecede uma tempestade. Retomei a marcha, mas agora meus passos estavam mais calculados.

Cassian aproximou-se de Ariel e murmurou: — Ele vai se destruir se não encontrarmos Theo logo.

Ariel respondeu apenas com um olhar. Sabia disso. Todos sabíamos.

Naquela noite, acampamos em um planalto rochoso, sob um céu sem lua. As brasas da fogueira eram a única luz viva. Eu estava de guarda, os olhos fixos no horizonte. Não falava. Mal respirava. O lobo dentro de mim estava inquieto, impaciente, faminto por respostas.

Cassian me observava com preocupação, enquanto conversava com nosso irmão. — Ele precisa de um estopim. Algo que o traga de volta. Assim ele vai se perder.

— O estopim é Theo — respondeu Ariel, mexendo as brasas com um galho. — Ou vingança. Seja o que for que vier primeiro.

O vento soprou forte, e com ele veio algo novo. Um cheiro. Levantei em um salto, com os olhos se estreitando.

— Ele esteve aqui. Recentemente.

A caça recomeçava. E, dessa vez, com o passado e o futuro se entrelaçando no meio da floresta.

Morgan podia estar viva. Theo podia estar em perigo. E Malthus estava a um passo de perder tudo.

Com o rastro esfriando novamente, nos reunimos ao amanhecer. O cheiro havia sumido. Ariel, sentado em um rochedo coberto de musgo, levantou os olhos para nós.

— Estamos rodando em círculos. Talvez... estejamos caçando no lugar errado.

— Ele não deixaria o garoto longe por muito tempo — rebati. — Malthus é covarde, mas estrategista. Sabe que não podemos parar enquanto Theo estiver com ele.

— E se ele estiver voltando para o templo? — sugeriu Cassian. — Pensem bem. Atacamos com força total. Perdemos muitos, mas ele também. Talvez ache que o templo está esquecido agora. Vazio. Seguro.

— Seguro o bastante para ele tentar recuperar o que deixou para trás — completou Ariel.

Fechei os punhos.

— As masmorras. A parte subterrânea... onde não conseguimos entrar. Protegida por camadas de selos. Ele estava escondendo algo ali. Luna disse que sentiu a presença de Morgan nas muralhas, nas pedras. Talvez ela esteja lá. Talvez esteja presa.

— Se voltarmos — disse Cassian. — Podemos montar uma armadilha. Esperar. Ele é orgulhoso demais para abandonar o que considera seu.

— E nós vamos descobrir, de uma vez por todas, o que ele esconde nas profundezas do templo — murmurei, sentindo meus olhos voltarem a brilhar. — E se Morgan estiver lá...

— Vamos trazê-la de volta — completou Ariel.

Não tínhamos todas as respostas. Mas tínhamos o instinto. E isso, para um lobo, era o bastante para dar início a mais uma caçada.

## Capítulo 6



### Lys

A noite havia se arrastado como um véu espesso de silêncio e angústia, a casa parecia vazia. Um vazio que não vinha da ausência de corpos, mas da dor que havia se instalado entre as paredes. Da ausência de Theo.

O som da porta se abrindo me tirou do estado entorpecido. Eram quase quatro da manhã, e eu já não sabia se cochilava sentada no sofá ou apenas fingia dormir para fugir da realidade.

Rhyan entrou com os ombros curvados, o cheiro da mata e do cansaço impregnado em sua pele. Os olhos, antes dourados e vivos, agora tinham o tom cinzento de uma tempestade prestes a desabar.

Ele não disse nada de imediato. Apenas me encarou por um segundo e então, deixou cair a mochila no chão e veio com os passos pesados até o encosto do sofá, onde eu estava.

— Encontraram algo? — perguntei com a voz baixa, tentando conter a esperança que ainda se agarrava a mim com garras frágeis.

Rhyan passou a mão pelos cabelos, se jogando no sofá ao meu lado. Ele balançou a cabeça lentamente.



— Rastros. Poucos. Cheiros enfraquecidos. Malthus está apagando os caminhos atrás dele..., mas vamos encontrá-lo. Ele vai voltar para o templo. Temos quase certeza disso agora.

— O templo? — repeti, sentindo meu peito se apertar. — Vocês vão voltar para lá?

— Sim — respondeu, frio. — Precisamos saber o que ele escondeu nas masmorras. Cassian acredita que há mais naquele lugar do que conseguimos ver. Talvez... Morgan.

Morgan. Outro nome que voltava como uma sombra.

— Quando?

— Em dois dias. Vamos descansar e reunir forças. Precisamos de todos. Eu... — ele hesitou. — Eu quero que você venha.

Me virei para ele, surpresa. Não por querer minha presença — sempre fomos parceiros, em tudo, mas pela maneira com que ele disse aquilo. Como se fosse mais uma ordem do que um pedido.

— Você tem certeza?

Rhyan desviou o olhar, fixando-o em algum ponto invisível do chão. — Somos mais fortes juntos. E se algo acontecer lá... eu não quero estar longe de você.

Coloquei minha mão sobre a dele. A pele dele estava fria. O toque não despertou nada. Nem calor, nem consolo. Como se o vínculo entre nós tivesse sido envolto em névoa.

— Rhyan... você está aqui, mas parece a milhas de distância.

Ele fechou os olhos por um momento, como se tentasse se proteger de mim. — Não quero que você carregue essa dor comigo.

— Mas, eu carrego, Rhyan. Somos um. Sinto sua dor queimando por dentro. Sua raiva. Sua culpa. Sinto tudo — minha voz falhou. — E ainda assim, você me deixa do lado de fora.

Ele se afastou ligeiramente. O corpo dele endureceu.

— Porque se eu deixar você entrar, Lys... você vai se partir junto comigo.

As palavras ficaram presas na minha garganta.

— Já estou partida — sussurrei.

Por um instante, pensei que ele fosse ceder. Que me puxaria para seus braços, que choraria, ou gritaria, ou me deixaria segurar seus cacos. Mas tudo o que ouvi foi o silêncio.

Levantei, caminhando até a janela. A lua estava oculta pelas nuvens.

— A luz em você... está se apagando.

— Ela já se apagou — respondeu ele, com a voz rouca. — Tudo o que resta é a escuridão.

Fechei os olhos. Apertei os punhos. Aquela não era só a dor de perder Theo. Era a dor de perder Rhyan. Pedaco por pedaco.

— Eu não vou desistir de você — falei, sem me virar. — Nem do Theo. Mesmo que você me afaste e que não consiga mais me amar como antes.

— Amo você, Lys — ele disse, baixo. — Mas agora... amar é uma fraqueza que Malthus pode usar contra mim. E eu não posso permitir isso.

Virei-me para ele. — Então vai deixar que o medo te tire tudo? Até nós?

Silêncio.

— Quando partirmos para o templo — ele disse, finalmente. — Quero você ao meu lado. Mas entenda: não será como antes.

Assenti, engolindo a dor.

— Estarei ao seu lado. Mesmo se você não estiver mais inteiro.

Nos encaramos por alguns segundos. Havia uma trégua silenciosa ali. Um acordo tácito entre o amor e o sofrimento.

Ele se levantou e caminhou até mim, encostando a testa na minha.

— Me perdoa. Por não conseguir ser quem eu era.

— Só volta. Quando isso acabar... volta pra mim.

Ele não respondeu. E eu soube que não era uma promessa que ele podia fazer.

Rhyan se afastou lentamente. A respiração pesada, o olhar perdido.

— Vou tomar um banho — disse, a voz rouca e baixa. — Tentar apagar pelo menos o cheiro da floresta.

Assenti em silêncio. Vi seu vulto desaparecer pelo corredor, os passos arrastados, como se cada um, exigisse um esforço imenso. Assim que a porta do banheiro se fechou e o som da água do chuveiro começou a cair, deixei meu corpo escorregar até o chão da sala, ao lado do sofá.

A casa estava mergulhada em uma penumbra suave, e por um instante, permiti-me parar de ser forte.

Engoli o choro tantas vezes nos últimos dias, que minha garganta parecia marcada por espinhos. E agora, sozinha, deixei finalmente as lágrimas caírem.

Desabei.

As mãos tremiam enquanto eu segurava os joelhos junto ao peito. Soluços curtos, contidos, mas intensos, sacudiam meu corpo como uma criança ferida tentando se esconder do mundo.

A dor que sentia não vinha só da ausência de Theo. Vinha também do abismo crescendo entre mim e o homem que eu amava.

Aquele que um dia me olhou como se eu fosse seu lar, agora me evitava como se minha presença só agravasse sua dor.

E eu entendia. Eu entendia tanto, que doía mais ainda.

Rhyan estava tentando nos proteger, dele mesmo, do que poderia se tornar. E, ao fazer isso, estava se perdendo.

Minhas lágrimas caíam silenciosas sobre o chão frio de madeira. Não queria que ele me visse assim. Não queria ser mais um peso em sua bagagem de dor.

Mas mesmo que eu me calasse, ele sentiria. Eu sabia que ele podia me sentir. E isso me dilacerava.

Havíamos passado por guerras, por perdas. Sobrevivido a batalhas e profecias. E agora... era no silêncio da nossa própria casa, que víamos tudo desmoronar.

— Por favor, Rhyan... volta para mim — sussurrei, sozinha. — Não deixa que essa escuridão leve você também.

Eu soube que ele tinha parado. Soube antes mesmo de levantar o rosto. O laço entre nós, mesmo esgarçado, ainda pulsava. Ele havia escutado. Sentido.

Mas não voltou. O som da água continuou.

E eu continuei ali, no chão, abraçando os cacos do que ainda restava de nós.

## Capítulo 7



# O SUSSURRO DA MAGIA PERDIDA

## Morgan

A escuridão havia se tornado uma velha amiga.

Não sabia mais quantos dias havia passado naquela cela gelada e úmida. Talvez semanas. Talvez meses. O tempo se desfazia entre as pedras sujas da masmorra, como minha esperança. Malthus me envenenava gradualmente com beladona, e embora não fosse o suficiente para me matar, era o bastante para me manter fraca.

O bastante para impedir que minha magia florescesse como antes. O bastante para me manter presa. Silenciosa. Esquecida.

Meu corpo doía, meus ossos estavam mais finos, minha pele marcada pelas correntes. E ainda assim... eu resistia.

A fome me corroía, mas a fúria me mantinha viva.

Ele desapareceu.

Não o via desde o dia em que ouvi explosões ecoando pelas paredes do templo. Alguma coisa havia acontecido. Algo grande. Os guardas deixaram de aparecer. Os sons cessaram. Só restou o silêncio. Um silêncio que gritava nas sombras. Um silêncio que me dizia que tudo havia mudado.

Foi quando senti. A presença. Forte. Selvagem. Familiar.

Cassian. Ariel. Rhyan.

E com eles, uma energia que me atravessou como um raio. Tão única, quanto a minha própria alma. Tão próxima, quanto a lua nas noites mais escuras.

Era ela.

Luna. Minha filha de coração.

Senti sua magia vibrando através das muralhas, como se o sangue em minhas veias respondesse ao chamado dela. Não sabia por que estavam ali. Não sabia se haviam vencido. Se haviam fugido. Se tinham me procurado. Tudo o que eu sabia... é que haviam estado próximos.

E agora... estavam longe outra vez.

Minhas mãos tremiam quando toquei o colar preso ao meu pescoço. Um elo antigo, encantado com magia ancestral. Ele havia sido selado por mim, anos atrás.

Era um pacto. Uma forma de comunicação para um tempo em que palavras não bastassem. Quando fomos separadas, quando precisei fingir minha morte, deixei que ela acreditasse. Foi necessário. Para protegê-la. Para protegê-los.

Mas falhei. Fui capturada antes que pudesse retornar.

E Luna... ela viveu minha morte.

Agora que Malthus havia sumido e o veneno enfraquecia, sentia minha magia pulsando de novo. Como uma brasa prestes a incendiar o mundo. Ainda era pouco, mas era o suficiente. Fechei os olhos. Respirei fundo. Sussurrei o feitiço antigo, com a língua seca e a voz fraca, mas com a alma inteira.

— *Luna...* — chamei, através do colar, através do tempo, através da dor. — *Estou viva.*

Senti a conexão estremecer. Longe, do outro lado do mundo, ela sentiria. Saberá.

Ela me ouviria. E então, o medo se fez em mim.

Ela me odiaria, me culparia por não voltar. Por mentir. Por deixá-la em luto, em desespero. Por não impedir tudo o que

aconteceu depois. Ela havia enfrentado tanto e eu... fiquei em silêncio.

Mas não tive escolha. Malthus me descobriu. O que eu podia fazer? Ele sabia o que eu representava para a profecia. Ele me manteve viva apenas para enfraquecer minha essência. Usar o que restava de mim. Torturar minha alma a cada dia, ouvindo os ecos do que acontecia lá fora.

Eu me encolhi contra a parede fria, sentindo lágrimas escorrerem pelo meu rosto magro. A fome me corroía, mas não mais que a culpa.

Mesmo sem o ver, sabia que Rhyan estava caçando. Que Ariel e Cassian estavam com ele. Que Luna havia sentido algo em mim. Eles estavam perto. A Deusa não os havia abandonado. Ainda não.

Minha visão estava turva. A mente oscilava entre lembranças e realidade. E, no fundo, de tudo, um sussurro... um sussurro que dizia que não havia sido o fim.

A magia ainda estava viva em mim. E se eu ainda respirava, então não estava vencida.

A cada dia que o veneno perdia efeito, minha força voltava. Eu esperaria. Me agarraria àquele fio tênue de conexão. Ao chamado. Ao colar.

Mesmo que Luna não me perdoasse, mesmo que a fúria dela queimasse como o sol, eu precisava dizer. Mostrar. Provar que nunca a abandonei. Que fui arrancada de tudo, mas que nunca deixei de lutar.

Ela virá. Sei que virá. E quando vier... talvez me salve. Ou me destrua.

Mas qualquer uma das opções, será melhor do que este esquecimento.

Porque sou Morgan Faraone. E estou viva.

## Capítulo 8



# ENTRE CINZAS E PROMESSAS

## Rhyan

O sol mal havia nascido quando me levantei.

A noite havia sido breve. O corpo repousou, mas a mente... nunca descansava. Desde que Theo foi levado, cada minuto de “descanso” era uma forma cruel de punição. Não existia trégua. Nem mesmo com Lys ao meu lado, silenciosa, tentando conter a dor que vazava através do laço que nos unia.

Caminhei até a varanda, puxando o ar frio da manhã pelos pulmões. A mata ao redor da casa ainda estava coberta por uma neblina fina. Era o dia. O dia em que voltaríamos ao templo dos Guardiões. O dia em que arriscaríamos tudo para entender o que Malthus escondera nas profundezas.

Ou, com sorte, o dia em que encontraríamos meu filho.

Atrás de mim, ouvi os passos suaves de Lys. Senti seu toque leve em meu ombro, mas não me virei. Não queria que ela visse o que havia sob meus olhos. Aquilo que ela já sabia.

— Eles chegarão em breve? — perguntou.

Assenti.



— Sim. Cassian e Ariel já estavam se organizando. Sam e Luna devem vir com eles.

Ela ficou em silêncio por um momento, antes de murmurar:

— Você acha mesmo que Morgan pode estar viva?

Fechei os olhos. Era a pergunta que não me deixava dormir. A dúvida que nos arrastava de volta para aquele lugar amaldiçoado.

— Não sei. Mas Luna a sentiu... e se existe uma chance, não podemos ignorar.

Ela deslizou os dedos pelo meu braço, mas sentia que havia um abismo entre nós. Não importava o quanto ela se aproximasse. A dor era como um manto entre nós dois. E estava cada vez mais espesso.

Lys se afastou antes que eu dissesse qualquer coisa. Talvez por cansaço. Ou por medo de ouvir que eu já não era o mesmo.

Porque eu não era.

Quando Cassian e Ariel chegaram, já estávamos prontos. Luna e Sam vinham logo atrás, ambas com expressões sérias. O reencontro não foi marcado por palavras gentis ou sorrisos. Era como se todos soubessem que a guerra havia começado.

Cassian me encarou, os olhos castanhos tão duros quanto os meus.

— Vamos juntos. E vamos terminar isso.

Ariel assentiu. Sam se aproximou e tocou o braço de Lys. Não disseram nada. Não era preciso.

Luna veio até mim. Seus olhos foram tornando-se prateados com seu poder se manifestando, fortes como sempre.

— Eu senti, Morgan. E sinto de novo. Fraco, mas presente. Se ela estiver viva... se estiver lá...

— Vamos trazê-la de volta — interrompi. Eu não podia deixar a esperança criar raízes. Esperança demais era perigosa.

A viagem até o templo durou menos de uma hora. Seguimos por rotas ocultas, evitando as trilhas conhecidas, como sombras deslizando entre os véus da floresta. A presença de nossas companheiras fortalecia o grupo e, paradoxalmente, nos tornava mais visíveis, mais expostos.

Seja lá o que nos aguardava, precisávamos permanecer unidos. Mas havia um receio que eu insistia em empurrar para o fundo da mente, como se o silêncio pudesse torná-lo menos real: o laço entre mim e Lys já não era o mesmo.

Estava enfraquecido, corroído por sombras que se instalaram entre nós sem aviso. Um abismo silencioso se abria, cavado por toda a dor e escuridão que compartilhamos. Se tropeçássemos agora, talvez não houvesse volta. E um único erro poderia custar tudo.

Quando finalmente avistamos as muralhas do templo, o céu começava a escurecer, tingindo o horizonte com tons de cinza e âmbar. Era estranho vê-lo novamente, como reencontrar um fantasma do passado. Mas havia algo errado. A pedra parecia sussurrar, como se guardasse um segredo antigo, encravado em cada rachadura.

Mesmo do lado de fora, podíamos sentir a presença de uma magia ancestral, enfraquecida, mas ainda pulsante, oculta sob camadas de silêncio e tempo. E então percebemos: o lugar já não parecia tão abandonado quanto lembrávamos. Havia marcas. Sinais sutis. Eles haviam retornado.

Nos aproximamos em formação. A tensão era palpável, como se o ar ao redor estivesse mais denso, como se o próprio tempo segurasse a respiração.

Ariel foi o primeiro a perceber.

— Os selos foram reforçados. Alguém voltou aqui — disse, com a voz grave, carregada de alerta.

Cassian se aproximou da porta de pedra coberta por runas antigas e agachou-se para analisá-las.

— Esses traços não são apenas antigos... — murmurou, traçando com os dedos uma das inscrições. — Eles foram reativados recentemente.

Ao lado dele, Samantha murmurava encantamentos em voz baixa, seus olhos semicerrados, brilhando com uma luz dourada enquanto tentava decifrar o tipo de energia impregnada no ar.

— Há uma magia aqui que não é apenas protetiva... é de contenção. Algo... ou alguém... foi preso.

Luna permaneceu em silêncio. Seus olhos estavam fechados, o rosto voltado para o nada. Mas havia algo na maneira como sua respiração se acelerava e sua pele se arrepiava, que dizia como ela estava aflita.

Ela começou a andar devagar ao redor da estrutura. Pisava com leveza, como se escutasse passos que ninguém mais podia ouvir. Como se seguisse uma trilha invisível gravada na terra.

Seu corpo parecia guiado por uma força antiga, profunda, como se a energia do lugar pulsasse dentro dela.

— Tem alguém vivo aqui... — sua voz cortou o silêncio, baixa, quase reverente. — Está muito fraco..., mas ainda aceso.

Ariel se virou para ela, preocupado. — Tem certeza?

Ela não respondeu de imediato. Tocou a parede fria com a palma da mão, e então, seus olhos se abriram. Eles brilhavam.

Não como antes, com o poder selvagem da Loba da Profecia. Mas com uma emoção mais... íntima.

Dolorosa.

— É ela — sussurrou. — Morgan.

Cassian se aproximou devagar. — Você consegue sentir?

Luna assentiu.

— Não como antes. É como um eco. Um fio invisível. Ela me marcou com algo que não entendi na época, mas agora vejo. Quando ela me tocou naquela noite, antes de tudo ruir... ela deixou um traço de si em mim. Não para me controlar. Para me *proteger*. Esse traço me chama agora. Está fraco. Quase se apagando. Mas ainda luta. Como ela.

Samantha se adiantou. — Se ela está viva... talvez ainda possamos trazê-la de volta.

— Ou o que resta dela — disse Ariel, sombrio.

Luna recuou um passo, ainda com a mão sobre a pedra. Seu olhar se perdeu por um momento, e então sussurrou:

— Ela não queria ser achada... não assim. Mas agora ela quer ser ouvida.

Cassian a olhou de lado, desconfiado. — Como você pode saber disso?

— Eu *sinto*.

Sam se aproximou e tocou a pedra com Luna. — Podemos abrir. Mas se os selos foram reforçados, é porque alguém *não* quer que ela fale.

Luna apertou os lábios, firme. — Então é exatamente por isso que devemos ouvir.

À noite, acampamos nos arredores do templo. As sombras se alongavam entre as árvores retorcidas, e o vento carregava um silêncio estranho, como se até o mundo contivesse a respiração.

Precisávamos de tempo. Para planejar. Para entender o que nos aguardava além daquelas muralhas e preparar nossa entrada — não apenas contra o que estivesse guardando o templo, mas contra os próprios segredos que ele escondia nas entranhas da pedra e do tempo.

Sentei-me sozinho por um tempo, observando as chamas da fogueira. Lys veio se aproximando, mas parou a poucos passos.

— Você sente raiva de mim? — Ela perguntou, com a voz baixa.

A pergunta me pegou de surpresa. — Por que eu sentiria?

Ela hesitou. — Porque estou viva. Porque Theo foi levado e eu não pude impedir.

Me virei, senti a dor atravessando meu peito como uma lâmina.

— Não diga isso. Nunca. A culpa é de Malthus. De mais ninguém.

Ela se aproximou mais, tocando minha mão.

— Então, por que parece que estou perdendo você? Mesmo com o laço... você está distante. Gelado. Como se já não houvesse espaço para nós.

Fechei os olhos.

— Porque tudo dentro de mim está queimando. Eu não tenho mais luz, Lys. Não sei o que restou de mim. Só dor. Só escuridão.

Ela se aproximou, abraçando-me pelas costas. — Então deixe que eu seja a luz. Nem que seja por mais uma noite.

E assim ficamos. Não como antes. Mas juntos.

Sabendo que, no dia seguinte, desceríamos ao inferno mais uma vez. E desta vez, talvez saíssemos com respostas. Ou com nada.

Mas nunca mais seríamos os mesmos.

## Capítulo 9



### Luna

Há coisas que o tempo, a dor e o medo dilaceram em nós — fragmentos que jamais cicatrizam por completo. Morgan era isso para mim. Um vazio moldado por lembranças, uma ausência viva que latejava em cada silêncio. Perder Morgan me ensinou a conviver com um tipo de saudade, que não se acomoda no peito, que nunca repousa. Apenas existe — constante, crua e irremediavelmente minha.

A primeira vez que entrei na masmorra, o cheiro quase me fez recuar. Ferrugem, urina, sangue seco e magia corrompida. Havia algo grotesco impregnado nas paredes de pedra, como se o lugar tivesse absorvido o sofrimento daqueles que ali foram mantidos por tempo demais.

Cassian vinha ao meu lado, com o maxilar travado e os olhos em brasa. Ariel e Rhyan, um pouco à frente, guiavam os Guardiões capturados para o interrogatório. Kael, Omar e Thayla. Três nomes que traziam o gosto amargo de memórias antigas.

Foi durante o interrogatório com Thayla, que a verdade começou a se despir das mentiras.

— Vocês não entenderiam o que é lealdade verdadeira — ela sussurrou, com os olhos baixos. — Ficamos para proteger o que Malthus nos confiou. Não sabíamos de tudo. Não sabíamos que ela ainda estava lá.

— Ela? — Ariel perguntou, aproximando-se.

Thayla ergueu os olhos. Havia raiva neles, mas também uma centelha de remorso.

— A bruxa. Morgan. Ele a manteve aqui. Escondida de todos. Envenenada com beladona para conter seus poderes.

O mundo parou. Senti o sangue abandonar meu rosto. Minhas mãos tremiam. Cassian me segurou pelos ombros, sua presença era uma âncora em meio ao furacão.

— Não...

— Luna...

Cass tentou me conter, mas eu não podia parar. Corri pelas escadas, pelas galerias escuras, ignorando os gritos atrás de mim. Minha respiração falhava, o coração batia como um tambor de guerra.

E então a vi. Encolhida em um canto da cela, envolta em trapos, o cabelo desgrenhado e sujo, a pele pálida como cera. Os olhos fechados, os lábios partidos.

*Morgan.*

Meu corpo congelou. A raiva, o amor, a dor. Tudo veio de uma vez.

— Não pode ser... — murmurei, me ajoelhando diante das grades. — Morgan?

Ela abriu os olhos. Lentamente. Como se o ato fosse um sacrifício. E, quando me viu, tentou sorrir.

— Luna...

Cassian chegou logo depois. Ariel e Rhyan pararam a poucos passos, em choque. Ninguém se movia. O tempo parecia suspenso.

— Ela está viva... — Ariel sussurrou, como se temesse que dizer em voz alta a desfizesse.

Cass me puxou para trás quando abriram a cela. Ele sabia que eu queria correr para ela, mas o cheiro de beladona ainda pairava, e eu precisava me conter.

Ariel se ajoelhou ao lado dela, examinando seu pulso. Sam conjurou uma luz branda para iluminar a pele marcada por hematomas.

— Vamos levá-la, agora — disse Ariel. — Ela precisa de cuidados.

Observei Cassian carregar Morgan, ela mal pesava. Era como erguer um fantasma.

Enquanto caminhávamos pelos corredores de pedra, Morgan manteve os olhos em mim. Cada vez que eu olhava para ela, era como se uma parte minha se quebrasse.

Quando finalmente a deitamos sobre a maca, Cass segurou minha mão. Seus olhos diziam tudo: alívio, medo, tristeza.

Morgan falou, com a voz quase inaudível:

— Você encontrou o colar...

Assenti.

— Demorou. Demorou demais.

Ela fechou os olhos. Uma lágrima escorreu.

— Eu não queria que fosse assim. Precisei forjar minha morte. Pensei que... que se achassem meu corpo, vocês desistiriam de me procurar. Mas ele me capturou antes que eu pudesse fugir.

— Por que não nos contou? Por que nos deixou? — Minha voz falhou.  
— Sofri tanto...

Morgan tentou erguer a mão, mas não tinha forças.

— Me perdoa...

Cassian me puxou para trás de novo, me abraçando. Eu queria odiá-la. Queria gritar. Mas tudo que saía de mim, eram soluços contidos e o peso da ausência.

Ariel e Rhyan se afastaram, dando-nos espaço. A mágica de cura de Sam se intensificava com os cuidados médicos de Ariel, mas não bastaria.

Eu me ajoelhei ao lado dela.

— Você sabia que ele nos caçaria. Que usaria sua morte como arma.

Morgan assentiu.

— Mas eu sabia que vocês encontrariam o colar. Era a única chance de me comunicar. Demorou, mas funcionou. Vocês vieram. Vocês estão aqui.

O que eu queria dizer era: não é suficiente. Nada do que você diga ou faça, vai tirar essa dor. Mas o olhar de Morgan, tão cheio de arrependimento, me impediu.

Cassian se abaixou ao meu lado e entrelaçou seus dedos aos meus.

— Ela está viva. Isso é tudo que importa agora.

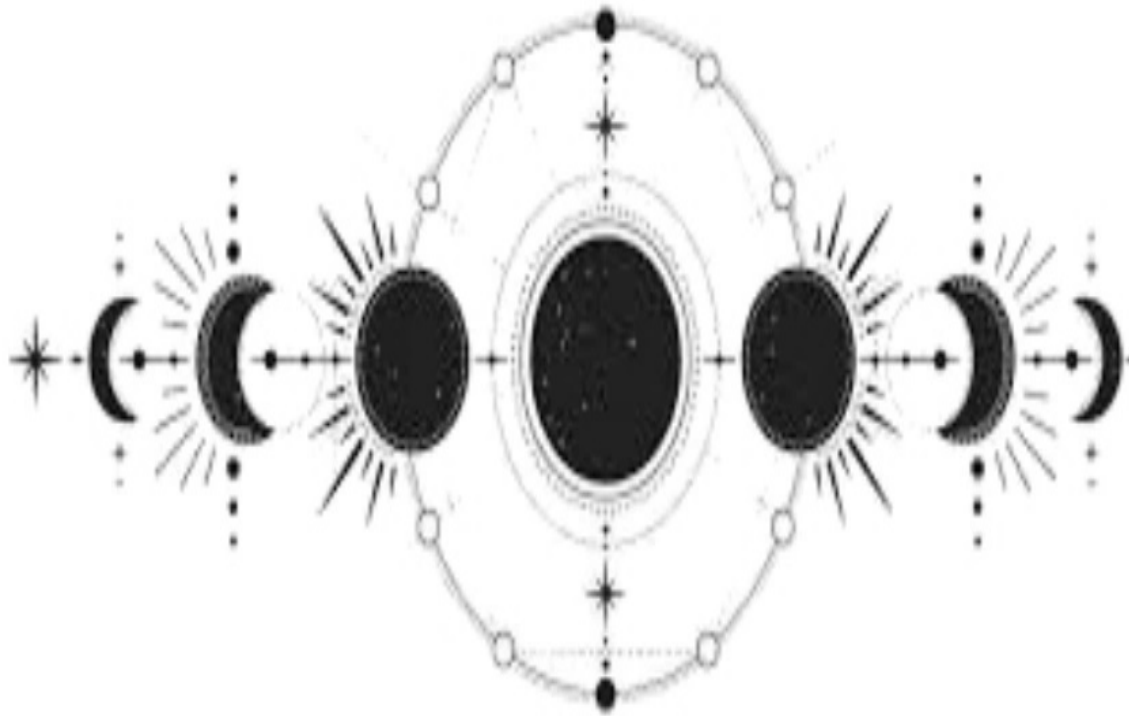
Mas não era tudo. Era o início de uma nova dor.

Morgan voltara, mas a sombra do que ela escondeu ainda pairava entre nós. E agora, com os guardiões capturados e o templo exposto, sabíamos que as respostas estavam próximas.

Mas eu não sabia se queria escutá-las. Não após perder tanto. Não depois de ser obrigada a lembrar, que até mesmo os que amamos, podem



desaparecer. Ou pior: mentir para nos proteger.



Morgan respirava com dificuldade, os olhos ora se fechando, ora se abrindo, como se ela lutasse para se manter presente. Era visível o quanto o veneno e os anos de cativo, haviam consumido do seu corpo, mas havia uma força nos olhos dela que ainda resistia. Uma intensidade que nunca a havia abandonado completamente.

— Você cresceu tanto... — ela murmurou, em voz rouca, tentando sorrir. — Está tão forte, Luna... Eu sinto. Você carrega poder demais agora.

Engoli em seco. Não consegui responder de imediato, eu não queria ouvir as suas desculpas, não ali, não naquele momento. Era estranho ser elogiada por alguém que me deixara quebrada por anos. Mesmo assim, minhas emoções eram um turbilhão. Eu não sabia como agir, era como se meu coração estivesse congelado pelo choque dela estar na minha frente, depois de tudo.

Ela continuou, entre lágrimas:

— Eu te imaginei tantas vezes... Queria que visse o que se tornou. Você... você se tornou tudo o que a nossa linhagem sonhou um dia. — Seu

olhar se voltou para Cassian, que estava agachado ao meu lado. — E está com ele... o lobo que te escolheu.

Cass apenas assentiu, sua expressão dura, suavizou por respeito.

— Ela é minha companheira. Minha Luna. Minha força. — disse, com orgulho e firmeza.

Morgan sorriu, emocionada. — Eu sempre soube que você seria amada por alguém à altura da sua luz.

Fechei os olhos por um instante, tentando conter o nó na garganta. — Engraçado, porque você sempre me dizia que não via nada sobre mim, deve ter sido mais uma das suas mentiras!

— Calma, amor. Pega leve, ela só está tentando conversar, não é hora para isso, não agora. — Cass se aproximou, fazendo um carinho em meu rosto, para que eu me acalmasse.

Respirei fundo.

— Tenho duas filhas — revelei, num sussurro.

Os olhos de Morgan se encheram d'água de novo.

— Gêmeas? — perguntou, como se soubesse.

Assenti. — Sim.

Ela chorou. Não de dor, mas de emoção pura.

— Quero conhecê-las... quando puder.

Queria dizer que sim. Queria prometer isso. Mas havia uma nova ferida recém-aberta, ainda em carne viva.

— Por que não confiou em mim? — Minha voz falhou. — Por que não confiou em nós? Por que nos deixou? Você sabia que eu sobreviveria, que cresceria..., mas me abandonou, me manteve na ignorância por tantos anos... — As lágrimas tomaram conta.

Morgan tentou se sentar, mas seu corpo frágil não obedeceu.

— Não foi escolha, Luna. Achei que fosse morrer. Quando vi que não teria como fugir... Achei que, pelo menos, se acreditassem que eu me sacrificara, eu teria tempo de agir. E eu poderia consertar meus erros.

— Tarde demais para se redimir. — Eu me levantei, senti a dor se transformando em raiva. — Sonhei com você durante anos. Sofri! E mesmo quando você apareceu nos sonhos de Sam, mesmo quando comecei a sentir sua energia, achei que era só saudade ou culpa... Você deixou que eu vivesse com isso!

Cassian se colocou entre nós, não como uma barreira, mas como um pilar.

— Luna...

Ele segurou minha mão e me puxou para junto dele. Sua voz era calma, mas firme:

— Ela está viva. Está aqui. Não apaga o que sentimos, mas precisamos entender tudo antes de julgar.

Rhyan, até então calado, se aproximou das sombras. Havia algo quebrado nele, algo escuro.

Lys se manteve atrás, em silêncio, mas seus olhos estavam cravados em Morgan.

— Se ela sabe qualquer coisa que nos ajude a encontrar Theo, então é melhor que fale agora.

— Theo? — Morgan repetiu, confusa.

A dor atravessou os olhos de Lys como uma lâmina.

— Meu filho. Ele foi levado pelos Guardiões. Os mesmos que te mantinham cativa.

Morgan cobriu a boca com as mãos e a expressão devastada.

— Não... isso não. Isso não era parte de nada...

Rhyan deu um passo à frente. Seus olhos, antes tão cheios de esperança, agora estavam frios.

— Não sabemos o quanto você sabia. Ou no que acreditava. Mas agora... você vai colaborar.

Morgan o encarou, assustada.

— Claro que sim. O que vocês precisarem. Eu não sabia... juro que não sabia.

— Antes de qualquer coisa — disse Ariel, com a voz firme. — Você precisa se recuperar. Continua intoxicada. Está desnutrida. Vamos cuidar de você, mas ficará sob vigilância.

Ela assentiu, exausta.

— Eu... eu só quero entender o que está acontecendo. Saber de vocês. Saber quem perdemos. Quem restou.

Cassian baixou o olhar por um instante.

— Há coisas que ainda vai descobrir. E não vai ser fácil.

Morgan olhou para mim.

— Me diz... Liar e Sara?

Minhas lágrimas voltaram a cair, silenciosas.

— Morreram... protegendo nossos filhos.

Ela desabou. Seu corpo frágil se encolheu sobre si.

— Não... não... — Seus sussurros rasgavam o silêncio como punhais.

— Eles eram minha família. Meus irmãos de alma.

Minha raiva esmoreceu por um segundo. A dor dela era real. Mas, mesmo assim, o abismo entre nós parecia fundo demais. Cass me abraçou por trás, mantendo meu corpo trêmulo firme.

— Ei, já chega de se martirizar, ela está sendo cuidada, vocês têm muitas coisas para conversar, mas tudo ao seu tempo.

Lentamente, os outros saíram da sala, deixando apenas nós e Morgan, que adormeceu logo depois sob os efeitos dos cuidados de Ariel e de Sam.

Fiquei ali por um momento, observando o rosto envelhecido da mulher que um dia foi minha guia. Minha tia. A figura que me tirou do inferno, para viver um caos. Ela estava viva. E com ela, também estavam vivas todas as perguntas que precisavam de resposta. Mas por hora, eu só precisava ir para casa, acolher minhas filhas e me aconchegar nos braços de Cass.

## Capítulo 10



# CINZAS DO MEU NOME

## Rhyan

O cheiro de ferrugem, suor e medo, impregnava o ar da sala de pedra. Eu os observava em silêncio, os olhos fixos em cada movimento, cada pulsar de veias expostas no pescoço dos traidores. Kael, Omar e Thayla. Ainda respiravam, por enquanto.

O grilhão de prata nos tornozelos deles, fazia um tinido incômodo, e minha paciência estava pendurada por um fio, tão fino quanto a linha entre a razão e a fúria que me corroía por dentro.

— Vamos tentar mais uma vez — minha voz saiu baixa, rouca de tanto conter o grito preso. — Onde está Malthus? O que ele quer com meu filho?

Omar desviou o olhar. Kael apertou os lábios, a garganta se moveu quando engoliu em seco. Thayla estremeceu. O medo estava ali. Tão real que quase se podia tocar.

— Você acha que vai nos amedrontar com ameaças, Rhyan Corvill? — Kael tentou soar firme, mas sua voz falhou no fim.

Avancei. Em dois passos, eu o agarrei pela gola da túnica suada e o ergui contra a parede com força suficiente para rachá-la.

— Isso não foi uma ameaça. Foi uma promessa. Vou matá-lo. E se vocês continuarem escondendo a verdade, não serão os únicos a cair.

Os olhos dele se arregalaram, o cheiro de medo se intensificou.

— Ele não é como nós! — Omar gritou, com a voz falhando. — Você acha que o seguimos por convicção? Foi medo. Sempre foi medo. Ele nos caçou, nos forçou a segui-lo. Disse que sabemos demais. Que não haveria lugar para nós no novo ciclo.

— Que novo ciclo? — exigi, com os olhos faiscando.

Thayla falou, com os olhos baixos: — Malthus... ele dizia que a profecia estava errada. Que vocês não eram os verdadeiros *Escolhidos*. Que a redenção precisava vir do caos. Mas... nem ele sabia de onde vinha. Nunca falou de onde tirava aquela força.

Kael engasgou com o próprio medo.

— Ele... ele nos mantinha à margem. Fugiu sozinho. Nos deixou aqui para morrer.

Estreitei os olhos, a raiva em minha voz era fria e cortante.

— Se ele deixou vocês para trás, por que ficaram esperando por ele no templo, como se soubessem que ele voltaria?

Kael hesitou por um segundo, antes de baixar o olhar.

— Nós juramos fidelidade acima de tudo... Isso nos prende a ele, com medo ou sem medo. Somos fiéis. Sabíamos que havia algo guardado nas masmorras... só não sabíamos que era Morgan.

O grito que saiu de mim foi selvagem. A fera dentro de mim não suportou mais a contenção. Minhas mãos tremeram, os ossos estalaram, e em um instante, meu corpo cedeu à transformação.

O lobo surgiu, furioso e quase incontrolável, a fera me dominava.

Garras rasgando o chão de pedra. Presas expostas em um rosnado de pavor.

Eles recuaram, gritando, enquanto minha fúria se materializava em dentes e pelos acastanhados.

Ninguém tentou me deter.

Corri pelos corredores da antiga fortaleza, como um raio furioso. A mata me acolheu, e o cheiro de terra molhada me atingiu como um tapa.

Corri.

Corri como se minhas patas pudessem me levar para longe da dor. Para longe de Liar. Sara. Theo e Lys também.

O nome do meu filho era uma ferida aberta. Cada pensamento sobre ele era uma lâmina que me dilacerava por dentro. Onde estava? O que estavam fazendo com ele? O que ele sentia? Medo? Frio?

E Lys?

A dor que me unia a ela também me partia. Sentia sua fraqueza, como se a distância entre nós fosse um abismo. Sua dor, sua saudade. E o medo... de me perder para a escuridão que me devorava a cada dia.

Não sou como Cassian. Não sou como Ariel.

O sangue prateado não corre em minhas veias. Sou um dos *Escolhidos*, mas não sou um deles. Não tenho os dons que eles receberam.

E parte de mim começava a se perguntar...

Será que eu queria?

Se a dor me tornava perigoso, o poder me tornaria letal.

Meu coração era um campo queimado. Não havia alegria nele. Não havia esperança, tudo era consumido pelas chamas. Apenas uma vingança fria e uma sede de justiça que me cegava.

Eu era apenas um lobo. Uma criatura em fuga de si mesma. Perdido na dor e na escuridão que me moldava em ódio e vingança.

Eu uivava para as árvores. Para a lua. Para os deuses que havia nos abandonado.

O som era bruto, desumano. E ainda assim, era tudo o que eu conseguia fazer.

A dor precisava sair. As folhas dançavam ao meu redor, o vento uivava em resposta. Mas não havia paz.

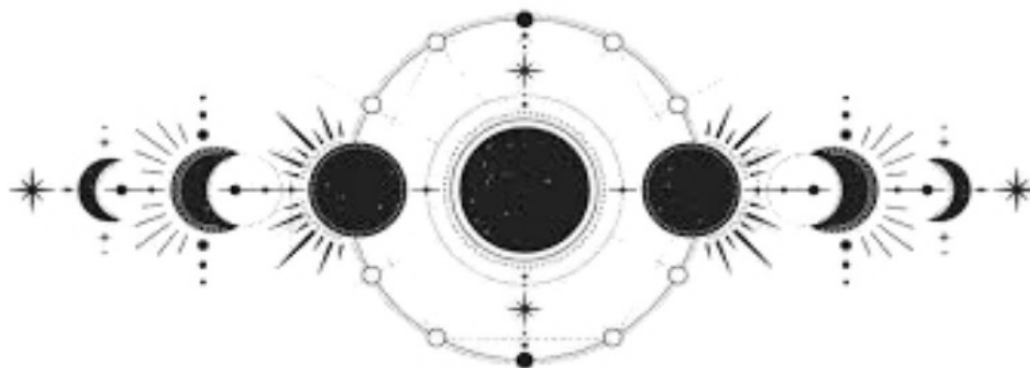
Não enquanto Theo estivesse fora do meu alcance. Não enquanto eu não arrancasse o coração de Malthus com as minhas próprias presas. E se para isso eu precisasse da mesma escuridão que me assombrava... que assim fosse.

Porque eu não vou parar. Não vou descansar. Não vou ser pai, nem filho, nem marido.

Serei a maldição dele.

E quando meus dentes tocarem a pele daquele maldito, ele vai saber...

Rhyan Corvill não veio para suplicar e sim para destruir.



## Lys

Eu odiava o silêncio da fortaleza.

Não aquele silêncio natural das árvores ou do vento entre as montanhas — mas o silêncio forçado que pairava no ar quando os gritos cessavam e tudo que restava era o vazio.

Estava sentada em uma das salas laterais, uma das poucas onde ainda sentia o cheiro de Liar e Sara. O cheiro de família. Agora, tudo cheirava a perda. A morte. A sangue.

Samantha ajoelhava-se diante de mim, as mãos envoltas em uma luz tênue, que dançava como poeira dourada. Sua magia era suave, mas firme. Quente, mas distante. Ela tentava estabilizar minha respiração, diminuir o peso no meu peito. Mas o que me sufocava, não era físico.

— Ele se foi de novo — sussurrei, com a voz fraca. — Eu senti quando ele rompeu a conexão, mesmo que por segundos. A cada vez



que ele se afasta, sinto meu corpo enfraquecer. Como se meu coração perdesse o ritmo e tudo em mim se tornasse instável.

Sam acariciou meus cabelos, e por um instante, me permiti fechar os olhos. Mas, ao fazê-lo, tudo que vi foi a expressão de Rhyan, antes de desaparecer na floresta. O ódio em seus olhos. A dor rasgando seu rosto.

— Ele vai voltar, Lys — disse Sam, com aquela voz calma que ela usava para esconder a própria dor. — Rhyan não está perdido. Só está... tentando respirar.

Abri os olhos novamente. Estavam secos. As lágrimas já haviam deixado sua marca na minha pele pálida.

— Você viu como ele está? Aquilo não é mais apenas dor. É escuridão. Ele está submerso, e não tenho certeza se consigo nadar a uma profundidade adequada para alcançá-lo. Não com Theo longe. Não com tudo... quebrado assim.

Sam apertou minhas mãos entre as dela, senti a magia pulsando ritmadamente agora.

— Você é forte para enfrentar isso, Lys. Já enfrentou guerras, perdas, mortes... — Ela me olhou com ternura e firmeza. — Rhyan está ferido, sim. Mas ele tem você. Ele tem um lar. Vocês ainda têm um ao outro.

Balancei a cabeça, engolindo a revolta que se formava na garganta.

— Ele não está aqui. Você entende isso, Sam? — Minha voz vacilou. — Ele não está aqui comigo. Nem com Theo. E cada vez que ele se transforma, cada vez que corre sem rumo na floresta, ele se distancia mais. Eu não consigo mais alcançá-lo. E o pior... o pior é que parte de mim, está começando a desistir de tentar.

Samantha ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, respirou fundo.

— Theo vai sentir. — Ela não disse como uma suposição. Era uma verdade cravada no sangue. — Ele vai sentir que o pai está em colapso. As crianças percebem, mesmo que não saibam nomear. E se Rhyan cair...

— Se Rhyan cair — interrompi, com a voz embargada. — Eu não sei se consigo segurá-lo. E se eu cair com ele? E se tudo isso... essa dor... levar a gente para um lugar sem volta? Estamos ligados, se um de nós se for, o outro vai junto, e eu já não tenho certeza da força que ainda me resta.

Sam tocou minha testa, deixando a magia pulsar contra minha pele.

— Olha para mim, Lys. — Esperei um segundo antes de erguer os olhos. — Ele vai encontrar o caminho. Mas às vezes, para isso acontecer, ele precisa se perder primeiro. E você... você não vai cair. Porque Rhyan vai voltar. Porque você não está sozinha. E, porque o amor de vocês, continua aqui. Mesmo coberto de lama, dor e sangue.

Abaixei os olhos. Meus dedos apertaram os dela com mais força.

— Eu só queria que ele me ouvisse. Que entendesse que a fúria dele não precisa virar uma prisão. Que a dor dele também é minha. Que ele não precisa se punir sozinho por tudo que perdemos.

— Talvez ele precise ouvir isso de você. E não com palavras. Mas com presença. Com amor. Com firmeza também.

Assenti, mesmo sem saber como fazer isso, quando ele nem me deixava chegar perto.

— Ele não tem o sangue prateado dos irmãos — murmurei, mais para mim do que para ela. — Mas carrega a mesma profecia. E se esse poder acordar nele agora, no estado em que está... eu não sei o que ele pode se tornar.

Sam me olhou com um tipo de compaixão que não era piedade — era entendimento.

— Talvez seja essa a diferença. Ele não precisa do sangue. Ele é a ponte entre a dor e a redenção. Rhyan é o que acontece quando um coração partido escolhe lutar em vez de destruir. Só que agora... ele está tentando decidir.

Fechei os olhos, sentindo a mágica de Sam me cercar.

— Então tudo que posso fazer é esperar?

— Esperar. Mas não em silêncio. Chame por ele. Mesmo quando parecer que ele não escuta. Porque, no fundo, ele escuta. Ele sempre

escuta você.

Deixei que as lágrimas voltassem. Silenciosas. Quentes.

Sam não soltou minha mão.

E mesmo em meio ao caos, à distância e o vazio que ameaçava me consumir, algo em mim se recusava a desistir dele.

De nós.

Um laço não se quebra, somos um.

## Capítulo 11



### Malthus

Estou isolado nesta cabana miserável há semanas. Escondido no coração das montanhas, envolto por neve e floresta cerrada, ela não passa de um abrigo improvisado, mas me protege o suficiente para manter meus perseguidores longe. Por enquanto.

O menino delira em febre. Seus pequenos murmúrios preenchem a escuridão, como se chamassem algo que eu não compreendo. Todas as noites — sem exceção — ele sussurra:

“Ela vai voltar.” Ela vai voltar.”

Seus olhos, quando se abrem, brilham como se enxergassem além deste mundo. Quem é ela? A mãe? Lys? Alguma entidade que ele vê em sonho? Talvez... a Deusa.

Mas isso não importa. Não agora. O que importa, é que ele não tem o sangue de prata, não é um dos *Escolhidos*... e ainda assim, a magia dentro dele pulsa com um poder sutil e inquietante.

Eu sinto. A cada dia, a cada noite, como se seu próprio corpo drenasse o pouco de magia que me resta. Ele é como um imã,

sugando o que me mantém de pé. Se eu continuar assim, serei consumido por completo. Tenho que me livrar dele.

Mas não posso simplesmente abandoná-lo. O cheiro dele é marcante. Os Alfas vão farejar. E se ele morrer sob meus cuidados, será o fim. Preciso ser inteligente. Astuto. Preciso deixá-lo o mais próximo possível de Corvill, sem me expor. Talvez eu possa pagar um lobo errante. Ou hipnotizar algum idiota solitário. Alguém que não faça perguntas. Alguém que aceite um filhote febril nos braços e o leve para perto dos seus.

E depois disso, preciso recuperar a bruxa.

A maldita. A loba que deixei desacordada no templo. Ela ainda vive. Eu sentiria se estivesse morta. Ainda pulsa magia dentro dela. E se eu conseguir alcançá-la antes que os Guardiões ou os Corvill a encontrem, posso usar sua magia para me fortalecer. Com ela ao meu lado, tudo muda. Posso desaparecer de verdade. Posso recuperar o que perdi.

Mas tenho que ser cauteloso. Eles me caçam. Os Alfas estão mais selvagens do que nunca. Se me virem, se sequer sentirem meu cheiro, será o fim. Eles não vão hesitar. E a cada noite, sinto que me aproximo um pouco mais desse destino.

A cabana não é mais segura. Os feitiços de proteção estão fracos. Estou fraco. O frio penetra meus ossos. Meu corpo treme às vezes, como se estivesse envelhecendo em ritmo acelerado. A presença do menino só piora tudo. A cada sussurro dele, a cada chama de febre, sinto como se ele estivesse anunciando minha ruína.

Mas ele também é uma chave. Se for devolvido, se for recuperado pelos seus, todos os olhos se voltarão para ele. E eu poderei me mover. Poderei agir. Poderei desaparecer com a bruxa, antes que descubram sua importância.

A maldita deusa... Tudo é culpa dela.

Desde que seus olhos me encontraram, desde que me tocou pela primeira vez, minha sorte virou. Como se minha existência tivesse sido redesenhada, apenas para servir aos seus planos. Mas eu não sou peão. Não mais.

Ela vai pagar.

Um dia, eu voltarei. Fortalecido. Com magia roubada, com sangue ancestral, com o poder que eles temem. E quando eu pisar em Corvill novamente, não será como um fugitivo. Será como um arauto da destruição.

Antes que os Alfas acabem comigo, ela descerá à Terra. E, quando o fizer, acertaremos nossas contas.

Mas, por agora... preciso sobreviver.

Amanhã, partirei com o menino. Encontrarei um lobo estúpido o suficiente para fazer a entrega. Usarei o pouco que me resta de magia para me esconder no templo, ao amanhecer, descerei a montanha e encontrarei um dos clãs errantes que circulam entre as fronteiras. Um lobo bastardo deve bastar. Pagarei com mentiras, ou com sangue, se for preciso. E então... irei até ela.

A bruxa. A mulher enviada pela Deusa para me vigiar.

Sim, Morgan.

Ela nasceu com um único propósito: ser os olhos da maldita no mundo mortal. Mas Morgan era mais do que isso. Ela era o prenúncio da profecia. A mensageira da ruína e da salvação para a raça lupina. Seu poder... se igualava ao meu. Talvez o ultrapassasse.

Eu a aceitei na Ordem dos Guardiões, mesmo sem a marca, porque sabia da extensão do seu poder. Ela era útil. Poderosa. E durante um tempo, controlável. Mas se rebelou. Se tornou perigosa. Sua lealdade nunca foi minha, e sim da Deusa. E o pior de tudo... ela sempre soube quem eu era. Desde o início.

Por isso eu nunca pude matá-la. Porque ela conhecia o segredo. E agora, acabar com ela também será a minha sentença de morte.

Morgan sempre soube. Sempre me olhou como se visse além do que sou. Como se me conhecesse, antes mesmo de eu nascer. E talvez conhecesse.

Agora, eu a domino. Ela é minha prisioneira. Minha chave. A ponte entre o que fui e o que sou hoje. Com ela ao meu lado, posso ascender novamente. E finalmente... destronar a Deusa. A maldita que me isolou neste mundo medíocre, tirando de mim tudo: poder, autonomia, identidade.

Ela me transformou em sombra. Mas serei tempestade.

Morgan será o elo. E, com a magia dela, abrirei as portas para o novo ciclo. Um ciclo meu. Onde não há escolhidos. Onde não há maldições.

Me livrarei do filhote. E então, começarei o novo plano.

Quero respostas. E se a bruxa souber, ela vai me dizer. Nem que eu precise arrancar de dentro dela.

Amanhã tudo mudará.

## Capítulo 12



### **Samantha**

O silêncio na casa era denso, como se cada parede absorvesse a dor dos últimos dias. Desde o enterro de Sara e Liar, cada passo ecoava como um lamento. Mesmo o som dos ventos do lado de fora, parecia contido, respeitoso. Eu me movia entre os corredores com cautela, meus dedos envoltos em magia quase constante. Havia muitos feridos, tanto no corpo, quanto na alma.

Mas nenhum mais do que Lys e Rhyan.

Lys se recusava a descansar, a comer direito. Às vezes cuidava das gêmeas, ajudando Luna para amenizar a sua falta, mesmo com os olhos exaustos, o semblante sombrio.

Rhyan não ficava em casa desde o ataque, raramente aparecia. Sua ausência deixava um vazio difícil de ignorar. Eu a observava, preocupada, enquanto conferia uma das barreiras mágicas ao redor do quarto das crianças.

Quando senti a aproximação de Ariel, virei-me devagar, tentando esconder o peso que eu também carregava.



— Está tudo certo com elas? — ele perguntou, com os olhos escurecidos pela preocupação.

— Sim... por enquanto — respondi. Fiz uma pausa, depois encarei meu companheiro. — Ariel, eu preciso falar com a Morgan.

Ele franziu a testa.

— Acha que ela já está forte o suficiente?

— Não é sobre isso — suspirei. — É que Luna ainda não consegue encará-la. Mas Morgan sabe coisas que nós não sabemos. Coisas que podem nos ajudar agora. Lys... está tentando se manter firme, mas está se esgotando. E Rhyan... Rhyan está à beira de ruir. Eles não podem continuar assim.

Ariel assentiu, mesmo relutante. Ele também carregava o peso da perda, a dor do luto e o medo pelo futuro.

— Venha — disse ele. — Ela está em um dos quartos no andar superior.

O caminho até Morgan foi silencioso. Ao entrarmos, encontramos a mulher deitada, pálida, mas acordada. Seus olhos escuros se abriram lentamente ao sentir nossa presença.

— Você voltou — murmurou Morgan. — Eu senti.

— Eu nunca fui embora de verdade, apenas me ausentei para cuidar de Lys — respondi com suavidade, aproximando-me. — Preciso da sua ajuda.

Morgan tentou se sentar. Ariel a ajudou, mas se manteve em silêncio.

— É sobre Rhyan? — Ela perguntou, como se já soubesse.

— E sobre Theo — completei. — E Luna. E Lys.

A menção ao nome de Luna, fez os olhos de Morgan se voltarem para a janela.

— Ela ainda não veio me ver.

— Ela virá — garanti. — Mas primeiro, precisamos entender. Rhyan se perdeu de novo. Theo está desaparecido. A profecia ainda não terminou, não é?

Morgan inspirou profundamente.

— O último chamado é de Rhyan. Sempre foi. Mas sua alma... é a mais fragmentada entre os *Escolhidos*. Ele carrega escuridão, onde antes era pura luz. Vive em conflito, e esse conflito pode destruí-lo se não for resolvido.

— E Theo? — A voz que surgiu atrás de nós era de Lys, que se aproximou devagar, segurando o colar de Luna, que havia deixado de usar depois da morte de Liar. Seus olhos estavam vermelhos, mas firmes. — Luna tem uma ligação com os *Escolhidos*. Theo é meu filho. E de Rhyan. Você acha que... talvez... a magia dela possa sentir onde ele está?

Morgan não respondeu de imediato. Seus olhos se estreitaram.

— A conexão existe. É tênue, mas real. Luna foi se fortalecendo com o tempo. Descobrimo sua magia, aprofundando-a. Ela se tornou o centro da teia mágica que sustenta os *Escolhidos*. Tudo passa por ela. Mas usar essa conexão, exigirá muito dela e, se estiver instável, pode levá-la a se perder, ou pode ser em vão.

— Mesmo que seja uma tentativa em vão, vale a pena tentar — disse eu, encarando Lys.

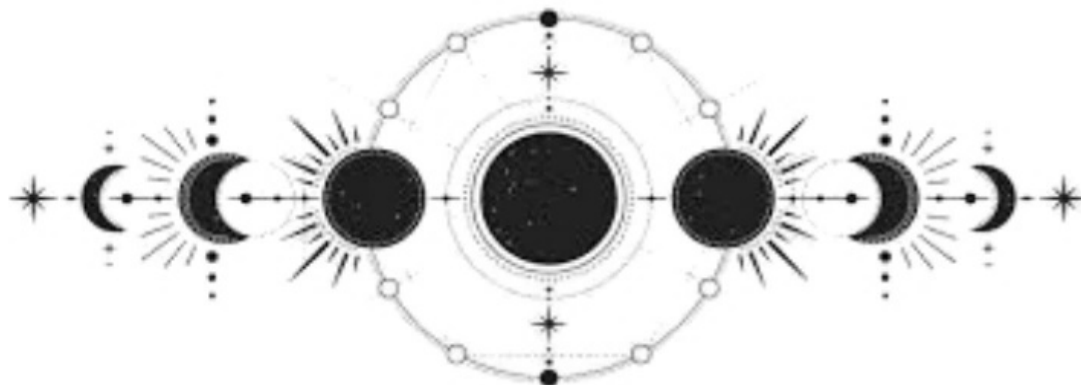
— Concordo — murmurou ela. — Não vou perder meu filho sem lutar.

— Conversarei com Luna agora mesmo, e Ariel, acho que você e Cass devem ir atrás de Rhyan e trazê-lo para casa, a presença dele será importante.

— E se ele não quiser vir?

— Você e Cassian são os Alfas mais fortes e poderosos, acham que não conseguem trazê-lo? Não me decepcionem!

— Se a minha parceira manda, eu cumpro. Disse Ariel, me dando um beijo e saindo.



## Ariel

A noite despencou densa, com a lua cheia se erguendo como uma guardiã silenciosa no céu de Corvill. Quando me afastei da casa, já sentia a presença de Cassian à minha espera na entrada da mata. Seu lobo agora era quase todo branco, com olhos prateados faiscando sob a luz, aguardava em silêncio, imponente. Me despir da forma humana nunca foi apenas uma transformação. Era um renascimento, um retorno à essência, ao instinto.

Quando meu corpo mudou, senti cada fibra, cada osso se moldar ao que sou por dentro: fera, irmão, guerreiro.

Cassian me esperou, paciente. Assim que minha forma de lobo tomou controle, ele partiu, e eu o segui — dois lobos das antigas linhagens, cruzando a floresta como sombras velozes. A terra sob nossas patas parecia pulsar, viva, ressoando com a dor que ainda pairava no ar. Os ventos carregavam o cheiro da perda, mas também a esperança que Rhyan representava.

Cassian liderava com firmeza, mas o conheço bem o suficiente para sentir a tensão em seus movimentos. Não era apenas preocupação com o nosso irmão mais novo. Era medo. Medo de perdê-lo para sempre, Rhyan era nossa alegria, a corda que nos puxava em momentos difíceis e agora, ele se perdia em suas próprias sombras.

Corremos por horas, guiados pelo rastro que Rhyan deixava involuntariamente. Sua energia era distinta, marcada por uma dualidade dolorosa — luz e sombra, redenção e desespero. Por fim,

encontramos o vestígio mais forte em um vale isolado, entre árvores antigas e uma clareira cercada por pedras cobertas de musgo.

Cassian parou primeiro, seu corpo rígido. Então o vi: Rhyan, na forma humana, ajoelhado à beira de um riacho. Sua cabeça pendia, os cabelos úmidos caindo sobre o rosto. Estava imerso em silêncio, alheio ao mundo.

Quebrado.

Voltei à forma humana lentamente. Cassian me seguiu.

— Rhyan — chamei, com a voz baixa, mas carregada de tudo que eu sentia.

Ele não se virou de imediato. O som do riacho preenchia o espaço entre nós como um véu. Quando ele finalmente nos olhou, seus olhos estavam vazios, como se sua alma tivesse partido com Theo.

— Por que vieram?

— Porque você não pode ficar aqui sozinho — respondeu Cass, direto. — Porque precisamos de você. Porque Lys precisa de você e Theo.

Rhyan apertou os punhos, a dor em seu rosto explodiu como uma rachadura em vidro.

— Falhei com eles. Com ela. Com Theo. Com os nossos pais.

— Não. — Me ajoelhei diante dele, forçando-o a olhar para mim. — Você sobreviveu a uma dor que ninguém deveria suportar. E está aqui. Isso não é fraqueza. É coragem. É força.

— Não me sinto forte — sussurrou ele, com a voz falha. — Sinto como se tudo estivesse em pedaços dentro de mim.

Cassian se aproximou devagar. Depois de muito tempo, ele não era o Alfa inabalável. Era apenas o irmão mais velho, vulnerável diante da dor do caçula. Ele se agachou ao lado de Rhyan e, sem dizer nada, o abraçou. Um abraço forte, bruto, mas cheio de amor, lembrando muito o abraço que nosso pai sempre nos dava quando estávamos vulneráveis.

Por um instante, Rhyan resistiu. Depois, desabou.

O som do choro dele rasgou a noite. Cassian e eu o seguramos, sem pressa, sem julgamentos. Chorar era necessário. Era libertador. Nós também choramos com ele. Choramos por Liar, por Sara, por Theo, por nós. Três irmãos unidos não apenas pelo sangue, mas por uma ferida que nunca iria cicatrizar por completo.

Quando o choro cessou, restou apenas o som da água correndo e o calor de estarmos juntos ali. Um elo que nenhuma dor conseguiria romper.

— Lys ainda te espera — falei. — Ela está lutando, Rhyan. Ela não desistiu. Está mais forte do que nunca, mesmo carregando o mesmo luto que você. E você sabe por quê?

Ele me olhou, silencioso.

— Porque ela te ama. Porque ela acredita que Theo ainda pode ser salvo. Porque ela sabe que você é mais do que a dor que você carrega. Você é esperança. Você é um dos *Escolhidos*. E seu chamado ainda não terminou.

Cassian assentiu.

— A profecia não termina, até que cada um de nós encare o próprio chamado. E o seu... só virá ao lado dela. A dor está te consumindo, porque você está tentando enfrentá-la sozinho. Mas não precisa mais fazer isso. Não agora.

Rhyan respirou fundo. Encarou o céu por um momento, como se solicitasse forças à lua. Seus olhos estavam diferentes quando voltou a nos olhar — ainda sombrios, mas com uma centelha de luz. Uma pequena fagulha.

— Vocês me acham mesmo capaz... de continuar?

Cassian sorriu, um daqueles raros sorrisos que ele guardava para momentos assim.

— Eu não *acho*. Eu *sei*.

Rhyan assentiu devagar. Depois, levantou-se. Nós também nos erguemos, como se aquele simples movimento, selasse um pacto antigo.

— Então vamos para casa.

Transformamo-nos novamente em lobos. Desta vez, Rhyan veio conosco. O lobo dele era o último a correr, mas não o mais fraco. Ele

corria como quem redescobre o próprio caminho, como quem se recorda de quem realmente é.

Cada passo, uma afirmação: ainda não acabou. Ainda havia muito a ser feito.

Atravessamos a floresta na velocidade do vento, os três irmãos, como era no início. A dor ainda estava ali, mas a motivação havia mudado.

Quando finalmente cruzamos os limites da sua casa, Lys já nos esperava na varanda. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver Rhyan, mas ela não correu até ele. Ficou ali, firme, esperando que ele a escolhesse.

*E ele escolheu.*

Na forma humana, Rhyan caminhou até ela, parando diante da mulher que era seu refúgio e sua força. Lys ergueu a mão, e ele a segurou com as duas, apertando, como se estivesse se ancorando.

— Me perdoa por ir embora — disse ele, com a voz embargada.

— Você voltou. Isso é tudo o que importa.

Eles se abraçaram, um abraço silencioso, mas poderoso. Cassian e eu nos afastamos, respeitando o momento.

## Capítulo 13



### Luna

Estava em casa com as meninas, sentada no tapete da sala, enquanto Cass preparava o nosso almoço. As gêmeas brincavam com os blocos de madeira, rindo e empilhando um sobre o outro, como se o mundo inteiro estivesse ali, seguro e contido entre aquelas pequenas formas coloridas. Por um momento, tudo parecia normal. Por um instante, quase esqueci a escuridão que se espalhava por trás da nossa fronteira.

Então, a porta se abriu com um ímpeto contido. Sam entrou, os cabelos presos de qualquer jeito, os olhos fixos em Cass. Havia força demais na forma como ela segurava os próprios punhos, tentando manter o controle.

— Ariel precisa de você — disse, sem rodeios. — Vocês vão atrás de Rhyan. Ele te encontrará na entrada da floresta.

Cass assentiu e seus olhos buscaram os meus. Ele sabia que precisava ir. Eu também sabia.

Sam o aguardou sair e esperou as gêmeas estarem entretidas o bastante com os brinquedos. Depois, se sentou ao meu lado, e seu

olhar carregava não somente o cansaço ou medo, mas também trazia uma urgência.

Ela me contou tudo. Sobre o que pretendia fazer, sobre Lys. Sobre a esperança desesperada que se agarrava àquela possibilidade de encontrar Theo por meio da minha ligação com eles. Eu não era vidente. Nunca havia sido. Mas as minhas habilidades estavam crescendo desde que compartilhei meu poder com Cassian e depois com ela e Ariel. Desde que tudo começou a se mover em direção à profecia.

Eu não podia recusar. Não por ela, mas por mim. Eu era mãe. Eu sabia o que significava perder um filho, mesmo que temporariamente. Sabia a dor de não os ter nos braços. Aquilo atravessava as barreiras do que era lógico ou possível.

Aquilo era amor.

Quando Cass retornou, ele não me perguntou nada. Apenas segurou minha mão e juntos partimos para a casa de Rhyan e Lys.

O silêncio na casa era denso. As paredes pareciam absorver a dor, cada móvel carregava a ausência de Theo. A presença de Morgan estava lá, discreta, ainda fraca, mas atenta a mim. O incômodo que ela me causava era indescritível, mas eu o engoli. Havia uma prioridade maior ali.

Olhei para Rhyan e meu coração quase parou. Sempre o vi como luz, como chama. Agora, ele era sombra. Seu rosto, antes cheio de vida, carregava o vazio de quem perdeu tudo. Havia um buraco dentro dele, que parecia ter sugado todas as cores.

Quis abraçá-lo. Quis dizer que estava ali, que ele não estava sozinho. Mas mantive-me neutra. Qualquer gesto impensado, poderia fechá-lo ainda mais.

Meu corpo começou a vibrar. Senti o poder se agitar dentro de mim, como se... se preparasse para emergir. Meus olhos mudaram, eu sabia. Do castanho habitual, para o prateado cintilante, que sempre surgia quando o meu dom se manifestava sem controle.

Aproximei-me devagar. Senti ambos. Lys, frágil, em pedaços, tentando segurar a própria esperança com mãos trêmulas e Rhyan,



um campo de batalha. Era como se houvesse uma tempestade dentro dele. Sombras e luzes em guerra constante.

Peguei as mãos dos dois.

Fechei os olhos. Pensei em Theo. Eu não sabia o que aconteceria, apenas me concentrei e deixei que fluísse. Então um flash me atravessou com a força de um raio. E por um minuto, o vi.

Theo. Tão pequeno e frágil. Seus olhos estavam semiabertos, como se lutasse contra o sono ou contra a própria ausência. Estava fraco. Mas vivo. Eu o sentia. Não como uma lembrança ou uma projeção. Mas como se ele fizesse parte de mim. Parte do que sou.

Ele era um de nós. Filho dos *Escolhidos*. A nova geração. O elo que selava tudo.

Soltei a mão de Lys, que começou a chorar, como se um pequeno alívio tivesse sido liberado dentro dela. Sam e Ariel correram para ampará-la.

Mas com Rhyen... eu não consegui o soltar.

Segurei sua mão com força. Nossos olhares se cruzaram. Os olhos dele, antes opacos, começaram a brilhar em dourado. Um brilho que me fez lembrar quem ele era. O líder. O Alfa e guerreiro.

Eu o senti. Seu coração pulsava forte. Mas ao redor dele, as sombras se contorciam. Eram memórias. Culpas. Dores. Traumas.

Minhas lágrimas escorreram sem permissão.

Fechei os olhos e mergulhei em minhas lembranças. Revirei minhas recordações para lembrar de tudo o que presenciei entre ele e Lys. As pequenas cenas que talvez nem eles lembrassem. O toque de mãos num jantar. Como ele dizia o nome dela. O dia em que ele confessou para Cass que havia encontrado a sua casa nela. As risadas. Os silêncios.

Projetei essas imagens para Rhyen. Pude sentir seu corpo se contraindo. E então, as lágrimas dele também vieram.

Um clarão explodiu ao nosso redor. Era como se a energia condensada de tudo aquilo que ele conteve, finalmente se libertasse. As sombras se dissiparam. Lentamente, como fumaça que se entrega ao vento.

Ele soltou minhas mãos, atônito.

E meu corpo cedeu. Cass correu para me amparar, antes que eu tocasse o chão. Tudo girava. Senti uma fraqueza profunda, como se tivesse entregado uma parte de mim para salvá-lo.

Mas havia paz. Uma paz nova. Era como se uma engrenagem tivesse voltado ao lugar certo.

Fui me recuperando lentamente. Abri os olhos e vi Ariel me examinando, com os olhos sérios e preocupados. Toquei seu braço.

— Estou bem — murmurei.

Rhyan se aproximou. Me olhando como se tentasse entender o que aconteceu. Então me abraçou. Forte. Verdadeiro. Ficamos assim por um tempo.

Depois, ele se virou para Lys.

Agora era com eles.

Comecei a caminhar, apoiada em Cass. Ariel e Sam carregavam as meninas, adormecidas e alheias a tudo que havia acontecido. Estávamos quase saindo, quando Morgan se aproximou e segurou meu braço.

Seu toque era gelado, mas firme. Seus olhos, intensos.

— Precisamos conversar, Luna. Há coisas que você precisa saber. Agora que está pronta.

Eu a encarei.

Por um segundo, considerei ouvir. Por um segundo, quase cedi. Mas os sentimentos dentro de mim ainda estavam se organizando. Ainda havia uma parte minha, que não conseguia se abrir. Não agora. Não, depois daquilo tudo.

Respirei fundo. Olhei para ela e apenas disse:

— Ainda não.

## Capítulo 14



### Lys

Tudo o que aconteceu foi avassalador. Mas o pouco de alívio que tive ao saber que meu filhote estava vivo — que ele voltaria — acalmou, mesmo que por um instante, o meu coração esvaado.

Quando todos se foram, restamos apenas nós dois.

Eu e Rhyen. Meu esposo. Meu lobo. Meu amor.

Ele estava diante de mim — exausto, abatido, mas ali. E, pela primeira vez em muitos dias, eu pude senti-lo mais leve. Ainda partido, mas respirando com menos peso.

Não vou negar: havia receio em mim. Medo de que ele se afastasse novamente. Medo de não o reconhecer mais entre as sombras que haviam se instalado em seu olhar.

Mas a saudade que eu sentia dele... era maior do que qualquer hesitação.

Era um grito silencioso. Uma urgência que queimava na carne e na alma.

Eu precisava sentir o seu toque para me ancorar. Precisava do seu cheiro, da sua presença, do som da sua respiração para lembrar que ele ainda era meu.

Só meu.

Ele me olhava. E suas lágrimas escorriam sem pudor, como as minhas. Nosso silêncio era tão cheio de dor e saudade, quanto de amor.

— Me perdoa, meu amor... — ele sussurrou, num soluço. — Eu te amo, Lys. Preciso de você.

Não respondi com palavras. Beije-o. Longa e intensamente. Com tudo o que eu tinha. Com tudo o que restava de mim.

Seus braços me apertaram, como se quisessem colar cada pedaço meu que havia se partido.

Nossas bocas se perderam uma na outra, matando a fome de dias vazios, de noites sem pele, sem calor, sem nós.

Seu toque era um ancoradouro. Sua respiração ofegante era o ar que eu respirava.

Seu corpo... era a minha fortaleza. E como eu precisava dele.

A saudade nos consumia como fogo em floresta seca. Nossos corpos gritavam um pelo outro.

A ausência de todos esses dias, marcava presença em cada movimento desesperado, e tudo o que queríamos, era preencher os buracos que o luto, a dor e a solidão cavaram em nós.

Minha pele pegava fogo sob o toque dele e minha loba uivava, urrava, clamando por ele.

E ele correspondia. Com fúria, com entrega, com o desespero de quem quase perdeu tudo.

Seus toques eram brutos e firmes.

Rasgando minha roupa, provando cada parte de mim, com vontade, com necessidade. Nada mais existia além de nós.

Ele bebia do meu corpo e eu ofegava, querendo mais.

Querendo tudo.

— Eu amo você, Rhyan — sussurrei entre suspiros.

Ele não disse nada e nem precisava. Seus gestos falavam tudo o que eu precisava ouvir.

Eu sentia o que ele sentia.

Fogo.

Paixão.

Entrega.

Tesão.

Rhyan entrou em mim, como só ele sabia fazer: profundo, forte, intenso. Como eu gostava. Como meu corpo pedia. Como minha alma implorava.

Éramos um, entre beijos, lágrimas e saudades.

Sentir Rhyan dentro de mim novamente, era como se a vida voltasse a soprar ar em meus pulmões. Como se os pedaços da minha alma, antes espalhados pelo chão da dor, fossem se encaixando — um a um — na cadência dos nossos corpos.

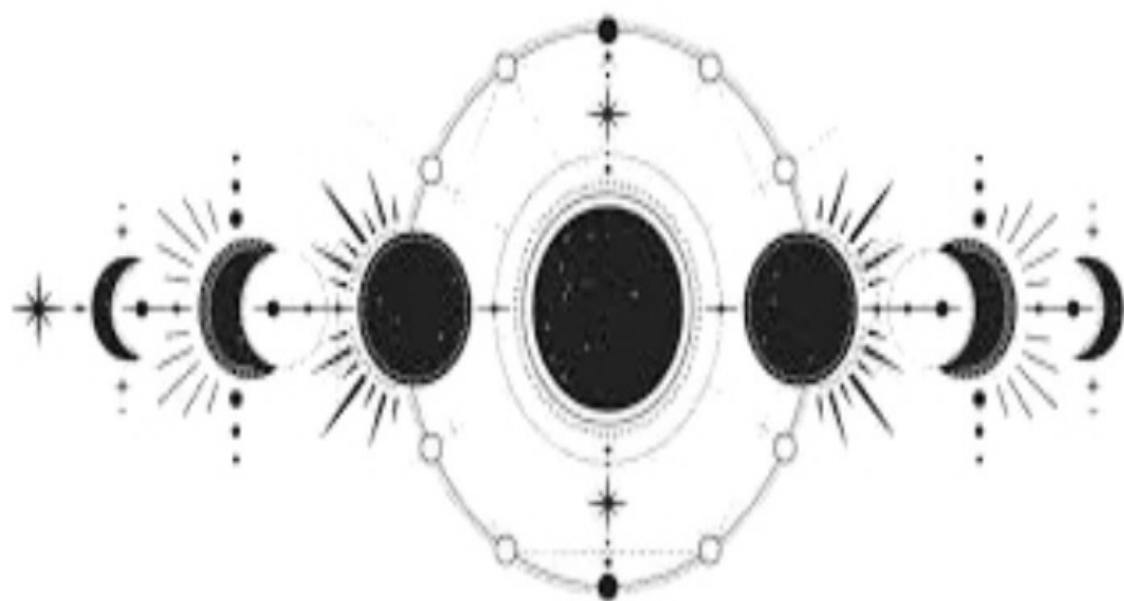
Ele gemia em meu ouvido.

E eu me entregava inteira.

Acaricieei seu corpo, puxando-o para mim, para mais perto, para dentro. Para que ele nunca mais se afastasse.

Para que nunca mais esquecesse que aqui era o lugar dele.

Em mim. Comigo.



## Rhyan

Ela estava ali.

A mulher que me conhecia melhor do que eu mesmo. A loba que me amava, mesmo quando eu me tornava a pior versão de mim. Ela estava ali. Quebrada, cansada, mas inteira o suficiente para me amar ainda assim.

Depois de tudo, após ter perdido quase tudo que mais importava na minha vida, eu não sabia como me aproximar. Minhas mãos tremiam. Meu peito ardia com o peso de tudo o que não pude dizer. Mas ela me olhava. E naquele olhar, não havia julgamento. Só amor.

Eu não merecia aquilo. Eu não sentia que ainda a merecia. Mas a única coisa que meu coração sabia, era que eu precisava dela mais do que de qualquer redenção.

— Me perdoa, meu amor... — minha voz saiu num fio, embargada pela dor que rasgava meu peito. — Eu te amo, Lys. Eu preciso de você.

E então, ela me beijou...

Não um beijo qualquer. Não um alívio passageiro. Foi um reencontro de almas. Um grito calado. Uma promessa selada sem palavras.

Quando nossos corpos se tocaram, eu senti. Tudo.

O amor que ainda existia. A saudade que nos corroía. A dor que precisávamos exorcizar. Eu me agarrei a ela, como um homem se agarra à última esperança de não afundar. Suas lágrimas misturavam-se às minhas, e após tanto tempo, eu senti que estava vivo.

Eu a desejei com desespero. Não por luxúria — mas por saudade, por amor... ou por sobrevivência, eu não sabia explicar.

E ela me recebeu inteira. Sem reservas nem medo.

Seus olhos diziam mais que qualquer palavra. Eu vi neles o quanto ela sofreu com minha ausência. O quanto minha frieza a feriu. E, ainda assim, ela me abraçava como quem reencontra o lar.

Eu a beijei, como se cada parte dela fosse sagrada. Como se meu corpo só lembrasse como respirar ao tocá-la. E quando nossas peles se encontraram, quando nossos corpos se uniram como se fossem um só... eu soube. Ela ainda era minha. E eu ainda era dela.

Por mais que o mundo ruísse e tudo parecesse desmoronar, Lys era minha rocha. Minha mulher. Minha cura.

Fui bruto, sim. Porque a dor não sabe ser gentil. Mas cada toque meu era uma confissão. Cada gesto, uma súplica muda para que ela não desistisse de mim. Para que nunca mais soltasse a minha mão.

Quando me afundei nela, senti as sombras que me acompanhavam se dissiparem por completo. Cada gemido, cada suspiro, cada arrepio, era como uma âncora que me trazia de volta para a superfície e me iluminava como raios de sol.

— Eu amo você, Rhyann — ela disse, e aquilo me quebrou de novo.

Porque, mesmo depois de tudo, ela me amava. E eu a amava com uma força tão primal e tão avassaladora, que nenhum inferno conseguiria destruir.

Fiz amor com ela como se fosse a primeira vez.

Com reverência.

Com fúria.

Com gratidão.

Lys me puxava para perto, como quem suplicava por eternidade. Suas unhas arranhavam minha pele, seus olhos brilhavam com paixão, dor e saudade. Mergulhei em seu corpo, como um lobo faminto pela única coisa que poderia salvá-lo.

Ali, entre seus braços, eu me lembrei de quem eu era. Lys era minha lembrança mais vívida de quem fui, e minha esperança de quem ainda podia ser.

Nos perdemos um no outro. Por horas. Por séculos. Por eras. Não houve tempo, nem realidade. Só nós dois.

E quando nossos corpos finalmente repousaram lado a lado, ofegantes, suados, exaustos... ela encostou a testa na minha e sorriu. Aquele sorriso pequeno, quebrado, mas cheio de amor. O tipo de sorriso que diz: "Eu continuo aqui".

Meus olhos ardiam, mas não de dor. Era alívio. Era amor e redenção.

Passei os dedos por seus cabelos, sussurrei promessas que não dependiam mais de palavras e apenas a segurei forte. Como se meu toque fosse o elo que manteria nossas almas unidas até o fim dos tempos.

Ali, naquela noite, eu entendi o verdadeiro significado da nossa marca. Não era só um laço de pele. Era alma, sangue e eternidade.

E eu faria qualquer coisa para honrar isso. Para merecer, todos os dias, o amor daquela mulher que se deitou ao meu lado, mesmo depois de conhecer todos os meus abismos.

Lys era minha salvação. E eu, enfim, havia voltado para casa.

## Capítulo 15



### Malthus

O frio da floresta ao redor da cabana, me castigava mais do que o normal naquela noite. Sentia cada sopro do vento como uma lâmina cortando minha pele, mas não era o clima que me dilacerava. Era a culpa.

Desde que deixei o abrigo dos Guardiões, permaneci escondido com Theo. Um lugar afastado, seguro o suficiente para que ninguém nos encontrasse, mas sombrio demais para manter a sanidade. As paredes de madeira estavam impregnadas de silêncio e lembranças. Lembranças do que fiz. Do que me tornei.

O menino dormia em um dos colchões improvisados no canto da sala, coberto por mantas que consegui reunir. Theo respirava irregularmente, o rosto pálido e o corpo pequeno envolto em suor frio. Os olhos fechados tremiam sob as pálpebras, e às vezes, ele murmurava coisas desconexas. Aquilo não era apenas febre. Eu sabia. Theo era especial. Filho dos *Escolhidos*. Um dos novos. A força que pulsava nele era diferente. Eu podia sentir, mesmo tentando negar.

O peso das minhas próprias ações me esmagava. A lembrança de Liar agonizando, de Sara desabando ao sentir o rompimento do laço. Eu não havia planejado aquilo. Não com aquela brutalidade. Me senti desesperado, havia uma linha que jamais deveria ser cruzada. E eu cruzei.



— Eu matei os avós dele — murmurei, fitando Theo. Como posso esperar que ele me perdoe? Como posso esperar que eles o façam?

Mas ele precisava ser devolvido. Era o que importava agora para que eu pudesse continuar meus planos.

Preparei a pequena mochila com alguns itens essenciais e envolvi Theo em uma manta mais grossa. O garoto tremia, mas não reagia. O tempo corria contra nós, e eu sabia, que se demorasse demais, talvez Theo não sobrevivesse.

Sabendo que não podia aparecer diante dos Corvill — nem diante de Ariel, que me caçaria ao menor sinal — fiz o que precisava. Enviei um lobo de confiança. Um forasteiro, sem laços com os Guardiões, eu paguei a ele com tudo o que eu tinha. Levei horas para encontrar alguém disposto. Mas, a essa altura, pouco me restava a perder.

Entreguei Theo nos braços dele com instruções claras:

— Você o levará até o limite da floresta. Não entre no território. Eles virão até você. Diga que um aliado desconhecido o encontrou... ou que encontrou o filhote sozinho..., qualquer coisa. Mas não mencione meu nome.

O lobo assentiu, relutante, olhando para Theo, como se não soubesse o que carregava. E era melhor que não soubesse mesmo. Talvez fosse melhor assim.

Vi quando ele desapareceu entre as árvores com Theo nos braços. E esperei. A tensão me consumia por dentro, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Apenas confiar que ele cumpriria sua parte.

Da sombra entre as árvores, observei o momento da entrega. Ariel surgiu primeiro, com os olhos acesos e prateados, pronto para qualquer ataque, farejando o perigo, antes mesmo de enxergá-lo. Sam veio logo depois, os cabelos desgrehados, os olhos fundos pela exaustão que era nítida em seu rosto, mas firmes. Ela correu, assim que viu Theo, arrancou-o dos braços do lobo com um grito preso na garganta.

Ariel, por outro lado, avançou sobre o mensageiro como uma tempestade.

— Quem mandou você? — Ele rosnou, com os dedos já se fechando no pescoço do estranho.

— Eu não sei nomes. Juro. Só fui pago para trazê-lo até aqui. — O lobo tentou se desvencilhar, mas Ariel era uma muralha viva.

— Se ele morrer... irei atrás do desgraçado que o tirou de nós. E vou matá-lo. Entendeu? — disse entre os dentes, cuspidando a fúria que vinha engasgada há dias.

O lobo só assentiu, tremendo, sendo solto com um empurrão que quase o jogou ao chão. E então fugiu, desaparecendo floresta adentro.

Sam já examinava Theo, com Ariel logo atrás, checando sinais, encostando os dedos na testa do menino.

— Ele está muito fraco... precisamos levá-lo, agora. — Sam disse, com a voz embargada.

Ariel lançou mais um olhar na direção por onde o lobo havia sumido — por onde eu observava, invisível, como um espectro da própria culpa.

E então, o ouvi murmurar, baixo, mas com uma convicção cruel:

— Diga a Malthus que isso não acabou. Se eu o encontrar, ele não sairá vivo.

A frase me atravessou como uma faca. Mas não havia espaço para mágoas. Ele tinha razão. Eles todos tinham.

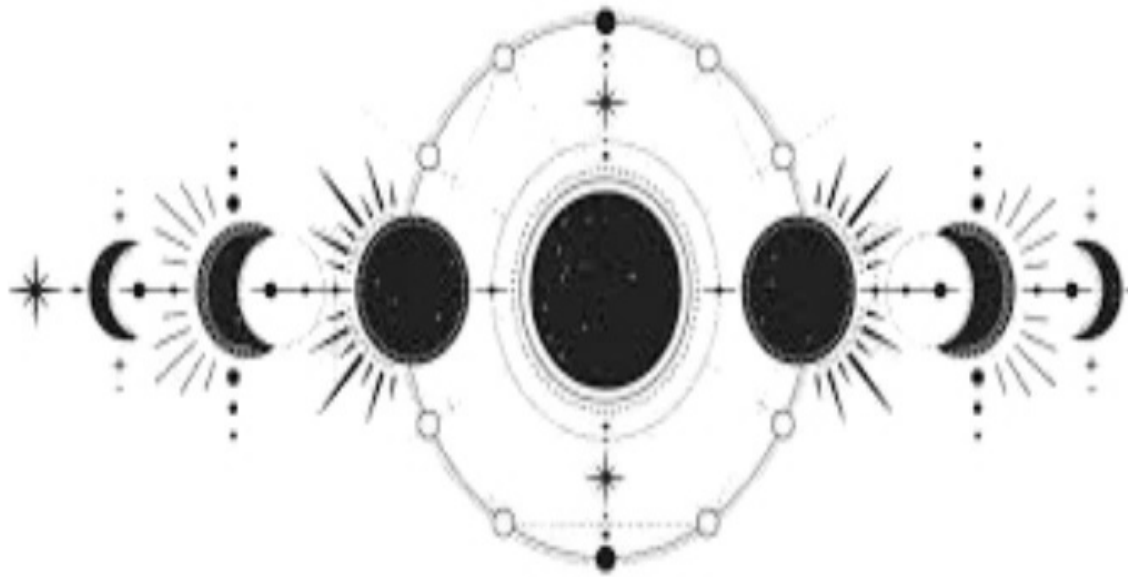
Observei até que sumissem entre as árvores, correndo de volta para onde Theo teria chance de viver.

E permaneci ali, sozinho, entre as sombras que me conheciam tão bem. A mata parecia me engolir, como se fosse parte da minha punição. Os galhos estalavam ao meu redor, mas nenhum ser ousava se aproximar. Eu era mais fera do que homem agora. Mais espectro do que corpo.

E, mesmo assim, segui adiante. Meus pés se arrastavam pela lama, sem rumo certo, apenas me afastando... cada vez mais.

"Se eu pudesse morrer..." pensei, fitando o céu turvo entre as copas das árvores. "Seria uma bênção. E não uma tragédia."

E, com esse pensamento, desapareci entre as árvores, levando comigo os fantasmas que criei.



## **Ariel**

Corremos por entre as árvores com Theo em meus braços. Eu ia à frente, sentindo meu corpo mover-se guiado por uma determinação que não era apenas vontade. Havia uma força extraordinária que me impulsionava para frente, como se o sangue gritasse para que eu não deixasse que nada nos impedisse de prosseguir.

Meu coração martelava no peito com um único pensamento: ele não pode morrer.

Cada passo parecia uma eternidade. Cada respiração de Theo, abafada nos meus braços, era um lembrete de que estávamos por um fio. Eu o sentia oscilando entre dois mundos, e não sabia se conseguiríamos mantê-lo aqui conosco.

Quando nos aproximamos da casa de Rhyan, senti um nó apertar minha garganta. Lys já estava à porta. Ela deve ter sentido. Era mãe. E mães sabem.

Os olhos dela buscaram o filho. E, quando viu o rostinho de Theo, suado, pálido, frágil... um grito rasgou a noite. Um grito que me atravessou como uma lâmina.

Lys caiu de joelhos. Me abaixei com cuidado, como quem devolve uma parte perdida de uma alma.

Theo abriu os olhos, oscilando entre a consciência e o delírio. Sua voz saiu fraca, mas clara:

— Mamãe...

Meu coração quase parou. O som — o sussurro — foi como ouvir a esperança em estado vivo.

Lys o envolveu num abraço desesperado. O tipo de abraço que segura o mundo inteiro no peito.

— Estou aqui, meu amor... a mamãe está aqui...

Rhyan surgiu correndo, desorientado, mas quando viu Theo, caiu de joelhos ao lado da esposa. A dor no rosto dele foi substituída por um choro abafado, um soluço que carregava a dor da perda e o milagre do reencontro. Meu irmão — o mais novo entre nós — agora se curvava diante de seu filho, como um homem despedaçado que enfim, reencontra o que mais amava.

Theo ergueu a mãozinha fraca, tocando o rosto do pai.

— Papai... ela está vindo...

Naquele instante, o ar pareceu congelar. Olhei para Sam, e ela também me fitava, com olhos arregalados. Theo não estava apenas delirando. A energia ao nosso redor havia mudado.

Algo — ou alguém — estava se aproximando.

— O que ele quis dizer com “ela”? — Rhyan perguntou, com a voz embargada.

— Não sei... — respondi, com o olhar ainda preso ao menino. — Mas a profecia está em movimento. Ele sente isso. Todos nós sentimos.

As peças estavam voltando ao tabuleiro. E agora, não havia mais como recuar.

Theo havia voltado. E o que quer que estivesse vindo... estava sendo anunciado por ele.

## Capítulo 16



### Ariel

Theo estava deitado na cama de lençóis claros, respirando com dificuldade, os olhos fechados, enquanto pequenas gotas de suor escorriam por sua testa.

Eu me mantinha ao seu lado, com os dedos firmes sobre seu pulso, sentindo a frequência instável que me deixava em alerta. A febre persistia, mas eu sabia que aquilo não era apenas físico. Era emocional. E era profundo.

— Ele sente falta dos pais — murmurei, olhando para Sam, que preparava uma infusão de ervas do outro lado do quarto. — A ausência deles causou essa febre. A mente dele está tentando proteger o corpo, mas há mais do que saudade aqui...

Ela assentiu, com os olhos cansados. Sam era um alicerce. Desde que toda a tragédia aconteceu, ela não se permitiu descansar, mesmo quando suas mãos tremiam de exaustão. Seu rosto trazia sombras de noites sem dormir e preocupações não ditas, mas ela continuava firme. Sempre ali, sempre presente.

— Ariel... ele continua dizendo a mesma frase — disse ela, baixando a voz. — “Ela está vindo.” Já repetiu três vezes desde que amanheceu.

Meu estômago se revirou. Não era apenas uma frase solta. Havia algo na forma como Theo dizia isso, como se estivesse escutando um sussurro de algum lugar distante. Como se alguém estivesse realmente vindo.

Rhyan e Lys estavam próximos, em silêncio. Lys segurava uma das mãos de Theo, seus olhos estavam marejados, enquanto Rhyan mantinha a postura rígida, como se quisesse controlar o mundo ao redor com a força da sua presença. Estavam mais calmos agora que o tinham de volta, mas a inquietação ainda pairava.

— Ele vai ficar bem? — Rhyan perguntou, pela terceira vez naquela manhã.

— Vai. Só precisa de tempo. Ele precisa sentir que está seguro.

Coloquei uma compressa fresca sobre a testa do menino e toquei seu peito com a mão espalmada. — O corpo dele está reagindo à energia ao redor. Talvez até... absorvendo.

— Energia da floresta? — Lys perguntou, olhando para Sam.

Sam assentiu devagar.

— Tenho sentido uma energia diferente, mas ainda não consegui distinguir o que possa ser. Como uma força antiga, que parece ter sido despertada. E está nos usando, e a Theo, como canal.

Foi então que Morgan se aproximou. Estava ali desde a noite anterior, observando em silêncio, como uma presença etérea, inquietante. Seus olhos escuros analisaram Theo, com uma intensidade que me causou arrepios. Ela ainda estava enfraquecida, mas havia uma sabedoria em seu olhar, que eu não conseguia — ou não queria — entender completamente.

— Posso tocá-lo? — ela perguntou, com a voz baixa, quase reverente.

— Para quê? — disparei.

— Porque entendo o que está acontecendo. A Deusa está tentando se comunicar por meio dele. E a mensagem... não é para nós. É para Malthus.

Rhyan deu um passo à frente. A menção daquele nome acendeu a raiva em seus olhos.

— Se ele voltar aqui, eu mesmo vou arrancar o coração dele com as minhas mãos.

Morgan manteve a calma, sem recuar.

— Vocês não podem matá-lo. — Seus olhos fixaram-se em Rhyan com firmeza. — Malthus não é como os outros. Vocês não fazem ideia do que ele é.

— E você faz? — rosnei, erguendo o corpo.

Ela assentiu, vagarosamente.

— Sei mais do que gostaria. E sei que ele está... diferente. A energia de Theo o tocou. Ele está enfraquecido. Por hora, não oferece perigo. Temos uma pequena trégua.

— Trégua? — Rhyan bufou. — Ele matou nossos pais, Morgan. Levou o meu filho. Você acha mesmo que vamos aceitar isso?

— Eu não pedi que aceitassem. — Ela se aproximou da cama, seus dedos pairaram sobre o peito de Theo. — Só estou dizendo que a guerra final não é com ele. O verdadeiro inimigo continua em silêncio.

Ficamos todos quietos por um instante. Sam veio até meu lado, e eu senti quando ela segurou meu braço, como se me implorasse para deixá-la tentar. Dei um pequeno passo para o lado.

Morgan tocou a testa de Theo, e ele sussurrou novamente:

— Ela está vindo...

— Ele está ouvindo a voz da Deusa — ela disse. — E ela quer que estejamos preparados. Precisamos nos reunir quando ele melhorar. Há coisas que preciso contar... coisas que escondi. Mas agora, estou aqui para me redimir. Para cumprir meu papel.

Lys olhou para ela, com os olhos vermelhos.

— E o que você quer dizer com isso... que o perigo não vem de onde parece?

Morgan respirou fundo.

— No momento certo, vocês entenderão. Até lá, descansem. Trabalhem o emocional de vocês. Principalmente você, Rhyan.

Rhyan arregalou os olhos.

— Por que eu?

— Porque o chamado agora é seu.

— Eu não sei o que fazer. — Sua voz falhou. — Não tenho o poder dos meus irmãos. Nem sei se quero ter.

— Você tem o que precisa. — Morgan pousou a mão no ombro dele. — Só precisa se recompor. O luto mexeu demais com você. Mas seu tempo está chegando.

Ele desviou o olhar, como se quisesse fugir da responsabilidade. E eu compreendia. Rhyan sempre carregou o fardo do dever silenciosamente, mas agora, ele precisava de mais do que força. Precisava de fé.

Sam se ajoelhou ao lado de Theo e começou a cantar uma antiga canção de cura, baixinho. Sua voz preenchia o quarto com uma doçura sagrada. Theo parecia relaxar um pouco mais a cada nota. Fiquei ali, observando cada movimento, sentindo a pressão da responsabilidade apertando meu peito.

Morgan, por fim, se afastou, sentando-se em um canto do quarto.

— Vou descansar. Preciso estar inteira para o que está por vir. A tempestade se aproxima... e não é feita de vento ou trovões. Preparem-se.

Ficamos todos em silêncio após sua partida. Apenas a voz de Sam e a respiração lenta de Theo, preenchiam o ambiente. A chama da lareira crepitava suave, iluminando os rostos exaustos e ainda esperançosos.

Passei a mão pelo cabelo e me permiti um suspiro. Sabia que Morgan falava a verdade.

Uma tormenta estava chegando.



## Capítulo 17



### Rhyan

Theo se restabeleceu em uma semana. Sua febre cedeu, os delírios pararam, e logo meu pequeno furacão estava de volta, cheio de energia e louco para ver as primas, Ayla e Maya. Ele era insistente, como sempre. Bateu o pé, até que Cass veio buscá-lo. Theo praticamente voou em direção ao tio, correndo pela casa com aquele sorriso arteiro que sempre me desmonta, enquanto Cassian ria e fingia que não conseguia alcançá-lo.

Lys estava parada próxima à porta, observando tudo, com aquele olhar que misturava alívio e apreensão. Seus olhos seguiam Theo e Cass, atentos, protetores, maternos. Eu a observava de longe, como se a visse pela primeira vez. Era inacreditável como ainda me encantava com cada gesto seu. Como pude me afastar dela? Como deixei que a dor me transformasse em alguém tão distante daquilo que sempre fomos?

Eu a amo. Amo com uma intensidade que me rasga por dentro.

*"Nossa história sempre foi improvável. Nos conhecemos desde filhotes. Lys sempre foi briguenta, destemida, falava o que pensava, sem medo das consequências. Uma loba de espírito livre, que nunca se encaixava nos moldes tradicionais da vila. Na adolescência, nos aproximamos como amigos. E só isso. Ela era linda, claro. Sempre foi uma das lobas mais bonitas de Corvill. Tinha aquele cabelo claro, cheio de ondas, os olhos azuis como o céu sob a luz do sol. Ríamos muito juntos, e*

*talvez por isso, eu nunca a enxergava como uma possível parceira. Ela era minha melhor amiga, e eu não queria perder isso.*

*Com o tempo, amadurecemos. Saímos da vila, seguimos nossos caminhos, cursamos faculdades diferentes. Mas sempre nos víamos. Ela vivia pegando no meu pé pelas minhas farras, pelas minhas escolhas impulsivas. Eu provocava e ela retrucava, e no fim, ríamos de tudo. Era uma dança constante, como se estivessemos nos provocando sem saber.*

*Mas foi quando Luna chegou à vila, que tudo começou a mudar. Não sei se foi a energia da profecia, se foram os ventos novos que ela trouxe, mas algo em mim despertou. E, com isso, comecei a olhar Lys de um jeito diferente. Ela parecia... mais. Mais mulher, mais loba, mais minha.*

*Na noite em que Luna se transformou, Lys entrou no cio. Eu não esperava. Havíamos passado a tarde em Waterford, comprando coisas para Luna. Risos, provocações, nosso costumeiro jogo de empurra-empurra verbal. Quando voltamos para Corvill, já era noite. Eu estava exausto. Tomei um banho, pronto para me jogar na cama, então senti.*

*O cheiro.*

*Amêndoas e canela. Quente, inebriante, viciante. Era como um estalo no meu instinto. Um chamado primitivo, que fez meu coração acelerar e meu lobo emergir em alerta. Eu sabia controlar os instintos quando as lobas entravam no cio. Sempre soube. Mas com Lys foi diferente. Havia um chamado a mais. Uma urgência, um desejo bruto que me corroía por dentro.*

*Abri a porta de casa, como quem atravessa um limite sem volta. E ela estava lá. Parada, me olhando como se me visse pela primeira vez também. Seus olhos estavam dilatados, os lábios entreabertos, o peito subindo e descendo com dificuldade. A lua iluminava seu rosto e tudo nela parecia gritar meu nome.*

*Não houve palavras. Não precisou haver.*

*Ela correu para os meus braços e nos beijamos, como se o mundo fosse explodir a qualquer instante. Com fúria. Com desejo. Com a urgência de quem esperou demais sem saber. Nossos corpos se encaixaram, como se tivessem sido moldados um para o outro. Eu a peguei no colo e a levei para dentro, sem parar de beijá-la. As mãos dela puxavam meu cabelo, arranhavam minhas costas, enquanto as minhas, percorriam cada curva sua, como se precisassem memorizar cada centímetro.*

*Eu a queria. Com uma necessidade que doía. Não havia mais nada no mundo. Apenas Lys. Meu lobo rugia dentro de mim, pedindo por ela.*

*Pedindo para marcá-la. Para torná-la minha para sempre. E eu soube que ela era minha predestinada.*

*Naquela noite, não fizemos amor. Não era amor ainda. Era posse. Desejo. Instinto. Entrega absoluta.*

*Lys se entregou a mim com a mesma fúria. Ela não era suave. Era selvagem. Me empurrava, mordia, montava em mim como uma loba em pleno cio, e eu deixava, adorava. Cada toque, cada gemido, cada arranhão dela, me acendia ainda mais. Quando a penetrei pela primeira vez, ela arqueou o corpo e gritou meu nome, como se fosse uma oração. Estar dentro dela era como estar em casa, senti onde era o meu lugar, o meu mundo.*

*Seu corpo se acomodava ao meu, como se fosse feito sob medida, somente para mim. Cada estocada, cada gemido, era uma confissão de entrega, era insano, louco e desmedido, mas era real. E eu não queria estar em outro lugar que não fosse dentro dela.*

*E então, no auge do êxtase, ela cravou os dentes no meu ombro.*

*A dor veio como um estalo, seguida por uma onda de prazer tão intensa, que me fez perder o fôlego. Era diferente de tudo. Uma corrente elétrica atravessou meu corpo, conectando cada célula minha à dela. Senti meu lobo rugir, inteiro, reivindicado.*

*— Você é meu, Rhyan Corvill — ela sussurrou contra minha pele, ofegante. — Sempre foi. Sempre será.*

*Aquelas palavras me atravessaram mais do que a mordida. Ela me queria. Me escolheu. E ali, entregue a ela, eu soube que não havia volta. Que eu era dela.*

*— E você é minha, Lys. Minha loba. Meu tudo — murmurei, antes de cravar os dentes no ombro dela, selando nosso destino.*

*O sabor do sangue dela era o gosto da eternidade. Forte, quente, carregado de magia e pertencimento. Nosso laço foi selado ali. Não havia mais dúvida. Não havia mais espaço para o passado.*

*Depois disso, nos deitamos lado a lado, ofegantes, suados, exaustos. Ela sorriu para mim, e foi nesse instante, que percebi: não era só desejo. Era amor. Sempre fora.*

*Lys se virou de lado e passou os dedos pelo meu peito.*

*— Vamos ser bons juntos, Rhyan. Mesmo que você ainda não saiba disso — ela disse, com aquele tom provocativo que sempre me desmontava.*

*Sorri, puxando-a para perto.*

*— Eu já sei. Sempre soube. Só fui burro demais para admitir.*

*Foi o início de tudo. Da nossa família. Do nosso laço.*

E agora, vê-la ali, com os olhos marejados, observando Theo ir passear, me fazia perceber que cada erro, cada afastamento, cada silêncio, só doía porque ela significava tudo.

Aproximei-me dela, envolvendo seus ombros com meu braço.

— Ele vai ficar bem. — sussurrei.

Ela assentiu, encostando a cabeça em meu peito. Não precisava dizer nada. Eu sabia. Ela ainda me amava. E eu... estava pronto para lutar por ela de novo. Para reconstruir tudo que o luto e o medo haviam quebrado.

Não somos perfeitos. Mas somos um do outro.

E isso é tudo.





## Capítulo 18



### Lys

Fui a primeira a cruzar a soleira da porta naquela noite. Correndo, desesperada. A notícia de que Theo estava chegando, me acertou como um trovão no meio da madrugada, e antes que alguém dissesse qualquer coisa, eu já havia largado tudo para estar ali.

Quando vi meu filho fraquinho, pálido, ardendo em febre nos braços de Ariel, tudo dentro de mim quebrou ainda mais. Meus joelhos cederam, e eu desabei no chão. As lágrimas vieram com força, soluçadas, sem controle. Chorei como nunca havia chorado na vida, nem mesmo quando soube da morte dos meus pais. Porque a dor de ver um filho entre a vida e a morte, é diferente de tudo. É o tipo de dor que dilacera a alma.

Agora, dias depois, Theo ainda se recuperava. Ele já sorria, brincava, ainda se cansava rápido e dormia mais do que o normal. Eu o observava com o coração mais leve, mas ainda em alerta, como uma loba rondando seu filhote.

Ele era tudo para mim. O centro do meu mundo. E vê-lo nos braços do pai novamente, rindo, pedindo panqueca de chocolate e

reclamando das sopas que Rhyan insistia em fazer, era como respirar de novo.

Rhyan...

Olhei para ele naquela manhã, parado na varanda com uma xícara de café nas mãos. O sol batia em seu rosto, destacando os traços marcados, os olhos intensos e as sombras que, embora mais suaves, ainda viviam sob sua pele. Ele não era o mesmo. Ainda carregava o luto, a culpa, a sede de vingança. Mas estava ali. Presente. Comigo e com Theo.

E isso, por agora, *era o suficiente*.

Amar Rhyan nunca foi fácil. Desde que éramos crianças, eu já sabia que ele era diferente. Intenso demais, sempre com o olhar alegre, como se enxergasse o mundo de outro jeito, extremamente aberto e amoroso, piadista. E eu... eu era o oposto. Fogo, rebeldia, impulso, porém, mais fechada e observadora. Nos enfrentávamos o tempo todo. Discutíamos por tudo, especialmente quando ele achava que podia mandar em mim. Mas mesmo nas discussões, havia uma faísca entre nós. Uma tensão, uma conexão que nos mantinha orbitando, um no outro, como se o universo já soubesse antes de nós.

Eu o amei em silêncio por anos, mesmo quando ele saía com outras, quando se afastava. Eu o amava mesmo assim. Não por idealizá-lo, mas porque eu enxergava nele, mais do que os outros viam. Via o coração leal, a alma protetora, o menino que carregava o peso de ser filho dos Alfas, irmão de Cassian e Ariel, e mesmo assim, tentava fazer o certo.

Mas foi naquela noite, quando meu cio me dominou, que tudo mudou. Eu me lembro de cada segundo.

Estávamos em Waterford, rindo, como sempre. Rhyan implicando com minha escolha de sorvete, eu ameaçando esfregar na cara dele. O mesmo velho jogo. Mas algo naquela noite estava diferente. A lua estava mais forte. Quando voltamos, senti meu corpo ferver por dentro. O cio chegou como uma onda, quente e poderosa, me derrubando. Saí do quarto instintivamente, atraída pelo cheiro dele, e corri para sua cabana.



E, quando ele abriu a porta e me viu, foi como se tudo parasse.  
Não houve palavras. Só desejo. Instinto. Fome.

A forma como ele me tocou... foi como se estivesse me esperando a vida inteira. Seus lábios nos meus, as mãos firmes, mas carinhosas, a forma como me segurou quando me levou para a cama...

Eu me lembro de gemer o nome dele, antes mesmo que ele me penetrasse. E quando aconteceu, quando finalmente nos tornamos um, foi brutal e lindo ao mesmo tempo. Eu o reivindiquei com os dentes, cravei minha marca em seu ombro, enquanto gritava que ele era meu.

— Você é meu, Rhyan Corvill. Meu. — eu disse, com o gosto do sangue dele na boca e o corpo trêmulo de prazer.

E ele me olhou como se eu fosse tudo. Como se naquele instante, nada mais existisse além de nós dois.

Ele me marcou em seguida, e eu senti como se meu corpo explodisse em luz. Como se finalmente, todas as partes de mim estivessem onde sempre pertenceram.

Naquela noite, o amor tomou forma.

Não foi só prazer. Foi conexão. Entrega. Alma.

Depois, ele me segurou como se tivesse medo de que eu sumisse. Ficamos ali, nossos corpos entrelaçados, nossos corações batendo no mesmo ritmo. Eu sabia que o amava. Sabia que ele me amava. E mesmo que a vida nos afastasse — como fez tantas vezes — o amor jamais mudaria.

Agora, vê-lo ali, tão perto de novo, me fazia querer esquecer tudo o que doeu. Mas eu sabia que as feridas dele ainda estavam abertas. Que o luto pelos pais, o sequestro de Theo, a responsabilidade da profecia... tudo ainda estava lá. Ardendo sob a pele.

Mesmo assim, ele havia voltado para mim. Para nós. E isso, por agora, bastava.

Ele se virou, como se sentisse meu olhar.

— Ele dormiu? — perguntou, referindo-se a Theo.

Assenti.

— Finalmente. Depois de três histórias e uma promessa de panqueca com chantili amanhã.

Rhyan sorriu. Aquele sorriso torto, raro, que sempre me derrete.

Aproximei-me, encostando-me no batente da porta.

— Obrigada por estar aqui. — sussurrei.

— Onde mais eu estaria?

Houve um silêncio entre nós. Um silêncio confortável. Carregado de coisas que não precisavam ser ditas.

Eu queria poder garantir a ele que tudo ficaria bem. Que a profecia não o levaria de mim de novo. Mas eu sabia que não podia. Ninguém podia. Ainda havia um papel a ser cumprido. Um destino traçado. E Rhyan, era uma peça central nisso tudo.

Mesmo assim, eu lutaria por ele. Por nós. Porque o amor que tínhamos, era mais forte que o medo. Era mais antigo que qualquer profecia.

Eu me aproximei e passei a mão em seus cabelos.

— Você é meu, Rhyan. Não importa o que venha.

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha.

— Eu sempre fui, Lys.

E naquele instante, em meio ao caos do mundo, encontramos paz. Mesmo que por um momento. Por mais que fosse apenas o silêncio, antes da próxima tempestade.

## Capítulo 19



### Morgan

O silêncio era espesso naquele abrigo esquecido entre as árvores. Não havia pássaros, nem vento, apenas o som abafado do meu próprio respirar. A umidade impregnava as pedras cobertas de musgo, e o frio parecia ter encontrado morada permanente ali, enraizado nas paredes como uma maldição. Eu gostava disso. Do silêncio. Do peso da solidão. Era a única companhia que não me cobrava, tão pouco me julgava.

As sombras me acolhiam como velhas amigas. E mesmo depois de ter sido encontrada por Luna, escolhi não partir. Ela me resgatou — é verdade. Foi ela quem rompeu as barreiras do abrigo, guiada pelo chamado que não compreendia, mas obedeceu. Mas logo depois... virou o rosto. Não quis conversar. Não quis ouvir. Seus olhos, tão cheios de dor e desconfiança, foram o único julgamento que realmente me importou. Havia ironia em suas palavras. E doeu.

Ela me viu — e mesmo assim, não me quis de volta.

Não a culpo. Como poderia? Ela perdeu tanto. E agora, carrega um poder que sequer compreende. Um dom que nós, os antigos,

passamos décadas tentando conter, manipular, silenciar. E mesmo assim, ele floresceu nela. Selvagem. Incontrolável.

Vi o quanto ela se partiu por dentro. Ela me deixa vê-la, ainda que de longe, e eu observo em silêncio. O luto, a raiva, a culpa... tudo pulsa ao redor de Luna, como uma tempestade prestes a explodir. E mesmo assim, ela continua em pé. Pela alcateia. Pelas crianças. Pelo amor.

Mas nada me atingiu tanto, quanto o instante em que ela se aproximou de Rhyan, poucos dias atrás, a dor que pairava sobre aquela casa era densa. Eu senti a presença de Luna, antes mesmo de vê-la. Ela entrou com os pés firmes no chão, o coração em chamas, como se cada parte dela, fosse feita de instinto e propósito.

A energia que fluiu dela não era apenas cura. Era origem. Era raiz e renascimento. Como a essência da vida que se nega a apagar. Lys reagiu ao toque de Luna, como se tivesse reencontrado o fôlego do mundo. A aura ao redor delas vibrou. E então, Rhyan se aproximou, ainda mergulhado em sombras, os olhos opacos de dor, de luto, de perda.

E foi ali que o milagre completo se formou.

Não houve feitiço. Não houve palavras arcanas. Apenas amor. O amor dela por aquele que aprendeu a amar como um irmão que se perdeu entre sombras e violência. Luna o segurou. E o mundo estremeceu.

Vi a luz emergir dela, como uma dança com o caos. Uma magia que nenhum grimório jamais ousou registrar. Era antiga demais. Selvagem demais. Ela era o próprio equilíbrio, tentando restaurar o que havia sido corrompido. E Rhyan? ... ele voltou.

Não por completo, não ainda. Mas seus olhos brilharam, com um sentimento que não víamos há semanas: esperança.

E então eu entendi.

A profecia nunca foi sobre controle. Foi sobre equilíbrio, que só existe quando os extremos coexistem. Luz e sombra. Dor e redenção. Raiva e amor.

Luna é isso. Uma tempestade que destrói e cura.

E eu... sou apenas o eco de escolhas que se perderam.

Malthus está em fuga. Ele carrega consigo fragmentos do nosso passado — do que fomos, do que fingimos não ser. Ele é o reflexo mais brutal dos Guardiões. E eu, sou a herança que ele não levou consigo. A parte que resistiu, que traiu, que destruiu. A que ficou.

Sinto que o tempo está se esgotando.

Às vezes, vejo flashes nos meus sonhos. Não são visões completas, mas fragmentos. Fragmentos de um futuro que talvez ainda possa ser evitado. Lys, coberta de sangue, implorando por Theo. Rhyan em ruínas, com as mãos ardendo. E Luna... sempre Luna... ajoelhada em um campo de cinzas, cercada por lobos que já não reconhecem seu nome.

Pode ser somente o meu medo se manifestando, pois ainda me sinto fraca, minhas visões já não são confiáveis, e não consigo ver além do medo que me assola, mas sei que o fim se aproxima. E ninguém está pronto.

Tento encontrá-la, me fazendo presente nos arredores. Deixo ervas curativas na soleira da casa, bilhetes de bom dia. Mas Luna não fala comigo. Ainda não.

Sei que sente.

Porque o vínculo de amor entre nós, nunca foi rompido, mesmo que ela deseje isso com cada parte ferida do seu ser. E talvez esteja certa. Talvez eu mereça esse exílio. Mas ainda assim, eu luto por ela. Pela mulher que ela se tornou. Pela loba que carrega o poder de mudar tudo.

Sento-me no chão frio do abrigo. Velas estão acesas ao meu redor, grimórios abertos, ervas queimando lentamente. Ouço os sussurros da floresta. Ouço os nomes dos antigos, ecoando entre as árvores. Eles não me esqueceram. Mas também não me perdoaram.

E mesmo assim, imploro:

— Mostre o caminho. Mostrem a ela quem eu fui. Quem ainda tento ser.

Há uma segunda profecia. Uma escondida dentro da outra. Como um ovo sombrio, crescendo no ventre daquilo que já tememos. Ela se move nas entrelinhas, nos sonhos, nos antigos rituais

enterrados com os primeiros Guardiões. Talvez Luna seja a chave. Talvez Rhyan e seus irmãos também... E isso me apavora.

Porque eu o vi. Vi o brilho nos olhos deles. Vi o toque de um poder que ainda não floresceu por completo.

Malthus não age por impulso. Ele está atrás de algo maior, que talvez nem mesmo ele compreenda por completo.

E o tempo está acabando.

Fecho os olhos. Me concentro. Tento ver Luna, mas tudo o que recebo, é escuridão. Não porque a perdi — mas porque ela está se escondendo, até de si mesma.

*Você sente, não sente, minha filha? O chamado que cresce dentro de você. A presença que te observa quando tudo está em silêncio.*

*Sou eu. Sou eu tentando voltar.*

*Mesmo que nunca haja perdão. Mesmo que nunca haja redenção.*

*Estarei aqui. Mesmo que das sombras. Porque te amo. Porque, no fim... você é tudo o que me resta de sagrado.*

A Deusa não fala mais comigo.

Seu silêncio não é apenas ausência — é um eco. Um vácuo que pulsa dentro de mim, como um castigo, como se cada batida do meu coração, fosse uma cobrança por tudo o que permiti, por tudo o que me tornei. Tento chamá-la nos ritos antigos, invoco-a com o nome que usávamos em segredo, acendo velas que um dia queimaram com respostas. Mas agora... apenas fumaça. Somente silêncio.

E mesmo assim, eu a sinto.

Ela se move, inquieta, como se também estivesse tentando encontrar o caminho de volta. Como se o que está por vir, a fizesse hesitar. É estranho — impensável, mas sinto medo nela. A Deusa, que antes era pura certeza, agora hesita nas sombras, como uma criatura acuada, à espreita de um erro, de um desfecho que talvez ela mesma não tenha escolhido.

Talvez a profecia tenha saído do seu controle.

Ou talvez, nunca tenha sido dela para começar.

Mas uma coisa é certa: não posso mais me esconder. Não posso mais esperar que o tempo cure feridas que sangram diariamente. O mal está solto. E mesmo que Luna não confie em mim e que todos os outros desejem minha morte ou desaparecimento, há algo que preciso fazer.

*Contar a verdade.* Ou ao menos, parte dela.

Os Alfas precisam saber quem é Malthus. O que ele é. Não apenas um traidor, um assassino ou um monstro — embora ele seja tudo isso. Mas também... uma peça antiga nesse tabuleiro que nem a Deusa ousou quebrar.

Malthus é o vilão, sim. É o sangue que derramou de Liar e Sara, o terror que levou Theo, a mão que rompeu os laços de confiança entre as alcateias. Mas ele também é o resultado de séculos de manipulação. De rituais proibidos. De pactos selados com dor. Ele é a consequência viva do que a Deusa fez — comigo, com ele, com tantos outros. E ainda assim, isso não o absolve.

Nada justifica o que ele fez.

E por isso, esse detalhe... vou guardar. Por enquanto. Porque o que ele sofreu no passado, não pode ser usado como escudo para o horror que trouxe ao presente.

O mais urgente agora é alertá-los.

Dizer que Malthus não é como os outros ou não era, muitas coisas estão diferentes desde o despertar da profecia. Antes, nenhuma lâmina, nenhuma mordida, nenhum feitiço poderiam destruí-lo. Ele foi selado pela própria Deusa há muito tempo, e apenas ela pode destruí-lo. É um conhecimento antigo, enterrado entre grimórios que ninguém ousava ler. Eu os li. Eu os compreendi. E paguei com pedaços da minha alma. Apesar de sentir que até isso pode ter mudado, ainda preciso alertá-los, pois hoje, já não tenho mais certeza de nada.

E mesmo assim, isso pode não ser suficiente. A energia está se movendo.

Eu a sinto nas pedras, na água dos rios, nos sussurros que vêm com o vento. A força ancestral despertou, algo que estava dormindo

sob nossas escolhas. E agora, nem mesmo eu, consigo prever o que está por vir.

É como se o mundo respirasse diferente.

E Luna, junto aos *Escolhidos* ... serão o centro de tudo.

Sei que não estou pronta para encará-la. Que ela ainda me vê como inimiga, ou até mesmo como ameaça. Mas o tempo de esperar o perdão passou. O que está vindo é maior do que qualquer rancor. Maior até mesmo do que nós duas. E se eu não fizer nada agora, o que virá será pior do que qualquer sacrifício que já tenhamos feito.

Levanto-me do chão com dificuldade. Meu corpo não é mais o mesmo, carrega cicatrizes que não se veem, marcas de magias que cobraram mais do que ofereceram. Mas ainda posso andar e lutar. E, principalmente... ainda posso proteger.

Peguei o grimório mais antigo e o envolvi em tecido escuro. Ele não deve cair em mãos erradas. E mesmo os Alfas, precisarão de tempo para compreender o que está ali. Mas talvez, com esse começo, com um fragmento da verdade, eles aceitem ouvir mais. Eles merecem saber. Rhyan, Lys, Cassian, até mesmo Ariel. E Luna... se ela ao menos me ouvir...

Talvez, apenas talvez, possamos impedir o fim.

Porque eu não vim ao mundo para ser apenas a sombra de um erro. Fui marcada pela Deusa para algo maior. E mesmo que ela me silencie agora, ainda que seu rosto me evite, eu continuo carregando sua marca nos ossos.

A profecia está em movimento.

E agora, não há mais volta.



## Capítulo 20



### Morgan

A noite estava espessa, abafada. O tipo de escuridão que não vem apenas do céu sem estrelas, mas do peso do que precisa ser dito. O grimório, apertado contra meu peito, queimava, como se cada palavra selada ali, exigisse ser solta. Talvez fosse a magia antiga pulsando, ou somente fosse apenas a minha culpa, sussurrando verdades nas entrelinhas.

Eles estão na sede. Eu os sinto. Rhyan, Ariel, Cassian. O laço entre irmãos é uma corrente viva, mesmo quando forjada em silêncio e mágoas. Evito estar na presença dos três ao mesmo tempo, e com razão. Não há olhar entre nós que não sangre alguma ferida.

Mas chegou a hora.

Coloco o capuz, ocultando meu rosto, e sigo pela trilha que leva até a clareira. A sede da alcateia principal está protegida por feitiços de reconhecimento — os antigos, os que eu mesma ajudei a erguer, quando ainda caminhávamos do mesmo lado. Eles me reconhecem, apesar da raiva dos que agora a comandam. E me deixam passar.

Sinto os olhares, antes de vê-los. A tensão se ergue como uma parede invisível. Cassian é o primeiro a se mover. Sua postura é rígida, o olhar afiado. Os olhos brilham como brasas prateadas, prestes a incendiar tudo.

— O que você quer nos revelar que já não tivemos que descobrir sozinhos? — Sua voz é grave, baixa, mas cortante como uma lâmina.

— Preciso falar com vocês. Todos vocês — minha voz saiu firme, embora por dentro, minhas mãos tremessem. — Não vim pedir perdão. Nem fugir da justiça. Mas há algo que precisam saber, que não pode esperar.

Rhyan me olhou, com o maxilar tenso. Ariel me encarou em silêncio, com os olhos escurecidos pela dor de tudo o que aconteceu.

— O que poderia dizer que não seja uma nova mentira? — Rhyan perguntou, com a voz carregada de desprezo. — Você mentiu para todos nós. Ajudou os Guardiões. Protegeu Malthus. Causou tudo isso.

— Eu não vim justificar o que fiz — cortei, com firmeza. — Mas sim, contar o que vocês não sabem. Sobre ele. Sobre o que está por vir. Sobre a Deusa.

Os três trocam olhares. Há hesitação e raiva. Mas também necessidade. Eles precisam entender. O tempo de negar acabou.

Aproximei-me devagar e coloquei o grimório sobre a mesa de madeira no centro da sala. Os símbolos antigos brilharam em dourado por um instante, como se o livro reconhecesse a urgência daquilo que carregava.

— Esse livro fala de um ser selado pela Deusa. Um que jamais deveria ter sido liberto. Um que nenhum de nós pode matar — digo, olhando nos olhos de Cassian, ou podíamos. — Malthus.

Silêncio.

— Ele é a chave da ruína e também seu reflexo — continuo. — E, embora seus atos sejam imperdoáveis... ele não se fez sozinho. Ele foi moldado. Por ela.

— O que está tentando dizer? — Ariel finalmente falou, o tom de sua voz era tenso, mas controlado. — Que devemos ter pena?

Que devemos perdoá-lo?

— Estou dizendo que devem estar preparados. E que apenas a Deusa pode matá-lo. Vocês não conseguirão vencê-lo sozinhos. Nem com fúria. Ele não é desse mundo.

Cassian dá um passo à frente.

— E onde está essa Deusa agora, Morgan? — ele rosna. — Escondida atrás de você? Ou acovardada, enquanto a alcateia sangra?

— Ela está... em silêncio — admito, baixando os olhos. — Mas eu a sinto. E ela vai se erguer. Porque ela mesma teme o que ela própria causou.

Rhyan solta uma risada seca.

— Então estamos sozinhos.

— Não — levanto o olhar. — Não enquanto eu estiver viva.

Eles não confiam em mim, não ainda. Talvez nunca voltem a confiar. Mas deixei a primeira verdade. E às vezes, uma fagulha é o suficiente para começar o incêndio certo.

Cassian se ergueu da cadeira, como um lobo que fareja ameaça. A sala, silenciosa até então, pareceu encolher diante da presença dele. O ar ficou mais denso, a madeira do assoalho rangeu levemente sob seus passos pesados. Seus olhos cravaram-se nos meus, faiscando autoridade — e uma fúria contida.

A aura de poder que emanava dele, era imensa. Um campo invisível que fazia cada pelo do meu corpo se arrepiar. Naquela hora, não era apenas o Alfa de Corvill. Era o predestinado da Loba da Profecia. E isso... o tornava quase igual à própria Luna ou, pelo que eu desconfiava, igual à própria Deusa.

Ele parou diante de mim. Alto, implacável. E falou com a voz firme de quem já conheceu o inferno e voltou mais forte.

— Diga, Morgan. O que você quer com isso? — Sua voz era baixa, mas carregada de ameaça. — Ou melhor... sem enigmas agora. Seja clara, se quiser que a gente acredite em você. Nos convença.

Respirei fundo. Não havia mais como fugir. Aquela era a encruzilhada onde o meu passado, meus pecados e a verdade,

finalmente colidiriam. E se eu não os ganhasse agora... não teria outra chance.

— Sem rodeios, então — murmurei, olhando diretamente nos olhos dele. — Malthus é um semideus. Escolhido pela Deusa. Ele foi isolado aqui, nesta dimensão, porque se recusou a cumprir o papel que ela havia lhe imposto. Ele deveria ser o consorte da própria Deusa, eternamente atrelado a ela, fundido ao seu poder. Mas ele recusou. E por isso... ela o puniu.

Pude sentir o choque percorrer a sala, ainda que ninguém dissesse uma palavra. Até mesmo Rhyan, de onde estava sentado, com os punhos fechados, cessou o movimento nervoso que fazia com os dedos.

— Ela o condenou a vagar entre seus filhos — continuei. — Reduziu seus poderes, o limitou. Mas não o matou. E não por misericórdia. Ela o quis humilhado. E desde então... ele se tornou uma criatura marcada, fraturada. Dividida entre o que é e o que jamais pôde ser.

Cassian apertou a mandíbula, a veia em sua têmpora saltou com a força da contenção. Mas não me interrompeu.

— Eu não estou dizendo que ele é a vítima. Malthus é culpado. Ele é cruel, manipulador, violento. Mas não é o verdadeiro vilão da profecia. Não é ele quem puxa as cordas por trás do caos. Ele é, também, uma peça... uma consequência. Há algo maior. Que desperta, que se move nas margens do que vocês conhecem como destino.

— E a Deusa? — Foi Rhyan quem falou agora. A voz dele soou como gelo, cortante. — O que ela é, nisso tudo? A guia? A criadora? Ou também uma marionetista?

Soltei um riso amargo, mais de cansaço do que de ironia.

— Ela é a origem e o limite. A Deusa é tudo o que disseram... e nada do que prometeram. Eu mesma passei séculos servindo a ela, com devoção cega. Fui usada. Um fantoche manipulável, acreditando estar fazendo parte de algo sagrado. Quando comecei a questionar... fui descartada. Paguei caro por isso. Em memória, em sangue, em alma.

Cassian deu um passo à frente. Seu olhar estava carregado, intenso.

— Por que está nos contando isso agora? Por que confiar em você depois de tudo?

— Porque não dá mais para ficar calada — respondi com firmeza. — Porque o que vem pela frente, é maior do que qualquer mágoa ou qualquer passado. Vocês precisam saber o que enfrentarão. E precisam estar juntos. Por isso... quero que todos os *Escolhidos* estejam presentes. *Todos*. Inclusive Luna.

Ao pronunciar o nome dela, meu coração tremeu. Como se expusesse a ferida que nunca cicatrizou.

Cassian manteve os olhos em mim. Estavam escurecidos, como os de um predador prestes a saltar.

— Luna não quer te ouvir — ele disse. — E, sinceramente? Eu também não queria. Mas você está aqui. Então diga, Morgan. Por que ela deveria te ouvir agora?

Hesitei. Porque a resposta era simples. Dolorosa. E carregada de súplica.

— Porque eu a amo — minha voz saiu baixa, mas firme. — Porque, apesar de tudo... ela é minha filha. Porque ela precisa saber quem é. O que é. Ela acha que carrega um poder que nasceu com ela. Mas esse dom... esse fogo ancestral que se manifestou quando ela salvou Theo e trouxe Rhyan de volta... ele tem raízes que nem a própria Deusa entende. E Luna precisa conhecer a verdade, antes que seja tarde demais.

Um silêncio mortal caiu sobre todos. Rhyan foi o primeiro a quebrá-lo.

— O que está dizendo... é que Luna é mais do que a Loba da Profecia?

— Ela é a ruptura — sussurrei. — A fenda entre os mundos. A ponte entre os filhos da Deusa... e aquilo que ela mais teme.

— E o que a Deusa teme? — perguntou Ariel, com a voz baixa.

— Ser substituída.

Foi como jogar um raio no centro da sala. A atmosfera mudou. Cassian deu meio passo para trás, não por medo, mas como se

precisasse assimilar.

— Você está dizendo que Luna... — ele começou, mas não terminou.

— Ainda não. Mas um dia, talvez. E é isso que apavora a Deusa. É por isso que ela se cala. Que não fala mais comigo. Que se mexe, ansiosa, como uma fera acuada. O poder de Luna... desafia as regras que a própria Deusa criou.

As palavras pairaram no ar como faíscas.

Cassian então inspirou profundamente e me encarou de novo.

— Se quer mesmo fazer isso... se quer contar tudo... vamos reunir todos. Mas se houver uma mentira, Morgan — ele se inclinou, o olhar virou uma ameaça viva. — Eu pessoalmente a arrasto de volta para as sombras de onde saiu.

Assenti. Era o máximo que eu podia esperar. E é suficiente.

— Quero que Luna me ouça. Não vou fugir. Nem me esconder. Pode escolher o lugar, a hora. Estarei lá.

Cassian trocou um olhar rápido com Rhyan. Um acordo silencioso passou entre eles.

— Amanhã. Ao amanhecer. Na clareira de Corvill, junto ao velho altar. Você contará tudo. E Luna decidirá se te perdoa. Ou se te enterra ali mesmo.

— Justo — respondi com um sorrisinho triste. — Só espero que, quando a verdade se revelar... ainda haja tempo para salvar o que resta.

## Capítulo 21



### Luna

A casa estava cheia de vozes, mas eu só ouvia o silêncio. Era como se tudo ao meu redor tivesse sido abafado, como se alguém houvesse mergulhado meu corpo em água e cortado o som do mundo. Cassian falava com Rhyan no corredor ao lado, Lys estava sentada no chão, com as mãos no rosto, mas eu... eu mal conseguia me mover.

Fazia dias que não conseguia dormir.

A lembrança do cheiro do sangue de Liar, ainda estava em minha pele, mesmo depois de tantos banhos. Sara ainda aparecia nos meus sonhos ou, especificando melhor: pesadelos. Gritando meu nome, tentando me alcançar com os braços estendidos, mas era como areia escapando entre os dedos.

Como se o mundo estivesse me arrancando tudo de novo, como no dia em que perdi Morgan.

A diferença é que, dessa vez, ela está viva.

E não sei se merece estar.

Levantei-me sem dizer uma palavra e saí pela porta dos fundos. Cassian sentiu. Ele sempre sentia. Nosso vínculo é um laço de alma, e mesmo sem palavras, ele me entendia, ele não veio atrás de mim. Porque ele sabe que há uma parte minha, que ele não alcança e que está ferida demais até para ser tocada.

A floresta me recebeu como sempre: fria, escura e fiel. Ao menos ali, eu podia ser quem sou. Loba, mulher, guerreira e pecadora.

Andei até o rio que serpenteava as margens do barranco. Me ajoelhei ali, deixando os joelhos afundarem na terra úmida. Olhei meu reflexo tremeluzente na água.

Não reconheci o que vi.

Meus olhos estavam diferentes. Escuros demais. Vazios demais.

E foi então que percebi que uma parte de mim havia se quebrado novamente e que estava sangrando por dentro.

Desde a noite em que rastreei Theo e curei uma parte das sombras de Rhyas... A Deusa se calou. O vínculo que sempre pulsou em meu peito, como um fio de energia sagrada, agora era apenas um eco fraco. Uma presença muda.

Mas, o mais estranho, é que mesmo em seu silêncio, eu a sinto. Se mexendo. Vibrando. Como se estivesse presa sob a superfície de mim mesma, como um animal acuado prestes a emergir.

Ela está com medo. A Deusa, a que tudo vê, está... com medo.

— Você me deixou — sussurrei. — Você virou o rosto quando mais precisei. Se é castigo que quer me dar, então faça de uma vez. Mas pare de me torturar com esse silêncio.

Nada. Nenhuma resposta.

Senti as lágrimas escaparem, mas me recusei a limpá-las. Deixei que corressem. Como cada alma que perdi. Morgan. Liar. Sara.

Cassian apareceu pouco depois. Não precisei me virar para saber. Eu senti a aura dele cortar o frio como fogo. Poderoso. Sólido. Ainda que quebrado por dentro.

— Está tudo bem — ele disse, e sua voz era mais uma pergunta do que uma afirmação.



Neguei com a cabeça.

— Nada está bem, Cass. Eu falhei.

Ele se aproximou, lentamente, e ajoelhou-se ao meu lado.

— Você não falhou, Luna. Eles atacaram quando ninguém esperava. Liar era um Alfa forte, mas ele não sobreviveu. Isso não é sua culpa.

— Mas os malditos usaram o meu sangue, Cass — minha voz tremeu. — Você entende o que isso significa? O sangue da Loba da Profecia matou o Alfa de Corvill. E com ele... Sara.

Cassian fechou os olhos por um segundo e quando os abriu, havia dor, sim. Mas havia firmeza também.

— E é por isso que vamos descobrir a verdade. Até que nenhum outro sofra por causa dessa profecia.

Assenti, mas por dentro... a dúvida me corroía. Levantei-me e olhei para o céu. Nenhuma lua visível naquela noite. Apenas nuvens densas, escondendo sua luz.

— Sabe o que é mais insano? — perguntei. — É que eu ainda sinto que há mais coisas por trás disso tudo. Coisas que a Deusa não quis que víssemos.

Cassian se ergueu ao meu lado. Seu calor sempre foi um abrigo. Mas agora, eu precisava mais do que calor. Precisava da verdade.

— Morgan nos convocou — ele disse.

Virei-me para ele, com o coração batendo mais rápido.

— Ela quer falar conosco?

— Sim! Disse que sabe o que está por trás da maldição.

Por um segundo, o mundo pareceu parar de girar.

— Isso é real?

— É. E ela quer que você esteja lá, Luna. Que ouça o que tem a dizer.

Uma parte de mim gritou para dizer não. Para fugir. Para não reviver tudo de novo. Mas outra parte, a mais antiga e mais selvagem, sabia que isso era inevitável.

Porque um instinto dentro de mim dizia: a verdade está vindo, se prepare. Era estranha essa sensação, me queimava por dentro, era um misto de muitos sentimentos e medo.

Algumas horas depois, estávamos todos reunidos no salão principal da sede. Os *Escolhidos*. Cassian, Rhyan, Ariel, Lys, Sam... e eu. A tensão era pesada. Ninguém sabia ao certo o que esperar.

Quando Morgan entrou, o ar pareceu mudar. Mais denso e nebuloso.

Ela estava diferente, parecia forte, mais marcada por tudo o que passou. Porém, os olhos eram os mesmos. Aqueles que me viam além da carne. Além da loba. Olhos de quem cruzou a morte e voltou com segredos nos lábios.

Ela parou diante de nós, com os braços cruzados.

— Antes que digam qualquer coisa, quero deixar claro: não estou aqui por vingança. Nem por redenção. Estou aqui, porque o que está vindo... vai destruir tudo. E vocês precisam saber a verdade.

Cassian deu um passo à frente.

— Diga, Morgan. Fale de uma vez.

Ela respirou fundo.

— Malthus é um semideus. Filho de uma das faces da Deusa. Foi condenado a vagar entre nós, por se recusar a ser o consorte dela.

— Isso você já disse! — Rhyan interveio.

— Enfim, a Deusa não admite ser contrariada. Ela é vingativa. E, durante séculos, me usou como fantoche, sem que eu percebesse.

Morgan olhou para mim.

— Eu a servi com uma fé cega. Até entender, que até mesmo a Deusa, pode mentir.

Silêncio.

Aquelas palavras eram como lâminas, cortando tudo o que acreditávamos.

— Porque essa história... começa muito antes de Corvill. E a maldição... não nasceu do medo. Nasceu do ódio.

E ali, eu soube que tudo o que vivemos até aqui, era apenas o começo. Precisei de um tempo para respirar. Pedi licença e me retirei.

Saí da sede com o peito em chamas. Cada passo que eu dava, era uma tentativa de afastar o peso daquela revelação, como se fosse possível fugir da verdade, apenas andando.

A floresta parecia ainda mais escura agora. Talvez porque o que eu carregava dentro de mim, fosse sombra demais para deixar qualquer luz entrar.

Mas não consegui ficar sozinha por muito tempo. Os passos atrás de mim eram leves, mas firmes, era Rhyan.

— Achei que você fosse me deixar ir — murmurei, sem me virar.

— Achei que você soubesse que não faço mais isso — ele respondeu.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. O tipo de silêncio, que só se tem com alguém que já viu o pior de si e ainda escolheu ficar.

— O que Morgan disse te abalou?

— Tudo me abala, Rhyan. Cada maldito dia, desde que essa profecia começou a se desenhar. Estou exausta. E agora... agora parece que nem a Deusa é quem eu pensei que fosse.

— Não é — ele disse simplesmente.

Me virei, surpresa com a firmeza da resposta. Rhyan olhava para o céu encoberto, como se tentasse encontrar alguma lógica entre as nuvens.

— Quando você me puxou de volta das sombras, Luna... eu senti você. Não só sua alma ou sua força. Eu senti um poder que ia além de tudo o que conheço. Um poder que não era da Deusa. Que era seu.

Ele me olhou então, com aquele jeito direto e honesto que sempre teve.

— Você a carregava dentro de si, mas também um poder a mais. Uma força que ela não controla.

Engoli em seco.

— Isso não faz sentido.

— Faz. Ela tem medo de você. Por isso se calou. Por isso te fragmenta. Você é mais do que a Loba da Profecia. Você é a rachadura na narrativa dela.

Meu peito doeu com aquelas palavras. Como se tudo dentro de mim já soubesse, mas tivesse medo de aceitar.

— E mesmo assim, você quer que eu escute Morgan? — perguntei, amarga. — Depois de tudo? Depois de ela ter mentido, desaparecido... nos deixado?

Rhyan respirou fundo. Sua expressão carregava marcas do luto, não só pelos pais, mas por tudo o que perdemos.

— Quero. Porque o que ela falou, bate com o que vi. O que senti. Nada disso é simples. E negar não vai mudar o que está para acontecer.

— Ela disse que foi usada, Rhyan. Assim como todos nós.

— Sim. Mas ela voltou. E está tentando consertar. Isso não vale alguma coisa?

Me sentei sobre uma pedra coberta de musgo, apertando os olhos com força.

— Luna, olha para mim.

Esperei um pouco, mas quando levantei o rosto, ele prosseguiu:

— Nós todos perdemos algo. Perdi meus pais. Cassian perdeu a própria alma por um tempo. Ariel quase perdeu Sam. Mas não é você quem deve carregar esse peso sozinha. A profecia não é só sua... É nossa.

As lágrimas vieram, sem que eu pudesse conter.

— Mas por que, Rhyan? Por que tudo teve que ser assim? Por que essa profecia exigiu tanto de nós?

— Porque ela foi criada sobre uma mentira — ele disse, e cada palavra parecia certa. — Uma mentira antiga demais. E agora, ela está rachando. Talvez Morgan seja uma das primeiras fendas. Talvez você seja a maior.

Fechei os olhos. As palavras dele entravam como bálsamo e lâmina ao mesmo tempo.

— Sinto falta deles — sussurrei.

— Eu também — ele respondeu. — Todos os dias. Mas se quisermos honrar quem eles foram e quem ainda podemos ser... precisamos saber a verdade. Toda ela.

Ficamos ali, por um instante, apenas respirando a dor compartilhada.

— Me promete uma coisa? — perguntei.

Rhyan assentiu.

— Se Morgan estiver mentindo... se isso for mais uma armadilha... você me ajuda a destruí-la.

— Prometo.

— E se ela estiver dizendo a verdade...

— A gente muda tudo — ele disse. — Do nosso jeito. Pela nossa alcateia.

Assenti lentamente, limpando as lágrimas com as costas da mão.

Ainda havia dúvidas e claro, medo. Mas, ali, na floresta, entre os ecos de tudo o que perdemos... uma pequena parte de mim começou a se levantar.

Não por mim. Mas por aqueles que ainda podemos salvar.



## Morgan

Esperei pacientemente, até que Luna voltasse com Rhyan. O ar estava tenso, parecia pesar sobre nós. Os *Escolhidos* estavam em silêncio, como se contivessem a respiração.

Quando Luna atravessou a porta, com os olhos atentos, o corpo ereto e firme ao lado do cunhado, senti meu coração se acalmar. Havia uma força silenciosa nela, e em Rhyan, um amor que se traduzia em cada gesto. A minha menina havia crescido. Se tornou uma loba poderosa, e apesar de tudo o que sofreu, ainda estava de pé.

Era belo de se ver. Cada um dos *Escolhidos*, irradiava uma determinação que me fazia sentir esperança, mesmo diante do horror que eu precisava revelar. Não era mais uma simples profecia. Agora era uma revolução.

Passei os olhos por cada um deles, sentindo uma emoção amarga na garganta. Ariel, o estrategista de olhos intensos, com Samantha ao seu lado, a feiticeira que desafia as regras. Rhyan e Lys, unidos pela dor e pela ausência do que tiveram que suportar.

Cassian, com a ferocidade de um líder ferido, mas com a alma entrelaçada à de Luna. Todos ali eram a promessa de um futuro que eu, um dia, desejei.

Respirei fundo. Peguei o grimório que me acompanhava desde o início. Antigo como a maldição. As páginas amareladas, os escritos em tinta desbotada, mas vivos em minha memória. Eu não precisava lê-los. Cada palavra estava tatuada na minha alma. Então, limpei a garganta e comecei.

— Tudo começou quando Malthus se recusou a ser o consorte da Deusa.

Todos se entreolharam.

— Ela o desejava, não apenas como aliado, mas como parte do seu poder. Queria moldá-lo à sua imagem. Mas Malthus, em sua liberdade e orgulho, a rejeitou.

Minha voz saiu firme, mas por dentro, eu tremia.

— A Deusa, tomada por ira e vaidade, o exilou na Terra. Ela queria que ele se curvasse. Desejava que a obedecesse. Mas ele não se rendeu. Enfraquecido, sem acesso ao plano espiritual, Malthus aprendeu a absorver a energia vital dos lobos e a manipulá-la. Foi assim que criou os Guardiões da Ordem.

Cassian rosnou baixo. Lys cerrou os punhos.

— Eles surgiram como uma seita. Prometiam proteger o equilíbrio, mas o que Malthus fazia, era usar a energia vital dos nossos, para se manter vivo, para não ser esquecido. Conquistou muitos seguidores, e a Deusa, ao vê-lo prosperar, enlouqueceu.

— E foi então que veio a maldição — sussurrou Samantha, como se sentisse a memória vibrando no ar.

Assenti.

— Ela amaldiçoou seus filhos. A profecia original não nasceu de amor. Foi punição. Impediu que encontrássemos nossos verdadeiros companheiros. Sem os vínculos, os lobos parariam de se reproduzir. Gradualmente, a extinção chegaria. E então, com tudo perdido, Malthus imploraria para voltar. Mas ele... se rebelou.

Um silêncio pesado caiu sobre o círculo.

— Malthus odiou o que ela fez. Odiou o sofrimento que impôs aos lobos. Mas sua própria vaidade o impediu de retroceder. Assim, ambos enfraqueceram. A Deusa sem seus filhos. Malthus sem a energia da linhagem ancestral. Foi nesse ponto que entrei.

As memórias me atravessaram como espinhos.

— A Deusa começou a se comunicar comigo mediante sonhos. Disse que eu seria seus olhos sobre Malthus. Que eu a ajudaria a vigiar e conter o inimigo. Por um tempo, aceitei. Acreditei que estava fazendo o certo. Mas, com o tempo, seus mandos e desmandos, se tornaram insuportáveis. Percebi que ela usava a todos como peças.

Cassian se inclinou para frente, tenso.

— Meu poder.. era maior que o de Malthus. E a Deusa sabia disso. Mas quando me recusei a continuar, ela me descartou. Foi pouco depois disso, que ela apareceu para mim e revelou a profecia. Disse que se redimiria. Que criaria uma loba com parte de seu poder. Uma loba destinada a quebrar a maldição e salvar a espécie.

Olhei para Luna.

— Ela escolheu seu pai, Luna. Axel era descendente de uma linhagem antiga. Forte. Um lobo verdadeiro. Era o par ideal para gerar aquela que salvaria a todos. Mas... havia um detalhe a mais.

Luna me encarava, com os olhos prateados e ígneos.

— Eu me apaixonei por Axel. E fui rejeitada.

Silêncio. Nem mesmo as folhas da floresta pareciam se mover.

— Foi meu primeiro erro. Conte a verdade a Ragnar, que já cobiçava o poder da profecia. E ele imediatamente quis reivindicar Luna. Não por amor. Mas por ambição.

Rhyan soltou um xingamento abafado.

— Quando Axel morreu, tudo fez sentido para mim. A luta não era pelo bem dos lobos. Era por controle. Por ego. E eu... cometi meu segundo erro: tentei te proteger, Luna. Tentei esconder você do destino. Achei que poderia livrá-la do fardo que lhe foi imposto.

Luna abaixou a cabeça. As lágrimas escorriam.

— Por anos, não tive visões sobre você. A Deusa me silenciou. Então, quando Ragnar começou a me ameaçar, tive uma visão da



Irlanda. Soube que era aqui que tudo se cumpriria. Para ganhar tempo, forjei minha própria morte. Mas Malthus me capturou ao chegar a Corvill. Manteve-me presa, isolada, quebrada.

Minhas mãos tremiam.

— Achei que morreria naquela masmorra. Mas você, Luna... você e Samantha, despertaram os colares. E a esperança renasceu.

Samantha pegou na mão de Ariel.

— Quanto aos *Escolhidos* ... inicialmente seriam dois. E suas parceiras. Mas a Deusa previu que o poder poderia ser perigoso demais. Por isso, fez com que o primeiro escolhido nascesse em dualidade: gêmeos. Cassian e Ariel.

Todos olharam para os dois, lado a lado.

— A dualidade traria equilíbrio. Mas ela não previu, que juntos com Luna... vocês se fortaleceriam mais do que ela poderia controlar. Malthus também soube disso quando sentiu o laço de Ariel com Samantha, um laço impossível e perigoso, pois os Alfas teriam uma força acima do controlável.

Eu só entendi isso quando vi Luna curar Rhyan. A Loba da Profecia havia ultrapassado a vontade da Deusa. O Despertar da profecia não quebrou somente a maldição, como também as regras de tudo que existia, abrindo caminho para o amor, mesmo os inalcançáveis. E o amor é o maior poder que existe. E é aí que você entra, Rhyan, esse é o seu poder, a base da sua liderança, que guiará a nova raça.

Sentei-me, exausta.

Luna estava em silêncio, o rosto molhado, os olhos acesos de raiva.

— Então — ela disse, sua voz saiu trêmula. — Somos meras peças de xadrez, num jogo de luxúria e ego dessa Deusa maldita, que acha que pode tripudiar sobre nossas vidas? É isso?

Ninguém respondeu.

— E agora ela está com medo de quê? Do poder que ela me deu? Isso é ridículo.

— Ela não te controla mais, Luna — disse Rhyan, firme. — Você não me disse que percebeu a ausência dela?

Luna se levantou.

— Ela está escondida. Covarde. Nos observa, mas não ousa mais falar comigo. E sabe por quê? Porque agora sei quem eu realmente sou. E isso a apavora.

A energia em torno de Luna vibrava, sem ela perceber. O solo parecia pulsar.

— Não preciso da Deusa. Não quero suas bênçãos. Ela criou essa profecia para se redimir, mas ela queria nos manipular novamente. E o que criou, foi a nossa revolução. E ela vai assistir de longe, enquanto reconstruímos o que ela destruiu.

Cassian se aproximou. Encostou a testa na dela.

— Estamos com você.

Rhyan, Ariel, Lys, Samantha. Um por um, os *Escolhidos*, se levantaram. Uma alcateia unida. Não por destino. Mas por escolha.

E eu tive a certeza, naquele instante, de que a verdadeira guerra estava apenas começando e o inimigo era o sobrenatural.

Havia ainda o último segredo. Mas esse, era o meu segredo e eu o levaria comigo para além dessa existência. Eu não escolhi, mas não me neguei a ele, embora fosse o início do meu fim, e eu o abracei.

Porque alguns destinos não se mudam, apenas se cumprem.

E o meu, sempre foi ser a guardiã do silêncio, aquela que vê tudo, mas permanece na sombra.

Não por covardia. Mas porque alguém precisava se perder, para que eles se encontrassem. E esse era o meu legado...

Que assim seja!

## Capítulo 23



### Malthus

O ar era pesado. Mais do que isso, ele estava morto. O antigo templo, que um dia pulsara com energia vital, agora era apenas um eco do que fora. As paredes, ainda de pé, carregavam as marcas do tempo, mas não do abandono... e sim, da traição.

Avancei por entre os corredores, com os passos arrastados, como se cada sombra, sussurrasse uma lembrança amarga. Não encontrei meus seguidores. Nenhum deles.

Nem corpos, nem rastros. Apenas o vazio e o cheiro estagnado de magia dissipada.

Sumiram. Todos.

A fúria começou a borbulhar sob minha pele, mas evaporou, antes de se transformar em força. Não havia força em mim agora. Estava fraco.

Desde que os selos foram rompidos, desde que ela desapareceu...

Desde que Morgan me foi tirada.

A maldita profecia se movimentava, mais rápido do que previ.

Eles sabiam. Os Alfas... Eles a encontraram. Pois eu não a sentia ali.

Pressenti, antes mesmo de alcançar a entrada da masmorra. O corredor úmido, que levava ao segredo mais profundo do templo, estava diferente. A pedra parecia vibrar com uma frequência que não me pertencia. E então, vi que os selos estavam quebrados.

Não estavam rasgados e nem destruídos com brutalidade. Eles haviam sido dissolvidos com precisão.

A runa de contenção no alto do arco de pedra, ainda oscilava fracamente, como a última fagulha de um incêndio que queimara por séculos. Mas já não tinha propósito. A proteção estava quebrada.

Entrei. O ar era gélido e úmido, mas não me incomodava. O que me atingiu foi o vazio.

A cela... vazia. As correntes que prendiam Morgan, estavam largadas no chão, como serpentes mortas.

As marcas de magia negra nas paredes, ainda ressoavam com o que fui forçado a usar para mantê-la viva, mas agora, eram apenas sombras.

Ela se foi.

Minha única esperança de cura. Meu elo com o passado e meu presente.

A única criatura que conhecia a extensão dos meus erros... e que poderia, de alguma forma, restaurar o que restou de mim.

Caí de joelhos, por dor e por pânico.

Os Alfas a levaram. Eles a libertaram. E ela deve ter contado tudo.

Tolos. Acham que sabem com o que estão lidando. Acham que compreenderam o alcance da profecia. Mas não veem o que eu vejo. Não sentem o que eu sinto.

O tempo... está se fechando. O ciclo está se encerrando. E, com ele, o equilíbrio se rompe.

Toquei o chão frio da cela e senti os resíduos do encanto que denunciavam que Luna estivera aqui. Sua energia era um fogo suave,

ainda pairando no ambiente, mas havia também outras energias e cheiros — duro, inquebrantável, masculino. Cassian, e também Ariel.

Todos eles. Vieram em grupo, planejado.

O que estão esperando? Um movimento, uma falha. Ou...

Ou há algo maior em jogo. Será que eles sabem o que se move ao nosso redor?

Ergui os olhos e encarei a escuridão da cela, como se ela pudesse me responder. A energia do templo ainda reverberava sob meus pés. Fraca, enfraquecida, mas viva.

Eles não me destruíram. Ainda.

Senti a pele formigar. Um arrepio percorreu minha espinha quando fechei os olhos e tentei buscar pela essência do mundo ao meu redor.

Havia algo... lá fora. Algo tão antigo quanto eu. Que eu conhecia profundamente.

Forças se moviam, como placas sob o oceano, gerando uma pressão que logo viraria terremoto.

E isso me apavorou. Por um instante, desejei ser tolo. Desejei que a ignorância me abraçasse.

Mas eu sabia. A Deusa estava em silêncio. Ela não os guiava mais.

E o poder que vejo crescendo dentro de Luna, dos irmãos Corvill, da garota feiticeira... não é da Deusa.

É novo. E não obedece a nenhuma regra que conheço.

Voltei ao corredor e me forcei a manter o controle. Minha cabeça latejava, e meu corpo parecia carregado de ferro.

Ainda era cedo para o fim. Eu precisava ganhar tempo. Atravessei os corredores em ruínas, até o salão principal.

Desenhei no ar, os sinais de proteção antigos e coloquei novas camadas sobre os portais.

Selos que ninguém além de mim, entenderia. Combinações de sangue, terra e escuridão.

Uma última defesa. Porque sei que voltarão. Eles não viram tudo. Não ainda.

O templo está vazio aos olhos. Mas há coisas... Coisas que nem Morgan conhecia.

E que jamais entregarei. Mesmo que o destino tenha se virado contra mim.

Mesmo que a Deusa tenha me amaldiçoado. Mesmo que Morgan tenha escolhido os outros.

Sou Malthus. Criado à imagem da própria divindade. Um exilado, sim.

Mas não vencido.

Ajoelhei-me diante do altar quebrado. Toquei a pedra rachada, onde antes jazia o símbolo da Deusa, e murmurei em voz baixa:

— Onde está você agora?

Nada. Nem um sussurro. Nenhuma resposta.

Ela havia me deixado. Ou foi esquecida. Ou... substituída.

Talvez fosse isso. O que Luna carrega... Não é apenas o que foi dado.

É o que está renascendo. E esse renascimento virá com fúria, caos e com sangue.

Fechei os olhos e vi. Fragmentos do que pode vir no futuro.

A queda de um império. O ruir de uma espécie. A destruição do que acreditávamos ser eterno.

E no centro disso tudo... Luna.

Não como uma peça, muito menos como uma arma. Mas como algo novo.

Uma força, que nem mesmo a Deusa, ousou prever.

Quando me levantei, minhas mãos tremiam, não de medo, mas de certeza. A guerra não seria como as anteriores. Não haveria vencedores.

Só... sobreviventes.

E eu me recusava a ser apagado da história. Mesmo que tivesse que arrastá-los comigo para as profundezas.

Enquanto meus pés ecoavam pelo templo vazio, murmurei encantamentos para ocultar o que restava. Que os Alfas viessem. Que viessem todos.

Eles acharam que o segredo era Morgan. Mas ela era só uma pequena parte. E o verdadeiro fim... Aquele, ainda dorme.

Por enquanto.

# ENTRE CONFISSÕES E SILÊNCIOS



**Lys**

A noite estava fria, mas não o bastante para impedir que nos reuníssemos no terraço da sede.

Luna havia solicitado silêncio. Samantha, uma bebida quente. E eu... eu só precisava não estar sozinha.

As três, sentadas sobre mantas estendidas no chão, cercadas pelo murmúrio distante da floresta. Nenhuma de nós falava por obrigação. Ali, o silêncio entre uma frase e outra, era parte do ritual, como se estivéssemos respeitando o que ainda não sabíamos nomear.

Morgan.

O nome pairava como fumaça entre nós. As revelações feitas por ela ainda giravam em minha mente. E sei que não era a única.

Samantha encarava a lua, como se procurasse respostas nas crateras prateadas. Luna mantinha os olhos baixos, os dedos brincando com a borda da caneca em suas mãos, inquieta. E eu, bem... me sentia um pouco como uma vela acesa em meio ao vento, tentando não apagar.



Respirei fundo antes de romper o silêncio.

— Luna... como você está com tudo isso?

Ela demorou a responder. Ainda olhava o líquido morno, como se dentro dele, estivesse a resposta que precisava para todas as perguntas que não fazia em voz alta.

— Não sei — disse, por fim. A voz rouca, baixa. — Parte de mim, sente que finalmente as peças estão se encaixando. Que... tudo o que Morgan revelou, no fundo, eu já sabia, mas não tinha certeza. Mas a outra parte... — Seus olhos, enfim me encontraram. — Se sente traída. Perdida. Como se não fosse mais dona do próprio caminho.

— Você se sente usada? — perguntei com cuidado.

Ela assentiu levemente.

— Às vezes, eu sinto que todos estão esperando algo de mim. E quando eu finalmente compreendo uma parte... a profecia muda. Ou se expande. Ou se distorce.

Samantha aproximou-se um pouco mais e tocou de leve o joelho de Luna.

— Você não está sozinha nisso. Nenhuma de nós está. Morgan deixou verdades, mas também feridas. E você tem o direito de sentir tudo. Inclusive raiva.

Luna sorriu com tristeza, mas não respondeu. Havia lágrimas em seus olhos, mas não deixaria que caíssem ali. Não hoje.

Ela ainda era a loba da profecia. E sei que carregar esse título, não permitia muitas fraquezas em público.

Foi então que ela me olhou, com aquele jeito direto que só ela tinha:

— E você, Lys? Como você está lidando com tudo isso?

Demorei a encontrar as palavras.

— Sinceramente? Cansada. Assustada. Mas o que mais me consome, é... a dúvida.

— Sobre a profecia? — Samantha indagou.

Assenti.

— Morgan nos mostrou haver mais do que sabíamos. Que os *Escolhidos* foram marcados por fatos além do que imaginávamos. Mas... onde eu me encaixo nisso? A cada dia, pergunto-me se estou aqui por destino, ou apenas por ser companheira de Rhyan.

— Lys... — Luna começou, mas levantei a mão, pedindo que esperasse.

— Não é só isso. Rhyan... ele não é mais o mesmo. Desde que Theo foi raptado e da morte dos pais dele. Eu o vejo mudando diante dos meus olhos, e não sei como trazê-lo de volta.

Agora fui eu quem desviou o olhar. A confissão saíra mais pesada do que eu esperava. Mas era verdade. E doía.

— Às vezes, ele volta para casa e me abraça, como se ainda me amasse com tudo o que tem. Mas no segundo seguinte, está distante. Frio. Obcecado em encontrar Malthus.

Ele não dorme. Mal come. Só treina. E fala em matar. Em vingança.

— Vocês chegaram a conversar sobre isso? — Samantha perguntou, gentil.

— Sim. Muitas vezes. E ele jura que está bem. Mas não está. Sinto que ele está tentando ser forte por mim, mas não consegue suportar o peso da culpa. E... e eu não sei se nossa parceria vai sobreviver a isso.

Luna se aproximou e segurou minha mão.

— Lys, você é mais do que a companheira de Rhyan. Você é parte disso tudo. Sinto isso. A profecia não se trata apenas dos que carregam marcas visíveis. Ela se manifesta nos laços, nas escolhas. E você sempre foi uma ponte. Uma força silenciosa entre nós.

Samantha assentiu.

— E mesmo que Rhyan esteja se perdendo agora, ele te ama. Isso é claro para qualquer um que observe vocês por mais de cinco segundos. Mas a dor... transforma.

— E se ele se transformar em algo que eu não reconheço? — sussurrei. — E se ele escolher um caminho sem volta?

— Então você vai lutar por ele — disse Luna. — Assim como ele lutaria por você.

Eu quis acreditar naquelas palavras. Quis mesmo.

Mas havia um medo dentro de mim que não se calava. E ele sussurrava que, por mais que Rhyan voltasse... talvez não fosse mais inteiro.

O silêncio voltou por alguns instantes.

As árvores ao longe sussurravam ao vento. A bruma noturna começava a cobrir a copa mais alta.

Foi Samantha quem quebrou o ar pesado:

— A profecia está se movendo, isso é certo. Morgan sabe de muitas coisas. Talvez por isso tenha se escondido por tanto tempo. Mas se há uma coisa que aprendi, é que os alicerces que sustentam essa guerra, são feitos de amor e dor. E vocês têm ambos.

Luna sorriu, cansada.

— E sangue.

Todas rimos, apesar da melancolia que ainda pairava.

— Ainda vamos lutar e sangrar — continuei, olhando para elas.  
— Mas... prometam que, quando tudo isso acabar, a gente vai se encontrar de novo, nesse terraço. Sem destino, sem guerra. Só... nós.

Luna foi a primeira a assentir.

— Prometo.

— Eu também — disse Sam.

Fechamos as mãos juntas, como num pacto silencioso.

Sabíamos que o amanhã poderia não vir. E que talvez a guerra pudesse levar um de nós.

Mas naquele instante, sob o céu escuro e entre mulheres marcadas pela profecia, fizemos o único juramento que podíamos cumprir:

De continuar.

## Capítulo 25



### Rhyan

Eu não durmo há dias. Não me recordo qual foi a última vez que parei e respirei de verdade, que toquei Lys sem me sentir em pedaços.

O peso da morte dos meus pais está cravado em cada osso do meu corpo, me dilacerando com o vazio deixado por eles.

E, Malthus!

Esse nome é um veneno na minha garganta. Um grito preso entre os dentes.

Penso nele todos os dias. Todas as noites. Não consigo evitar. É como se a raiva tivesse se tornado minha respiração. E, se for honesto comigo mesmo, a verdade é que tenho medo de quem estou me tornando.

Já não reconheço a imagem no espelho. A fúria me esvazia e me preenche ao mesmo tempo.

Sei que estou perdendo partes de mim, mas continuo... como um animal ferido, correndo direto para o fogo.

Desço para a arena de treino pouco depois da meia-noite todos os dias. A sede está em silêncio a essa hora, com seus corredores escuros. Não há ninguém para me impedir. Ninguém tenta mais me parar. Os guardas apenas me cumprimentam e seguem em seus postos.

Ariel tentou, no começo. Cassian também. Mas eles perceberam rápido que não adiantava. Escutei todos. Fingi que absorvia. Mas por

dentro, só gritava. Nada importa além de encontrar aquele maldito.

O frio do aço nas barras, é a única coisa que ainda sinto com clareza.

— De novo — murmuro para mim mesmo, como um mantra.

Treino até meus músculos gritarem, até meu sangue latejar. Empurro o peso com força, como se esmagasse o rosto de Malthus a cada repetição.

A cada movimento, me aproximo da lembrança do que ele tirou de mim.

O cheiro de sangue. O choro das crianças. O corpo da minha mãe sem vida.

Lys ajoelhada no chão, gritando por Theo.

Tudo isso vive em mim, como um pesadelo que não acaba. E a única forma de me manter em pé, é acreditar que, um dia, terei a chance de acertar minhas presas na garganta dele.

Quando volto para o quarto, Lys está acordada. Ela finge dormir, mas sei que está acordada.

Posso ouvir a respiração tensa. O jeito como ela vira o rosto para longe quando percebe minha presença.

Deitei ao lado dela, mas não toquei sua pele. Meu corpo ainda treme do treino. Da raiva e de medo.

E, embora quisesse puxá-la para perto, beijar sua nuca, sussurrar que ainda a amo, eu não sou mais aquele homem.

Ela merece alguém inteiro. E tudo o que tenho, são cacos.

— Você não precisa fazer isso sozinho, essa dor é de todos — ela sussurra, sem se virar.

Fecho os olhos.

— Não estou fazendo sozinho — minto.

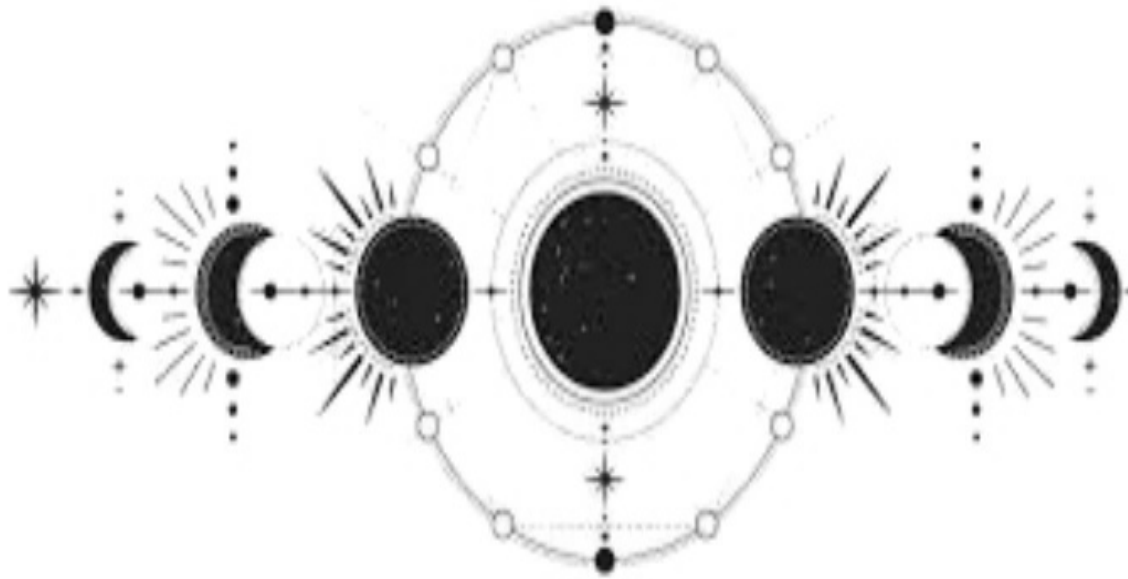
— Está sim — ela rebate. A voz firme, mas trêmula. — Você me deixa aqui, todas as noites, como se eu fosse apenas um lembrete da vida que a gente perdeu. Mas eu também sofro, Rhyan. E continuo aqui. Continuo esperando por você.

Virei de lado. Encostei a testa nas costas dela. O cheiro de seu cabelo me acalmou por um instante.

— Me perdoa — murmurei. — Eu não sei como ser outra coisa agora.

Ela segurou minha mão por alguns segundos. E então a soltou.

Dói. Mas eu entendo.



No dia seguinte, reuni-me com Cassian, Ariel e os outros lobos. Temos rastros. Marcas sutis de movimentação mágica no antigo território dos Guardiões.

Mas nada concreto.

— Ele está se escondendo — diz Ariel. — E pode não estar sozinho.

— Podemos não atacar ainda — Cassian alerta. — Há energias que não reconheço, movendo-se em torno daquele lugar. Não podemos agir por impulso.

Eles estão certos. Eu sei disso.

Mas saber nunca foi o meu problema. É o sentir que me desmantela.

Quando olho para o mapa, não vejo apenas localizações estratégicas. Vejo caminhos até Malthus. Vejo a chance de arrancar o coração dele com as minhas próprias mãos.

— Quando formos, eu lidero o ataque — digo, firme.

— Rhyan... — Ariel começa, mas Luna o interrompe.

— Entendo a sua dor Rhyan, mas ainda não sabemos com quem estamos lidando, e eu sinto que Malthus, é somente uma peça desse jogo, meu instinto prevê que a guerra é contra uma força maior que o Guardião. Precisamos nos preparar, não somente fisicamente, mas mental e emocionalmente. E agora, a sua família precisa de você. Lembre-se, se você se matar, matará também a sua parceira, não seja egoísta a esse ponto, você não é o único que está sofrendo aqui!

As palavras de Luna ficaram rondando em meus pensamentos.

Treinei mais uma vez, até sangrar os nós dos meus dedos. Meu ombro está ferido, mas não parei. Precisava do corte. Do ardor. Do limite.

Só parei quando vi Lys na entrada da arena, com os olhos brilhando de lágrimas.

— Você vai se matar tentando vingá-los — ela disse.

— E se for esse o preço?

— E se for esse o seu fim? — ela rebateu. — O que seria de Theo sem os pais?

Engoli a raiva, com um nó na garganta.

— Você está certa, Lys, mas se eu matar Malthus, ele poderá crescer em paz.

— Ou talvez, você esteja só cavando o próprio túmulo, levando nosso vínculo com você.

Essas palavras me atingem mais do que qualquer golpe.

— Eu ainda te amo — disse. — Mas... não consigo te amar do mesmo jeito agora. Estou... quebrado.

Ela se aproximou, segurou meu rosto com as mãos e me obrigou a encará-la.

— Eu não quero um Rhyan perfeito. Quero o homem que lutou ao meu lado, que amou nosso filho mais do que tudo. Mesmo ferido, mesmo em pedaços... você ainda é ele. Mas, se continuar se afastando, vai se perder de vez. E não sei se poderei continuar te esperando.

As lágrimas dela escorreram silenciosas. As minhas não saíam, mas queimavam por dentro. Beijeí sua testa. É tudo o que consegui dar. E, no fundo... sei que não foi suficiente.

Naquela noite, saí sozinho. Andei pela floresta, sentindo as marcas mágicas na terra, no ar. Elas vibram de forma diferente. Como se algo desconhecido estivesse se erguendo.

E, pela primeira vez em semanas, senti medo além da raiva.

Não só por mim. Mas por todos nós.

Há algo se movendo nas sombras. Sinto isso no ar, como um sussurro antigo, que se recusa a silenciar. Algo que nem mesmo Malthus, com toda sua crueldade e poder, talvez compreenda.

Não é apenas uma ameaça. É uma presença antiga, persistente e paciente.

Ela se alimenta do silêncio entre os gritos, da escuridão que deixamos entrar quando perdemos tudo. É mais do que a nossa raiva. Mais do que a minha dor. É uma força que nos observa há gerações, esperando, escolhendo.

E agora, ela desperta.

Não sei se veio para destruir... ou para revelar verdades que não estamos prontos para encarar.

Mas sei que está vindo.

E nenhum de nós está realmente preparado para o que vem depois.

E, ainda assim, tudo o que consigo pensar... é que preciso encontrar Malthus antes disso. Antes que a sombra que cresceu dentro de mim, se torne tudo o que restou.

E ali, sob o breu das árvores, um segundo pensamento me alcança.

É a voz de Lys dentro da minha memória, lembrando-me de quem eu era, de quem ainda posso ser.

Parei com as mãos cerradas latejando. E, finalmente, permiti que a verdade me atingisse com toda a força:

*Minha revolta está me fazendo perder justamente o que jurei proteger. Estou afastando meus irmãos, que também sangram por dentro, mas lutam com lucidez. Estou enfraquecendo Lys a cada vez que viro o rosto.*

Vejo a face de Cassian, os olhos exaustos de Ariel, a firmeza de Luna, todos tentando conter a dor sem destruir tudo ao redor. Eles sofrem tanto quanto eu... e, mesmo assim, escolhem a consciência.

E eu? Eu me escondo na vingança.

Um vento frio atravessou a clareira. Com ele, veio o temor mais profundo: se continuar nesse caminho, não terei casa para voltar... nem braços que queiram me acolher.

Fechei os olhos e deixei a dor queimar. Permitindo que a culpa rache a couraça que construí. Senti as lágrimas surgirem, quentes, amargas, mas libertadoras.

— *Vou voltar para você, Lys.* — sussurrei para a escuridão. — *Antes que seja tarde demais.*

Abri um portal mental para o vínculo que nos une, esse fio delicado que sobreviveu a toda a fúria.

E prometi, ali mesmo, que os próximos passos que eu der, não serão guiados apenas pelo ódio, mas pelo amor que ainda pulsa em mim, o



único que me mantém de pé.

Porque, se perder Lys... se perder minha família... então não restará nem sombra em mim.

E, nesse instante, decidi que vou salvar meu casamento, antes de tentar salvar o mundo.

Mesmo que isso signifique encarar meus demônios.

Mesmo que eu precise aceitar ajuda.

Porque amar foi sempre parte de quem sou e não de quem me tornei... pois foi no amor que fui moldado e agora, é a única coisa que importa.

## Capítulo 26

# ENTRE RUÍNAS E PROMESSAS



## Lys

A porta se abriu com um rangido baixo, como se a própria madeira hesitasse em recebê-lo de volta. Rhyan apareceu no batente, molhado pela garoa da madrugada, o rosto marcado por sombras que não pertenciam apenas à noite. Eu estava na sala, com as luzes baixas, Theo dormindo no quarto, no andar de cima.

Meu coração acelerou quando vi o brilho de lágrimas nos olhos dele. Mas não me levantei. Há feridas que pedem distância, antes de solicitarem cura.

Ele deu dois passos, depois parou, como se não soubesse onde colocar o peso do próprio corpo.

— Posso...? — a voz falhou. — Posso ficar?

O som me cortou mais fundo do que qualquer lâmina. Respirei fundo, mantendo as mãos fechadas sobre o colo.

— A casa sempre foi sua, Rhyan — respondi, firme. — Mas eu não vou fingir que nada mudou.

Ele baixou a cabeça.

— Eu sei. Estraguei tudo.

Silêncio. Apenas o tic-tac do relógio na parede e o som distante do vento contra as janelas.

Tudo parecia suspenso no tempo, como se o mundo contivesse a respiração, à espera de um desfecho que ainda não ousava chegar.

— Estragou — admiti. — E não foi só comigo. Foi com Theo, com seus irmãos... com você mesmo. Fiquei aqui, dia após dia, segurando os pedaços que caíam. Mas já não tenho braços para tudo.

Rhyan avançou mais um passo. Os olhos brilhavam à luz fraca.

— Eu... vim pedir perdão. Eu me perdi, Lys. Me afundei na raiva. Achei que, se pudesse matar Malthus, o resto se encaixaria.

Levantei-me devagar. A dor pesava, mas precisava ser dita. Cruzei os braços, sentindo o tremor que não era só meu.

— Você se voltou tanto para a vingança, que esqueceu nosso filho. Ele precisava do pai, não do guerreiro, não do Alfa ferido, do pai. E você... você se fez ausente na sua dor egoísta.

As palavras saíram como pedras. Eu as vi acertar Rhyan. O seu ombro se curvou, o rosto contorceu-se.

— Eu sei. E cada ausência me queima agora.

Não era suficiente. Precisava ir além.

— Você lembra das promessas? Ser felizes? Dar irmãos ao Theo? Criar uma alcateia onde o amor fosse mais forte que qualquer maldição? Você está indo pelo caminho inverso, Rhyan. Liar te ensinou amor, não ódio. Mas você deixou o ódio te dominar.

Ele ergueu o olhar, seus olhos dourados estavam marejados.

— Eu... Pensei que, se honrasse a memória dele com sangue, seria suficiente.

— Meu amor — minha voz se quebrou. — Você é feito do mesmo material que seu pai: luz. Mas a dor te escureceu. Por dentro, ainda vejo o menino que se machucou e nunca soube pedir ajuda. E eu amo esse menino. Eu nunca te abandonei. Mas estou perecendo contigo, Rhyan. A cada noite que você sai, um pedaço meu vai junto. E falta pouco para não restar nada.

Ele caiu de joelhos, as mãos no rosto. Um soluço rasgou o silêncio.

— Me desculpe. Por favor... me desculpe. Eu não sei como voltar.

Aproximei-me, mas não o toquei ainda.

— Você volta lembrando por que luta. Por quem luta. Não pela vingança, mas pelo amor que nos trouxe até aqui. Pelo legado do seu pai, que era proteger, não destruir.

Ele ergueu o rosto. Havia medo ali. E um pedido desesperado.

— Tenho medo de quebrar de vez. Medo de não merecer vocês.

— Então deixe-me ajudar a colar as partes — sussurrei. — Mas não posso carregá-las sozinha. Preciso que você lute por nós também.

Rhyan estendeu as mãos. Eu as tomei com cuidado. O contato enviou um choque doce de reconhecimento pelo vínculo.

A chama é fraca, mas viva.

— Prometo... — Ele chorava sem vergonha. — Que vou fazer o que é coerente. Vou recuperar sua confiança... e o amor do nosso menino. Tenha paciência comigo. Eu... eu me encontro de novo, mas preciso do meu lar. Preciso de vocês.

Guiei-o até o sofá. Ele se sentou, e eu sentei ao lado, ainda sem soltar suas mãos. Passei o polegar sobre a cicatriz na palma dele — lembrança da noite em que prometemos jamais soltar um do outro.

— O lar está aqui — disse, encostando sua mão sobre meu peito. — Mas mantenha-o, antes que desabe de vez.

Ele assentiu, soluçando. Ficamos assim alguns minutos, apenas nos tocando, deixando que o vínculo respirasse.

Então, sem dizer nenhuma palavra, Rhyan levantou-se e foi até o quarto de Theo.

Eu o segui em silêncio.

Theo dormia abraçado ao urso que Sam lhe dera. Rhyan ajoelhou-se ao lado da cama, as mãos trêmulas percorreram os cabelos do menino.

— Papai está aqui... — murmurou, com a voz embargada. — E não vai mais embora.

Eu me ajoelhei ao lado dele. Entrelaçamos os dedos sobre o colchão.

Ali, no quarto escuro, três corações voltaram a bater em compasso. Não era perdão completo. Não ainda. Mas era o recomeço. E, enquanto abraçávamos nosso filho, senti que a sombra dentro dele recuava, um passo ínfimo, mas real. Porque o amor, mesmo ferido, ainda era maior do que qualquer fúria.

Eu o beijei na têmpora e sussurrei:

— Juntos. Sempre.

— Sempre — ele respondeu, e, depois de muito tempo, a palavra soou verdadeira.

## Capítulo 27



# A PRIMEIRA RACHADURA NA MURALHA

## Luna

O corredor da sede estava silencioso, exceto pelo som leve dos meus passos. Cada passo ecoava mais do que o anterior, como se o destino estivesse me empurrando em direção a um confronto que eu estava adiando há tempo demais.

Morgan estava sentada na sala pequena ao lado da biblioteca, onde os arquivos antigos ficavam guardados. A luz do fim de tarde entrava pelas janelas empoeiradas, deixando seu rosto pálido e envelhecido ainda mais marcado. Ela parecia menor do que eu lembrava e talvez mais... humana.

— Pensei que você fosse fugir de mim para sempre — ela disse, sem olhar diretamente para mim.

Cruzei os braços e me encostei na porta. O sarcasmo veio antes da emoção, como sempre.

— Não sou eu quem tem experiência em forjar a própria morte, titia. Só fugi uma vez... e você não me viu indo embora.

Ela sorriu de leve, aquele sorriso cansado de quem já entendeu que não vai ganhar a discussão. E ainda assim, tenta.

— Mereço isso.

— Ah, Morgan... você não faz ideia do quanto.

Entrei na sala devagar, o olhar preso nela. Me sentei à sua frente, mantendo uma distância segura. Não que ela fosse me atacar, mas... era mais seguro para mim. Para o que ainda doía.

— Durante anos, você foi tudo o que eu tinha — comecei, sem conseguir controlar o tremor na voz. — Você me tirou do orfanato. Me deu uma casa. Me ajudou a dormir sem gritar no meio da noite. Me ensinou que eu não era só a garota quebrada que todos evitavam.

Engoli em seco. Ela abaixou o olhar.

— Eu amei você, Morgan. Como se fosse minha mãe. Porque, de algum modo... você foi.

Ela fechou os olhos. E, por um segundo, seu peito subiu e desceu, como se carregasse cem anos de arrependimento.

— Mas aí, você mentiu para mim — continuei, a voz agora mais dura. — Escondeu a verdade sobre quem eu era e o que eu era. E pior... você me fez acreditar que eu era só mais uma no mundo. Quando, na verdade, fui feita sob medida por uma Deusa caprichosa, que decidiu jogar dados com a minha vida.

Morgan assentiu devagar. Não tentou se justificar. Isso me desarmou mais do que qualquer desculpa.

— Eu estou cansada de me sentir usada — confessei, e dessa vez a dor saiu crua. — Por você, pela profecia, pelos outros. Eu só queria ser... eu. Só isso. Mas nunca tive essa escolha, porque ela me foi tirada.

— Sei — Morgan murmurou. — E me odeio por isso todos os dias.

Silêncio.

— Quando você morreu... — continuei, mais baixo. — Quando achei que tinha perdido você... eu desabei. Aquilo me destruiu. Era como se, mais uma vez, o pouco de estabilidade que eu tinha, fosse arrancado de mim.

— Eu assisti tudo... — ela murmurou, com os olhos brilhando de lágrimas. — Eu via você pelas visões. Sofrendo. Gritando. Se perdendo e tentando se encontrar. Eu queria correr até você, mas... eu estava presa. Literalmente. E, antes disso, presa também nas minhas escolhas. Na minha arrogância de achar que podia te proteger do destino.

— Você não entende... — minha voz tremeu. — Eu te procurei em cada decisão. Mesmo depois de morta. Eu ouvia sua voz nas escolhas que eu fazia. E agora, saber que você estava viva... que sabia de tudo e não confiou em mim...

Ela chorou em silêncio. As mãos cruzadas no colo, como se estivessem segurando os cacos de tudo o que restava dela.

— Você confiava tanto em mim para me transformar em arma — continuei — mas não o suficiente para dividir a verdade.

Morgan respirou fundo e ergueu os olhos, finalmente me encarando com aquela firmeza que um dia eu admirei.

— Eu não te via como uma arma, Luna. Eu te via como um milagre. Um último sopro de esperança. E foi por isso que quis te poupar do peso. Porque eu te amava. Ainda amo. Como uma filha.

Meu coração deu um salto. Mas não cedi.

— Amor? O amor não esconde, Morgan. O amor prepara. O amor confia.

Ela assentiu, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Você está certa.

Ficamos em silêncio por um tempo. Longo o suficiente para que a dor se acomodasse entre nós, como uma terceira presença, pesada e incômoda.

— Posso vê-las? — ela perguntou baixinho. — As meninas... posso conhecê-las melhor? Pegá-las no colo?

Meu instinto gritou, querendo negar. Cada fibra do meu ser quis recuar, erguer muralhas, proteger o que restava de mim. Então vi seus olhos... e neles, algo se partia em silêncio. Havia dor, sim, mas também, uma honestidade, pulsando, despida de máscaras. Não era só culpa... era um arrependimento profundo, real, do tipo que não se finge. E, por um breve instante, minhas defesas vacilaram.



— Elas não sabem quem você é — sussurrei. — E eu ainda não sei se vão saber. Mas...

Suspirei, lutando contra o nó na garganta.

— Elas merecem conhecer quem ajudou a salvar a mãe delas.

Morgan chorou. Mas não disse nada. Talvez porque sabia que essa era a maior concessão que eu podia fazer no momento.

— Sabe! Vejo você ao lado de Cassian... — ela disse, com um sorriso frágil. — E vejo que a mulher que você se tornou, vai muito além da profecia. Você é forte Luna. Líder. Mãe. Uma loba inteira. Sinto tanto orgulho.

As palavras me atingiram com força inesperada. Doeram e acalentaram ao mesmo tempo.

— Eu ainda não sei se consigo confiar em você — confessei. — Mas... sinto sua falta. E odeio sentir.

Ela sorriu com tristeza.

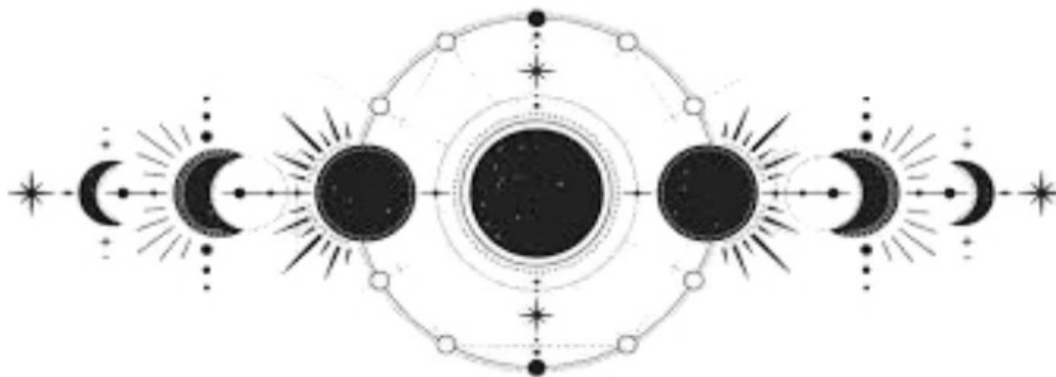
— A falta é a prova de que ainda existe afeto a ser reconstruído.

Ficamos ali por mais um instante, mergulhadas em lembranças que não sabiam se doíam ou confortavam. Quando me levantei, ela não tentou me segurar. Apenas disse:

— Estarei aqui. Quando você quiser. Do jeito que puder.

Assenti, sem promessas.

Mas, pela primeira vez, não fechei a porta com força.



**Morgan**

As folhas do outono dançavam ao redor da cabana quando Cassian chegou. Eu o vi se aproximando do jardim com as meninas nos braços, duas pequenas tempestades de luz e energia. Uma dormia, o rosto encostado no ombro dele. A outra esticava o bracinho para tentar agarrar as flores no caminho.

Meu coração quase parou.

— Estão crescendo rápido — murmurei, saindo até a varanda.

Cassian sorriu de lado, o cansaço e a ternura se misturavam em seu rosto.

— São como a mãe — disse. — Intensas, difíceis... e absolutamente maravilhosas.

Meu peito apertou.

Ele entregou uma em meus braços com cuidado. Ela me olhou com olhos grandes e curiosos, e não chorou. Apenas tocou meu rosto com os dedinhos minúsculos.

— Qual o nome dela? — perguntei, engolindo as lágrimas.

— Essa é Maya. E a que dorme é Ayla.

— Dois nomes que carregam o céu inteiro. Como poderia não amar criaturas assim? Elas são... perfeitas.

Cass assentiu.

— São. Como você, como as mulheres da minha vida costumam ser. Mas perfeição não exclui dor, não é?

Olhei para ele. Por trás da força de um Alfa, havia um homem também ferido.

— Ela continua dividida, não é?

— Luna não odeia você, Morgan. Mas também não sabe como amar alguém que partiu o coração dela duas vezes. Você foi a primeira pessoa em quem ela confiou. E isso nunca se esquece. Nem na dor.

Assenti, apertando Maya contra meu peito.

— Estou disposta a esperar. A reconstruir.

Cass colocou Ayla em meus braços e pegou Maya, que dava os bracinhos para o pai. As duas dormiram, cheirando a leite, a promessas, a esperança.

— Então, espere com paciência — disse ele, suave. — Porque a Luna parece ser feita de aço, mas por dentro... ainda sangra, como uma menina que só queria ter sido amada com verdade.

— Eu nunca deixei de amar — sussurrei.

Cassian me olhou nos olhos.

— Então prove. Não com promessas, mas com presença.

Ficamos ali em silêncio. O vento soprava suave, e Luna, à distância, observava da sombra das árvores. Seus olhos estavam marejados, mas havia neles um brilho tênue. Não era perdão. Ainda não. Mas talvez... o primeiro indício de que ainda havia espaço para cura.

E isso era tudo o que eu podia pedir.

## Capítulo 28



# UM LUGAR À MESA

## Rhyan

A casa de Ariel sempre teve cheiro de café recém passado e madeira polida. Era simples, aconchegante e, de alguma forma, o único lugar onde todos conseguíamos respirar sem que o peso do mundo parecesse esmagar nossos ombros.

Estávamos todos ali naquela tarde, como uma pausa antes da próxima tempestade.

As gêmeas corriam pelo quintal rindo, Maya com os pés descalços e Ayla gritando, com sua risada gostosa, com uma alegria que fazia o ar vibrar. Theo, como sempre, tentava fingir que não queria brincar, mas bastou uma bolinha atravessar seu campo de visão, para que ele se rendesse, correndo atrás das meninas com um sorriso tímido.

Eu os observava da varanda, com um copo de limonada gelada nas mãos e um nó de ternura no peito.

Era isso que precisávamos preservar. Era por isso que lutaríamos, mesmo quando tudo parecesse sem saída.

Dentro da casa, Cassian, Luna, Ariel, Lys, Samantha e Morgan, conversavam baixinho, cada um com seu olhar carregando uma história recente demais para ser esquecida. O sol entrava pela janela da cozinha e pintava tudo com tons dourados, como se o tempo nos permitisse, por um momento, acreditar que estava tudo bem.

Aproximei-me devagar, escutando risadas baixas. Lys estava contando alguma travessura de Theo, envolvendo tinta e um pato do lago. Luna ria com o rosto iluminado. Ariel balançava a cabeça, fingindo repreensão, e Samantha, ao lado dele, sorria com os olhos fixos nas mãos entrelaçadas às dele.

Cassian me olhou quando entrei e me deu um leve aceno com a cabeça. Morgan estava sentada na ponta da mesa, com uma xícara de chá nas mãos, como se fizesse parte da casa desde sempre.

— Estamos todos aqui, não é? — murmurei, puxando uma cadeira. — O que é quase um milagre.

Morgan me olhou com aquele brilho calmo, antigo.

— Milagres se tornam mais frequentes ao ter esperança — disse ela.

Olhei ao redor. Aquilo não era só um conselho, era uma constatação.

Gradualmente, o riso cedeu lugar ao silêncio leve de quem sabe que precisa conversar sobre o que importa. Eu me inclinei um pouco à frente, apoiando os braços na mesa.

— Morgan... preciso te perguntar algo.

Ela assentiu com um pequeno gesto, como quem já esperava.

— O que aconteceu com Malthus?

O ar ficou um pouco mais denso. Cassian recostou-se na cadeira, tenso. Luna olhou para mim, mas não disse nada.

Morgan pousou a xícara sobre a mesa, com um cuidado que contrastava com o impacto das palavras que viriam.

— Filho... entendo a sua revolta. Entendo cada pedaço da raiva que carrega. Mas te garanto, Malthus é o menor dos seus problemas agora. Ele está derrotado e enfraquecido — continuou, com a voz firme. — Você pode se sentir vingado.

Minhas mãos se fecharam em punhos por instinto.

— Mas ele ainda vive — sussurrei.

Ela assentiu, com os olhos pesando memórias.

— Não por muito tempo. A força que se levanta, levará Malthus. O que se aproxima exigirá mais de vocês do que vingança. Vai exigir união.

As palavras dela caíram como premonição, mas havia um eco no ar que eu ainda não entendia de onde vinha.

— Eu não tenho o poder dos meus irmãos — confessei, quase envergonhado. — Não sei qual é o meu papel como *Escolhido*.

O silêncio que se seguiu, foi preenchido pelo som das crianças correndo do lado de fora e pelas folhas balançando na brisa.

Cassian se aproximou, colocando a mão sobre meu ombro.

— Está preparado para receber o poder, irmão?

Respirei fundo. Encarei os olhos escuros dele, que carregavam força, dor e uma lealdade que sempre me comoveu.

— Eu não quero — respondi com firmeza. — Entendi e acolhi as minhas sombras, e sei que não controlaria tanto poder, caso elas um dia voltem.

Cass não respondeu. Seu rosto não mostrava decepção. Apenas escuta.

— Vou lutar ao lado de vocês com o que sou — continuei. — Como nosso pai lutou e governou sempre: com amor, com respeito. Isso já me torna tão forte quanto vocês.

Pausei. Um calor subiu pelo meu peito.

— E isso... me basta.

Luna sorriu. Aqueles sorrisos pequenos dela, que parecem guardar o universo em uma curva de lábios. Ela se aproximou, colocando uma das mãos sobre a minha.

— Então você já sabe o seu lugar nisso tudo, Rhyan. E já entendeu o seu poder. — Ela se inclinou levemente. — Você já é como nós.

Um brilho suave se acendeu em seus olhos quando olhou para o quintal.

— Estamos prontos para o desconhecido.

A emoção bateu forte no meu peito. Não pela aprovação. Mas pela aceitação. Por perceber que ser diferente não me tornava menor.

Do lado de fora, Theo gritava algo sobre ter achado um sapo gigante, Maya e Ayla corriam atrás dele aos risos, com suas perninhas curtas e seus passos vacilantes.

Morgan se levantou, se aproximando da janela com os olhos marejados.

— Olhem para eles — disse baixinho. — Eles são o futuro que vocês vão salvar.

A sala se aqueceu com aquela verdade.

Samantha apertou a mão de Ariel. Lys encostou a cabeça no meu ombro. Cassian abraçou Luna pela cintura, e ela se permitiu descansar por um segundo contra ele.

— Sabe o que eu acho? — Ariel disse, levantando a voz para quebrar a emoção. — Que a gente devia comemorar essa pequena vitória. Fazer um jantar, sei lá... pizza, vinho, colocar música.

— Apoio pizza! — gritou Luna. — Desde que alguém lave a louça depois.

— Vocês esqueceram que têm três crianças pulando em poças lá fora? — Lys riu.

— Mais um motivo para mantermos todos trancados aqui dentro — respondeu Cassian, com falsa seriedade.

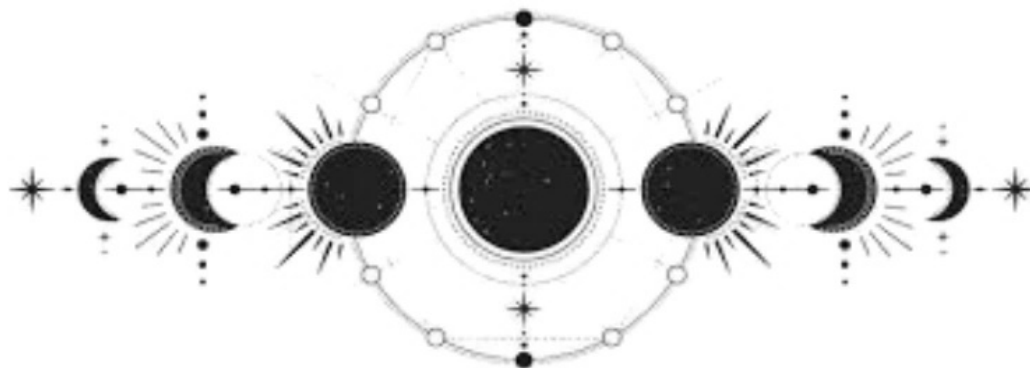
Todos rimos. A tensão se desfez como neblina ao sol.

E ali, entre copos erguidos, cheiro de comida e promessas não ditas, eu entendi. O nosso poder nunca esteve apenas no que herdamos ou conquistamos. Mas no que construímos juntos.

No amor que sobreviveu ao caos.

Na família que escolhemos ser.

No silêncio entre uma guerra e outra, onde as mãos dadas seguram o mundo firme por mais um dia.



## Luna

As crianças estavam deitadas na grama, ofegantes e com o rosto banhado de sol, quando Morgan se abaixou ao lado delas, com um sorriso que iluminava seu rosto. Ela fazia vozes engraçadas para contar uma história antiga, cheia de dragões e estrelas cadentes. As gêmeas ouviam encantadas, os olhos brilhando. Theo se mantinha um pouco mais distante, mas sorria com o canto dos lábios, curioso demais para resistir.

Fiquei ali, por um tempo, só observando. Era raro ver Morgan tão serena, tão entregue.

Quando virei o rosto, percebi Luna parada na beira do jardim, a alguns metros de distância. Ela a olhava com um brilho no olhar, que eu não sabia dizer se era tristeza, nostalgia ou... medo. Cassian estava ao seu lado, com o braço escorado em seu ombro. Os dois estavam em silêncio, o tipo de silêncio que grita.

Me aproximei, sentindo que havia algo ali que precisava ser dito — ou escutado.

— Você está diferente — falei, ficando ao lado de Luna. — Está quieta demais.

Ela me olhou e sorriu, um sorriso discreto demais para ser real.

— Eu estou... com um sentimento estranho.

Cassian franziu levemente o cenho, mas não falou. Apenas apertou de leve o braço de Luna contra ele, como quem dizia: pode falar, estou aqui.

Luna respirou fundo.



— Tenho observado Morgan desde o dia em que a encontramos. Ela não disse nada, mas... — Seus olhos se voltaram novamente para o quintal. — Ela ainda não se recuperou totalmente.

Cassian endireitou o corpo.

— Como assim?

— Ela tenta parecer forte. Mas hoje, olhando para ela ali com as crianças, eu notei... ela está mais envelhecida do que deveria. Como se os anos tivessem corrido sobre ela de uma hora para outra. Seus movimentos estão mais lentos. E, mais... é como se a energia vital dela parecesse drenada.

Rhyan e Cass trocaram um olhar breve. O peso das palavras de Luna era real.

— Como se algo estivesse tomando suas forças — completou ela, em um sussurro.

O sol ainda dourava tudo ao redor, mas, por dentro, uma sombra sutil começou a se insinuar.

— Isso te preocupa? — perguntei, mesmo já sabendo a resposta.

Ela assentiu, séria. Cassian então se virou e chamou por Ariel, que estava perto da mesa com Samantha.

— Ariel. Sam. Precisamos conversar.

Os dois se aproximaram, atentos. Quando chegaram até nós, Luna repetiu o que havia observado.

— Posso cuidar dela — disse Ariel de imediato, instintivamente. — Ver como está sua saúde, fazer mais exames, estudar se há algo...

Antes que terminasse a frase, Morgan apareceu atrás de nós, com uma das gêmeas pendurada em seu braço e a outra segurando sua saia.

— Não precisa, meu bem. — disse ela, com um sorriso suave. — Eu estou bem.

A resposta foi dita com tanta leveza, que, por um instante, parecia verdade. Mas vi quando Ariel franziu o cenho. Ele viu também.

— Morgan... — começou ele, cauteloso.

— Não, querido — ela interrompeu, pousando a mão em seu ombro. — Sei que você quer me ajudar. Mas isso... isso não se trata de algo que se conserte com remédios ou feitiços.

Samantha estreitou os olhos, preocupada. Cassian cruzou os braços, e Luna deu um passo mais perto de Morgan.

— Você sabe o que está acontecendo com você? — ela perguntou, sem rodeios.

Morgan olhou para ela, com um carinho maternal.

— Eu sei. E, quando for a hora certa, vou contar. Por enquanto... só quero esse momento com vocês. Com eles. — Ela olhou para as crianças. — Há anos que eu não me sentia parte de uma família.

Aquela palavra fez todos se calarem por um instante.

Theo correu em direção a Luna com um papel na mão.

— Tia Luna, olha o que eu desenhei! É a vovó Morgan virando estrela!

Abaixei, sorrindo, me agachando para abraçá-lo, mesmo que o impacto daquelas palavras estivesse claro nos meus olhos. Morgan se agachou também, fazendo carinho nos cabelos de Theo.

— As crianças sempre sentem, não é? — ela sussurrou.

Cassian se virou discretamente, e eu soube que ele precisava de um momento. Eu também. Samantha olhou para Ariel, silenciosa. E Luna... Luna apenas envolveu Cass em seus braços, como se ele fosse a âncora que impedia seu mundo de desabar.

O dia começou a cair devagar, tingindo tudo com tons cor de laranja. O riso das crianças ainda ecoava no quintal, mas em cada um de nós, havia agora uma inquietação que não passaria tão cedo.

Olhei para Morgan. Ela sorria. Mas em seus olhos havia despedidas escondidas.

E isso, mais do que tudo, me fez temer pelo amanhã.

## Capítulo 29



### Luna

O mundo cedeu sob meus pés, antes mesmo de eu perceber que estava sonhando.

*Primeiro veio o som, como um trovão úmido, espesso, parecia que a própria terra gritava dentro das minhas veias. Depois, a escuridão tomou tudo. Vi-me em um corredor sem paredes, feito de névoa pulsante, e cada passo, ecoava mil vezes na minha cabeça. Não havia teto, mas havia um céu vivo, costurado de relâmpagos cor purpúrea. Senti o cheiro de chuva, misturado ao odor acre de sangue recém-derramado.*

*No meio desse nada, surgiu uma porta enorme de madeira negra, entalhada com símbolos que reconheci dos antigos grimórios: runas de contenção, feitiços de servidão. No centro, brilhava o emblema da Deusa, a lua dupla, cada metade devorando a outra. O trinco era um gancho de ossos.*

*Abri.*

*O que encontrei do outro lado, foi uma planície branca, infinita, repleta de lobos de olhos vazios, como estátuas cinzentas arrancadas*

*do sangue da terra. Estavam congelados no meio de um uivo que ninguém mais podia ouvir. Entre eles, caminhava a Deusa. Seus pés não tocavam o solo; ela deslizava sobre a quietude, como névoa sobre espelho. Trazia no rosto uma máscara de prata rachada, e através da fenda, pude ver apenas um olho brilhando, prateado como o meu.*

*— Você sente? — a voz dela não saiu de sua boca; explodiu dentro da minha mente, rasgando meus pensamentos em fitas. — O eixo está virando, filha. O jogo saiu do tabuleiro.*

*— Por que me mostra isso? — tentei pronunciar, mas minha boca não abriu. O som partiu da garganta da alma, não da carne.*

*— Porque saberei se você escolherá ficar ao meu lado quando o céu cair.*

*O único olho da Deusa, prendeu-se em mim.*

*— Você nasceu do meu sopro. Mesmo que brade liberdade, carrega meu selo.*

*As estátuas de lobo começaram a se desfazer. Dos corpos petrificados, jorravam veios de pó negro, que pairavam no ar, antes de virar tempestade, circulando ao nosso redor.*

*Vi rostos familiares naquele turbilhão: Liar, Sara, Axel. Vi-me criança, tremendo de medo num quarto de orfanato. Vi Morgan acorrentada, Rhyan cobrindo o rosto de luto, Cassian ajoelhado em sangue que não sabia conter.*

*A Deusa abriu os braços, como quem acolhe e devora ao mesmo tempo.*

*— Eles se quebram. Você assiste. Até quando? — O tom dela era desafio e canto de ninar.*

*— Não vou mais ser marionete.*

*— Você foi moldada para salvar ou para condenar, pequena lua — sussurrou ela. — Mas não pode negar que nasceu de mim.*

*— Posso escolher quem me acompanha até o fim.*

*O sorriso dela foi maior que um eclipse.*

*— Então escolha rápido. A fenda cresce. E leva primeiro o que você ama.*

*Atrás da Deusa, o chão abriu-se numa fenda vermelha. Dentro, algo se mexia: garras descomunais, presas de pedra, asas feitas de trevas líquidas. O rugido que soou dali, fez meu coração falhar.*

*As crianças apareceram à beira do abismo. Maya, Ayla, Theo. Eles me chamavam, mas nenhum som saía; apenas lágrimas enormes nos rostos. Quando dei um passo, correntes de luz me prenderam pelos tornozelos.*

*— Eles não são meus reféns — murmurou a Deusa. — São sua bússola. Se perder a direção, o abismo vem primeiro por eles.*

*Gritei. O chão tremeu. As correntes estalaram, romperam-se, mas, no instante em que alcancei as crianças, tudo se desfez numa explosão de fumaça branca.*

Acordei sobressaltada, com Cassian segurando meus ombros. O quarto estava escuro, mas o suor me banhava. Cass afagava meus cabelos, pálido de susto.

— Foi outro pesadelo?

Assenti.

— Ela voltou — falei, ofegante. — Mas não como antes. Veio... com medo. E com ameaças.

Contei tudo entre respirações agitadas. Cassian ouviu calado, a mão firme na minha. Quando terminei, ele fechou os olhos, inspirando fundo.

— Isso muda tudo?

— Isso confirma — respondi. — Há uma fenda crescendo. A Deusa teme ser derrocada por algo maior do que ela mesma.

Ele passou o braço pelos meus ombros.

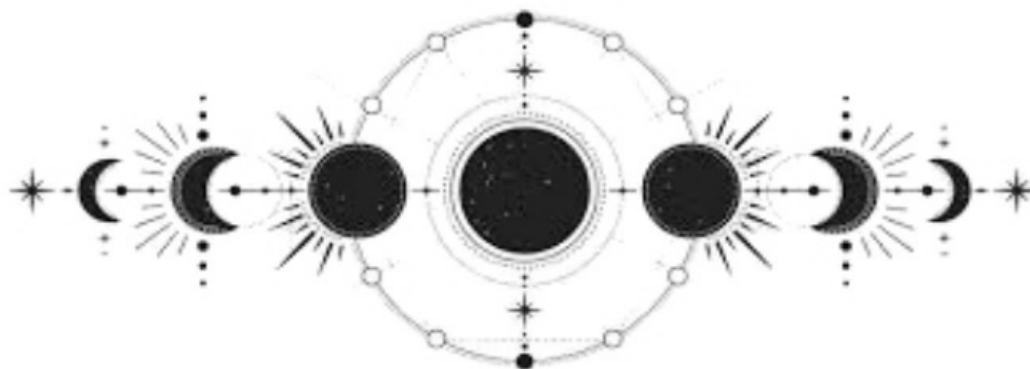
— Vamos acordar os outros? A gente precisa planejar, juntos, o que vamos fazer.

Trocamos olhares. Não havia desespero, mas urgência consciente. Levantei-me, vesti uma blusa, calcei botas. Lá fora, a madrugada embranquecia o céu.

Cassian tocou meu rosto antes de sairmos.

— Não vou deixar nada tocar nossas filhas. Tão pouco tocar você.

Beije-o devagar, permitindo que aquele cheiro de maçã, hortelã e promessa, me lembrasse por que ainda não me entreguei ao medo.



Minutos depois, todos estavam reunidos na sala grande da casa. As crianças, graças ao feitiço de sono suave de Samantha, permaneciam alheias, protegidas em um quarto iluminado por uma luz fraca.

Contei o pesadelo, enquanto Lys fazia um café forte. Morgan fechou os olhos, como quem lê oráculos invisíveis. Ariel puxava mentalmente mapas, linhas de defesa e possibilidades de fuga. Rhyan estava ao meu lado; senti o respeito pesado do silêncio dele.

— Essa fenda... — Ariel começou apoiando as mãos na mesa. — Seja metafórica ou literal, requer posição. Ou vedamos, ou aprendemos a cair sem sermos engolidos.

— A Deusa insinuou que Malthus cairá primeiro — comentei, olhando para Rhyan. Seus punhos cerraram, mas ele apenas assentiu.

— Então, nosso alvo não é mais ele. É a sombra atrás dele — declarou Cassian. — Algo tão antigo quanto a própria Deusa, ou, por mais absurdo que pareça, ela própria.

Morgan respirou fundo.

— Eu temia isso. Existe um nome sussurrado nos escritos mais velhos que li, mas as páginas se desfaziam quando chegava a essa parte. Como se a própria tinta, tivesse medo de guardar memória.

Um arrepio percorreu todos nós.

— Não podemos ficar correndo atrás de pistas no escuro — disse Lys, decidida. — Precisamos preparar rotas de proteção para as crianças, fortalecer as barreiras da sede e manter patrulhas dobradas.

— E manter Rhyan longe de surtos de raiva — acrescentou Sam, erguendo uma sobrancelha.

Ele sorriu, meio sem graça.

— Estou na linha. Promessa nova.

Risos nervosos percorreram a mesa. Era bizarro rir enquanto o dia rugia lá fora, mas rir, mesmo trêmulos, nos mantinha vivos.

— Primeiro passo? — perguntei.

Cassian apertou minha mão.

— Amanhã reunimos os lobos aliados. Explicamos o risco real. Depois, nos separamos: Ariel e Sam reforçam barreiras; Lys organiza suprimentos e rotas; Morgan, você... — Ele hesitou. — Precisamos que procure nessa cabana, tudo o que houver de pistas sobre essa fenda ou o que quer que ela seja. E Rhyan fica comigo, treinando guardas... sem se matar.

As tarefas circulavam no ar, como antigas estrelas reencontrando constelação. Assenti. Todos assentiram.

Lys trouxe as canecas de café.

— À família — propôs, erguendo a sua.

— À resistência — completou Samantha.

Ergui a minha também.

— À luz que se recusa a apagar.

Quando o café quente tocou minha língua, vi no reflexo escuro do líquido, as chamas do meu pesadelo. Mas agora elas ardiam cercadas de mãos entrelaçadas, de sorrisos cansados, de crianças dormindo em paz no quarto ao lado.

Com um estalo, entendi que a Deusa podia ser a criadora, mas não era mais a autora da nossa história.

Nós seríamos.

## Capítulo 30



### Lys

O sol nascente pintava o céu de acobreado, quando abri o armário da despensa na sede e comecei a fazer o inventário de suprimentos. Anotei cada saco de arroz, cada pote de mel, cada frasco de ervas que Samantha dissera ser “indispensável para manter lobinhos saudáveis.” Sempre gostei de organizar, colocar as coisas em ordem me fazia sentir que o caos lá fora tinha limites.

Rhyan entrou, carregando duas caixas de mantimentos. Ele ainda mancava da sessão de treino com Cass, mas me lançou um sorriso tímido.

— Precisa desses aqui onde? — perguntou.

— Segunda prateleira, à esquerda — respondi. — E sem empilhar além da marca vermelha, ou tudo desaba.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas obedeceu. O sorriso dele, por menor que fosse, enchia meu coração de tudo que eu julgava perdido.

Cassian apareceu à porta com um mapa. Atrás dele, Ariel e Samantha discutiam runas de contenção, enquanto Luna vinha com



Morgan, ambas carregando velhos grimórios. As gêmeas corriam atrás de Theo, transformando o corredor em pista de guerra com almofadas voando. O caos, mas meu coração batia no compasso certo: todos estavam aqui, vivos, respirando, trabalhando juntos.

— Inventário pronto? — Cassian perguntou.

— Metade — respondi. — Falta a ala dos grãos. Com Rhyan ajudando, vai ser rápido.

Ele assentiu. Morgan se aproximou e apontou para os frascos coloridos.

— Estas garrafas de verbena precisam ficar longe de luz direta, alertou, se a solução ressecar, perde potência.

— Verbena vai para a adega, então. — Anotei.

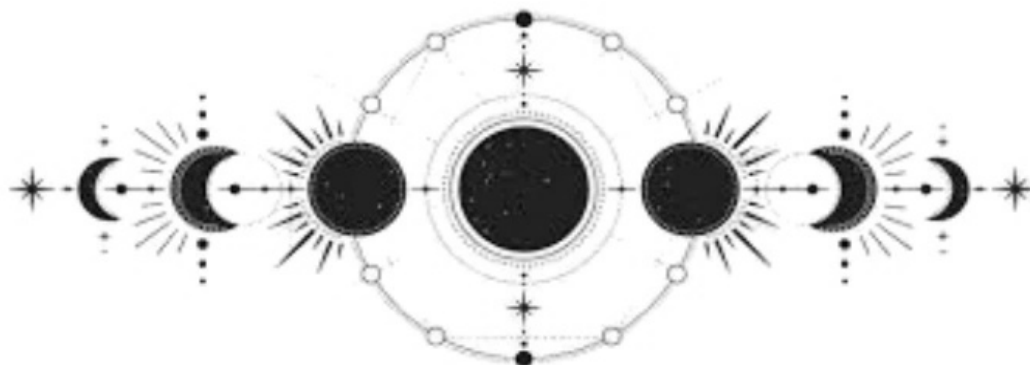
Theo entrou deslizando pelo chão, rindo alto com uma toalha amarrada como capa. Parou diante de Morgan e ofereceu uma pedra brilhante, “para sorte”, disse ele. O rosto dela se iluminou, como vi poucas vezes. Luna observava da porta; mesmo cansada, sorriu ao ver o sobrinho e a tia juntos.

Puxei Rhyan pelo braço quando ele ia voltar ao depósito.

— Está vendo? — sussurrei. — Somos mais do que a dor que carregamos.

Ele me abraçou de lado. Um abraço leve, mas cheio de promessa.

— Não vou esquecer de novo.



No salão principal, Cassian estendeu o mapa sobre a mesa grande. Marcou com tinta azul as rotas de evacuação que eu ajudara a definir, trilhas pela floresta até o antigo posto de vigia, cavernas seguras, clareiras onde feitiços de ocultação seriam erguidos.

— As crianças seguem essa rota se algo acontecer — expliquei, apontando. — Um grupo vai com Rachel, a curandeira, outro com Otto, nosso melhor rastreador. Temos suprimentos em cada ponto de apoio. Sam garantiu que as barreiras mágicas suportam investida pesada por no mínimo quatro horas.

Ariel assobiou, impressionado.

— Isso é melhor que os planos de Cassian quando treinava cadetes.

Cassian fingiu ofensa, mas sorriu.

— A logística está pronta — concluí. — Falta a parte espiritual. E isso não é comigo.

Luna apoiou as mãos na mesa, abrindo um dos livros antigos.

— Morgan e eu localizamos referências sobre “a Boca da Fenda”. Uma ruptura entre os mundos, uma abertura no céu que pulsa com uma energia antiga. Por onde algo tentará atravessar... algo enviado por ela, ou talvez a própria essência dela. E essa passagem se forma, justamente onde a magia dos lobos é mais intensa. Isso significa aqui. Precisamos selá-la, antes que se abra por completo... ou não restará nada capaz de detê-la.

— Como? — Sam perguntou.

Morgan folheou páginas amareladas.

— Há um ritual antigo, mas requer quatro polos: coragem, redenção, unidade e sacrifício. Cada polo precisa de um representante que mantenha a mente firme durante o selo.

Rhyan ergueu os olhos para mim. Eu senti a pergunta muda: “Coragem” poderia ser ele?

Luna falou antes:

— Coragem, Cassian. Redenção... Morgan. Unidade, Ariel. Sacrifício...

Todos os olhares recaíram nela.

— Não, Luna — Cass protestou.

Ela ergueu a mão.

— Sacrifício não significa morte. Significa disposição para entregar poder, tempo, memórias. Posso fazer isso sem partir. E, se der errado, Cass me puxa de volta. É o único que pode.

Cassian suspirou, mas assentiu. O acordo silencioso entre eles estava sempre ali, mais forte que discussão.

Sam consultou um segundo pergaminho.

— Rituais assim drenam energia vital. Não podemos correr o risco de alguém enfraquecer a ponto de... — Ela viu Morgan olhar para o nada, pálida. — Morgan? Você aguenta?

Morgan sorriu, cansada.

— Serei redenção, Samantha. Deixar que a fenda me leve seria fácil demais. Ficar e pagar meus erros, é o verdadeiro resgate.

Eu me aproximei dela e toquei sua mão. Pela primeira vez, não senti raiva, senti gratidão pela coragem.

Theo apareceu à porta.

— Tia Morgan, a pedra de sorte funciona melhor no bolso esquerdo!

Risos preencheram a sala, quebrando a tensão.

— Ninguém tira essa pedra de lá — prometeu Morgan, pondo a pedrinha no bolso indicado.

O momento de leveza nos lembrou da razão de estarmos ali.

Cassian enrolou o mapa.

— Temos um plano. Temos coragem. Temos cada um de nós. O desconhecido que venha.

Luna ergueu a taça de água que Sam acabara de conjurar.

— Àquilo que ainda não entendemos — disse. — E à família que escolhemos.

Batemos copos, canecas, punhos. Ao fundo, o canto dos grilos se misturou à risada das crianças.

Por um instante, a guerra pareceu distante.

E, nesse instante, eu soube que, não importava o que viesse, teríamos força para voltar para casa. Porque a casa não era a sede,

nem a floresta, nem Corvill.

A casa era este círculo de mãos, de vozes, de corações que tecemos juntos sob o céu cinzento. E ninguém, nem mesmo a fenda, tiraria isso de nós.



## Malthus

A lua erguia-se cheia, inflamada de vermelho como o olho de um Deus febril, quando a câmara do templo tornou a pulsar em volta de mim. O sangue que manchava as runas no chão já havia secado, mas o poder restante desses símbolos antigos, agora corria pelas minhas veias, como um rio de fogo.

A recuperação foi lenta, dolorosa e necessária. O templo me devorou para me reconstruir. Agora, o ar cheira a ozônio e promessas incumpridas. A pedra ressoa com cada batida do meu coração. Meus sentidos se expandem outra vez, alcançando frestas no tecido entre mundos.

Quando o primeiro sussurro surgiu, agudo, cortante, feminino, eu já esperava. A Deusa não suporta ficar em silêncio quando sente que perdeu o controle que tentava manter sobre mim.

— *Ainda se ergue, meu pequeno rebelde?* — a voz dela foi um zumbido de vespas, enchendo a câmara, fazendo as velas tremeluzirem azul.

Eu sorri. Toquei o peito nu onde a marca de exílio voltou a brilhar. Não doeu; ardeu como uma lembrança boa.

— Boa noite, minha senhora — respondi, sem me ajoelhar. — Veio garantir que eu esteja bem? Ou veio implorar que me ajoelhe para beijar seus pés?

As sombras condensaram-se numa forma de mulher: cabelos de luar líquido, olhos vazios. A própria soberba encarnada.

— *Eu vim porque sua insolência me diverte... e me irrita.*

— A mim diverte mais a parte na qual a senhora treme — murmurei, aproximando-me do espectro. — Eu a sinto, Deusa. Sinto seu medo crescendo junto à fenda.

Ela ergueu a mão. O gesto deveria esmagar meus ossos a quilômetros de distância. Mas tudo que senti, foi um frio breve atravessando a pele. Eu ri, rouco.

— Perdeu o fio que me prendia, não foi? — Meus dedos faiscaram. Fagulhas de energia roxa dançaram, vivas. — Jurei que não me ajoelharia. Então me mate.

— *Sua morte ainda me serviria de exemplo...*

— Quem vai assistir à lição? Seus filhos? Aqueles que te desprezam? — Inclinei a cabeça. — Ou prefere que a Loba da Profecia encoste esse poder recém-nascido no seu trono e a veja ruir do pedestal?

Uma fissura rasa surgiu no chão da câmara. Não era minha magia. Era raiva divina.

— *Eles não vencerão* — sibilou ela. — *Varrerei Corvill do mapa, afogarei cada lobo no fogo da fenda. A ira que se ergue é minha.*

— A fenda não te obedece mais — retruquei, gelado. — Você a soltou, mas não a enjaulou. E agora, teme aquilo que criou.

Ela se aproximou até poder sentir meu hálito. A sala cheirava a ferro e relâmpago.

— *Tu aplaudes tua própria perdição, exilado. Eu te arranquei do céu, posso te arrancar da Terra.*

Inclinei-me e ri, baixo. O riso de quem só tem a morte por prêmio, mas já não teme perder nada.

— Prefiro mil mortes à servidão.

Abri os braços, convidando-a.

— Mas antes... torço para que Luna quebre o trono que tanto protege.

A máscara divina rachou num brilho cruel. Ela ergueu a mão, pronta a desferir castigo. Mas no último segundo, a forma tremeu: frágil, falha. Ela não podia. Não ali. Não mais.

— *Sua condenação está selada.* — Foi tudo o que disse, antes de se dissipar em fragmentos de luz sombria.

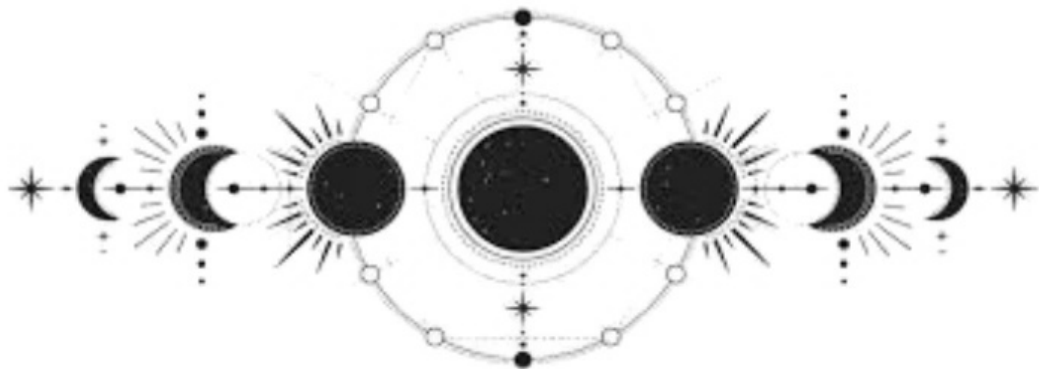
A câmara mergulhou em silêncio. Sorri, ofegante pela descarga de poder.

— Então que venha o fim, minha criadora.

Fechei os olhos, concentrando-me na fissura que ela deixara.

— Se a fenda é tua ira, será nossa lâmina também.

Conduzi o resto das chamas do templo para o interior do símbolo rachado. Minhas mãos tremiam, não de fraqueza, mas de certeza cruel. Quando a energia respondeu, usei a ressonância para enviar um único aviso, mental, direto, para Morgan. Ela precisava saber que a tempestade estava próxima.



## Morgan

Acordei com o som de vento golpeando a cabana e uma pontada aguda na base do crânio. Por um momento, pensei que fosse mais um eco de tudo que já suportei. Mas a voz de Malthus

ressoou dentro do meu peito, tão clara quanto nas noites em que o ódio dele me mantinha acordada.

*"Ela vem, Morgan. Com fúria de dilúvio. Evacue Corvill."*

Sentei-me na cama, ofegante. O quarto girou levemente e com uma certeza dentro de mim... estranha. Mas viva. Um pulso vigoroso atravessava minhas veias. Nunca me sentira tão desperta desde que Luna me libertou, isso me dizia que Malthus havia se recuperado.

A primeira luz do amanhecer pintava a janela. A bruma encaixava-se entre as árvores, carregada de um silêncio pesado.

*"A fenda é a ira da Deusa"*, completou a voz dele, já se liberando. *"Prepara-te."*

Levantei-me. Vesti o manto de viagem e prendi o cabelo. Havia energia circulando sob minha pele, forte, quente, diferente do cansaço dos últimos dias. Como se um véu tivesse sido retirado.

Desci a trilha até a casa de Luna. Os guardas noturnos saudaram-me com uma reverência. Quando entrei, encontrei Luna na mesa de mapas com Cassian, Ariel e Samantha.

Ela ergueu os olhos. Por um segundo, vi surpresa neles, talvez porque eu me movia sem mancar, talvez porque o grisalho nas minhas têmporas tivesse desaparecido.

— Morgan? Você... — a voz de Luna falhou, contida. — Parece... diferente.

— Depois falamos disso. — Parei junto à mesa. Meu tom fez Cassian levantar as sobrancelhas. — Recebi um aviso. Malthus enviou-me uma premonição: a Deusa pretende varrer Corvill. A fenda não é mero acidente, é canal da ira dela. E está prestes a abrir-se.

Ariel trocou um olhar rápido com Samantha. Lys surgiu do corredor, ainda amarrando os cabelos, com Rhyan logo atrás.

— Quanto tempo? — perguntou Cass.

— Algumas horas... talvez menos. Senti vento frio antes do alvorecer. A pressão mágica subiu bruscamente. Isso sempre antecede uma ruptura.

Luna passou a mão sobre o mapa, mudando marcações de patrulha.



— Então, começamos agora. Ariel, ative as barreiras da rota leste. Lys, conclua a evacuação. Sam, prepare selos anti-possessão; não sabemos o que é exatamente essa fenda. Rhyan, coordene defesa externa com Cass.

Ele assentiu, com uma voz firme: — Cuido disso.

Cassian aproximou-se de mim, mas era Luna quem me estudava. Senti o calor daqueles olhos prateados sobre mim.

— Você parece... curada — disse ela.

— A fenda retira e devolve — respondi. — Toma vida... e dá outra em troca. Talvez seja o último presente antes da guerra.

Ela estreitou o olhar, mas não debateu. Cassian pousou a mão no ombro de Luna.

— O sol já está nascendo. A aldeia precisa estar vazia antes do meio-dia.

Samantha empurrou-me um frasco de tônico.

— Beba. Não sabemos o que vai acontecer quando a ruptura piorar.

Tomei o líquido amargo. Senti-o percorrer cada artéria como centelhas. As portas da casa se abriram. Uma rajada súbita, gelada, atravessou o saguão. As luzes tremularam.

A fenda respirava.

Luna ergueu o olhar. Naquele instante, soube que compartilhávamos o mesmo pensamento: não havia mais volta.

— A evacuação começa agora.

Cassian se virou e gritou ordens. Rhyan correu para fora, chamando os vigias. Ariel seguiu Samantha pelos corredores, derramando luz dourada sobre runas antigas. Lys organizou as crianças em fila, beijando cada testa com voz firme.

Fiquei ao lado de Luna. O vento bagunçou nossos cabelos.

— Você confia no aviso de Malthus? — ela disse, sem julgamento, apenas constatação.

— Ele prefere o fim a se ajoelhar — respondi. — E nesse ponto... somos iguais.

Por um instante, vi nos olhos dela algo que não era rancor nem dor e sim reconhecimento.

— Então que a Deusa venha — murmurou Luna, com o rosto iluminado por determinação serena. — Somos mais do que ela fez de nós.

E juntas, saímos para a luz cinzenta da manhã, onde Corvill ainda dormia sem saber que o céu estava prestes a ruir.

## Capítulo 32



### Rhyan

O dia amanheceu pesado, como se as nuvens tivessem decidido ficar de luto, antes mesmo de a guerra começar. Quando abri as portas da sede, senti o cheiro de lenha úmida, misturado ao leve aroma de pão recém assado que alguém insistira em preparar para as crianças. Havia algo de profundamente humano nesse gesto, alimentar antes de partir, como se cada migalha fosse um lembrete de que ainda existíamos além da batalha e do feitiço.

Lys já estava no pátio, coordenando grupos que auxiliavam os mais velhos a entrar nos veículos. O cabelo preso num nó alto, as mangas arregaçadas, ela distribuía ordens com a voz firme e calma que eu sempre admirei. Era a voz que, quando éramos crianças, me ensinou a não temer o escuro entre as árvores.

— Preciso de dois lobos fortes aqui! — ela chamava, apontando para tia Marlene, que era uma das lobas mais idosas da alcateia e mancava com o bastão de noqueira. — E não esqueçam os medicamentos dela.

Passei ao lado dela, tocando de leve seu ombro. Ela virou o rosto apenas o suficiente para me regalar um meio sorriso, cheio de cansaço e ternura.

— Você faz isso parecer fácil — murmurei.

— Saber o número exato de cobertores não vai vencer a Deusa, mas salvar vidas — respondeu. — E salvar vidas é o que nos mantém dignos de lutar.

Aquilo me atingiu no peito como uma verdade que meu pai teria dito.

Cassian e Luna trabalhavam perto da grande porta, conferindo cada runa de proteção, antes que as patrulhas de vanguarda partissem. Ariel e Samantha verificavam amuletos nos carros, enquanto Morgan guiava as crianças, contando histórias para distraí-las. Entre essas crianças estavam as nossas, Theo, Maya e Ayla, cada qual com seus olhinhos arregalados de excitação e medo.

Cheguei a Theo e me ajoelhei. Ele segurava o urso de pelúcia já meio puído.

— Papai... vamos voltar logo?

Engoli em seco.

— Antes que você sinta saudade.

Ele franziu a testa.

— Eu já sinto.

Um nó apertou minha garganta. Abraçá-lo foi a única resposta possível.

Ayla e Maya, pequenas luas, corriam em volta de Luna, puxando o manto dela, como quem tenta segurar o céu. Minha cunhada desceu à altura delas com Cass ao seu lado, em um abraço apertado. O beijo que ela deu em cada testa, brilhava como selo de proteção. Cassian estava comovido ao se separar das filhas.

Voltei ao lado de Lys. Ela segurava uma prancheta de madeira, onde riscava nomes.

— Faltam duas famílias da zona sul — ela me disse sem levantar os olhos. — Você pode buscá-las?

— Cinco minutos — respondi.

Peguei Ivar e Niall, dois guerreiros jovens, e disparamos em forma lupina. A vila ainda tremia com energia densa, cada porta fechada parecia sussurrar adeus. Quando chegamos à casa dos Olson, encontramos a matriarca tentando agarrar fotos da parede, enquanto o neto chorava. Ivar e Niall ajudaram com as malas. Tomei a senhora no colo, apesar de seus protestos, e corri de volta para a praça central.

Quando a deixei no carro, Lys estava ali, pronta, cobrindo-a com uma manta.

— Você voou — ela disse baixo. — Você me pediu cinco minutos.

E, após muito tempo, sorrimos de verdade um para o outro.

O sol já escalava o céu quando subi numa pedra e ergui a voz:

— Alcateia de Corvill! — minha voz ecoou como trovão contido. — Hoje partimos, não por covardia, mas por estratégia. Preservarmos o que amamos para retornar mais fortes e quebrar as correntes que ainda nos prendem.

Um murmúrio de aprovação percorreu o pátio. Eu me mantive ao lado de Lys, sentindo seu ombro encostar no meu.

— Rhyan... — ela sussurrou. — Obrigada por ficar inteiro hoje.

Olhei em seus olhos. Havia neles o reflexo de todas as noites em que quase nos perdemos e a esperança de que o amanhã nos pertencesse outra vez.

— Foi você quem me colou.

Seu sorriso tremeu, mas se manteve firme.

Terminei o discurso. Ariel deu um último aceno antes de guiar o primeiro veículo pela saída. Samantha, ao lado dele, mantinha as mãos sobre um grimório aberto, recitando encantos baixinho.

As crianças choravam em silêncio, abraçadas a brinquedos ou à barra das saias das mães. Cada passo das rodas rangendo no cascalho era uma despedida gravada na pele do vilarejo.

Lys observou a saída dos automóveis, enquanto se despedia de Theo. Eu, do outro lado, mantinha os olhos nos telhados, atento a qualquer sombra.

Quando chegamos à ponte que marcava o fim do perímetro seguro, Theo levantou os braços pedindo colo. Peguei-o, e ele ocultou o rosto no meu pescoço.

— Quando eu voltar, vai terminar minha casa na árvore, certo, papai?

As lágrimas quase vieram, mas mantive a voz firme:

— Quando voltarmos, você terá a árvore inteira para escolher o galho mais alto.

Ele riu baixinho, confiante.

Lys, do outro lado, apertou minha mão livre. Não precisávamos de palavras. Aquele toque dizia tudo.

Quando o último carro sumiu na curva da colina, uma calma estranha se instalou. Era como ficar de pé na crista de uma onda, segundos antes do impacto.

Cass aproximou-se de mim e de Lys.

— A evacuação foi perfeita. — Olhou para Lys. — Você superou qualquer plano que eu imaginava.

Ela deu de ombros, mas os olhos brilhavam.

— Eu só fiz o que precisava.

— Fez mais — completei. — Salvou histórias inteiras.

Ela corou ligeiramente, mas deixou que eu a puxasse para um abraço.

— Eu te admiro — sussurrei.

— E eu ainda te amo — ela respondeu. — Mesmo com cicatrizes e sombras.

Beijei-a ali mesmo, sob o vento frio que começava a soprar do norte. E, pela primeira vez desde a morte de nossos pais, senti o gosto da primavera voltando, mesmo em meio ao inverno que se aproximava.

De volta à praça, os guerreiros que restaram alinharam-se. Luna desenhou um círculo prateado no chão, seria o pivô do selo quando a fenda rasgasse o céu. Morgan entregou frascos de ervas a cada sentinela; Ariel recitou instruções. Cassian, no centro, ergueu uma oração, jurando defender o lar até o último sopro.

Mantive-me junto a ele, com a mão firme em seu ombro.

— Nosso pai estaria orgulhoso — murmurei.

— Ele está — respondeu Cassian, e por um instante, os olhos prateados dele brilharam molhados.

Lys juntou-se a nós, o arco preso às costas, o rosto decidido.

— Linha de frente? — perguntei.

— Ao seu lado — disse ela.

Fomos os últimos a sair da praça, deixando para trás casas vazias, janelas fechadas, histórias em suspenso. Mas, no peito, a certeza: Corvill ainda vivia em cada coração que atravessara a ponte. E vivia em nós, que ficaríamos para mantê-la de pé quando o céu ruísse.

Quando a primeira nuvem negra rasgou a tarde, senti o mesmo vento gelado do pesadelo de Luna. Olhei para o horizonte.

— Que venha. — Minha voz soou firme.

Lys apertou minha mão e sorriu:

— Estamos prontos.

E estávamos. Pela primeira vez, não me senti menor que meus irmãos. Eu era filho de Liar. Era líder da alcateia. Era companheiro de Lys e pai de Theo.

E isso era poder suficiente para enfrentar qualquer Deusa.

## A PROFECIA FINAL



### Luna

Corvill estava vazia. O silêncio das ruas dizia mais que qualquer canto fúnebre; era a canção de quem parte para que outros fiquem. Nenhum riso, nenhum latido, nenhum grito de crianças brincando, só as janelas batendo ao vento, como pálpebras que se recusavam a testemunhar o que viria. Ficamos apenas nós: os *Escolhidos*, Morgan... e meia dúzia de soldados teimosos que juraram servir até o último sopro.

A arena, antigo campo de treinamentos, parecia um anfiteatro para deuses cansados. O chão de terra batida, manchado por chuvas e sangue de duelos esquecidos, agora aguardava uma guerra maior que todas. Acima, nuvens de ferro costuravam relâmpagos em ponto cruz. O ar pesava; cada inspiração rasgava as vias como gelo. Mas a minha loba pulava sob a pele, inquieta e faminta de justiça. Eu nunca a sentira tão viva, ou tão feroz.

Minha energia puxava a dos meus *Escolhidos* como uma maré lunar. Cassian, Ariel, Rhyan e eu respirávamos em sincronia, ancorados na certeza de que não havia volta. Samantha e Morgan caminhavam entre nós, traçando círculos de proteção com ervas que



cheiravam a pinho e luto. Lys mantinha o arco abaixado, mas seus olhos caçavam qualquer tremor entre as árvores: protetora até o fim.

Um vento cortante ergueu poeira parda no centro da arena. Foi quando o som, alguma coisa entre rugido de trovão e estalo de galho seco, rasgou a mata. De lá, surgiu Malthus.

O corpo dele, antes macilento, agora ardia em vitalidade. Nada da pele acinzentada de semanas atrás; era bronze dourado à luz dos relâmpagos. Trajava apenas calças de lã negra, deixando as marcas arcanas do peito reluzirem como brasas. Os olhos eram dois sóis invertidos, percorriam-nos com desprezo entediado.

Meu rosnado nasceu antes da palavra.

— O que você faz aqui, Malthus? — cuspi, com o eco da indignação de Cass e Ariel pulsando nas minhas veias.

Os lábios dele curvaram-se num meio-sorriso superior.

— Eu? Sou o sacrifício. Não estou aqui por vocês, Loba. Vim encarar quem me fez prisioneiro neste lamaçal mortal.

— Vai embora se quiser preservar tua existência mais uns minutos — rosnou Ariel, flexionando os dedos, com as garras apontando para fora. — Resolveremos contigo depois.

Malthus riu, baixo, cavernoso.

— Depois? Ah, jovem Alfa... não há "depois" quando o trono cai.

O céu estalou. Um clarão roxo cortou as nuvens; delas, abriu-se uma fenda preta, como boca de abismo. A pressão mágica esmagou meus tímpanos. Foi como se a realidade se dobrasse, expondo as costuras.

Das trevas, ela surgiu.

A Deusa.

Não caminhava: pairava, envolta num braseiro de luz opalescente, que sangrava raios coloridos. Seus cabelos eram cascata de estrelas mortas; a pele, alabastro cortante. Em torno da cabeça, coroava-a um disco duplo de lua e sol, em perpétuo eclipse. Cada batida de asas inexistentes, desfiava o ar, fazendo tudo vibrar na frequência do horror.

Cada célula do meu corpo pulsava com medo, ódio e fascínio. Mas por trás de tudo isso, havia uma verdade silenciosa: éramos da mesma essência. Feitas da mesma matéria.

Ela pousou a alguns metros, os pés nunca tocando o solo. O sorriso era uma lâmina.

— Oi, filha — soou, a voz retumbando em cada rocha, reverberando nos ossos.

O título fez meu estômago virar.

— Não me chame de filha. Jamais seria prole de uma tirana vaidosa e egocêntrica.

Ela inclinou a cabeça, estudando-me, como quem avalia uma joia com trinca.

— Sou uma Deusa, Luna. Deuses não são benevolentes. Temos poder, e quem tem poder, molda, manda, toma. Eu te dei tudo: força, destino, responsabilidade. E recebeste com ingratidão.

— Não. Você me deu correntes. Criou dor, destruição, perda entre os seus próprios. Quebrei as correntes, e então descobri que ainda podia amar.

Os relâmpagos redobram. A Deusa abriu os braços.

— Lastimo por tua tolice. Vim lhes dar chance de redenção. Submetam-se e não destruirei Corvill.

Uma gargalhada grosseira rompeu atrás de mim. Era Malthus.

— Redenção? Há eras não sabe o que é misericórdia, senhora dos caprichos. És patética.

Os olhos da Deusa faiscaram.

— Patética, Malthus? Tu, semideus que trocou eternidade por um laço de paixão corrosiva? Olha-te: imune? Não. Fraco.

Só então percebi: ela falava de *parceria*. Olhei para Morgan, e entendi. A vulnerabilidade dela, a convalescença, o adeus escondido. O elo que drenava Malthus, era o mesmo que a deixava enfraquecida. A revelação me golpeou. Cassian puxou-me num abraço de aço, murmurando:

— Não é culpa dela, amor, parceria não é escolha.

Assenti, as lágrimas quentes escorriam nos cantos dos olhos.

Mas não havia tempo para choque.

Rhyan, levado pelo ódio, transformou-se em lobo. O corpo cresceu, pelos castanhos irromperam, garras rasgaram a terra. Num salto tão rápido quanto o raio, cravou as presas no pescoço de Malthus. O estrondo seco do rompimento arterial ecoou. O semideus tombou, gargarejando luz escura. No mesmo instante, Morgan arquejou, o laço puxou-a. Caiu sobre os joelhos, com as mãos em volta do pescoço.

— NÃO! — gritei, correndo. Ampará-la no colo, o que trouxe o déjà-vu mais cruel. — De novo, não, Morgan.

Ela sorriu, com sangue nos lábios como vinho velho.

— Você disse que ele não poderia morrer! E agora ele está te levando.

— Eu não tinha certeza se o laço o tinha deixado vulnerável, por isso não mencionei a hipótese, mas não chore, minha menina.

Sua mão acariciou meu rosto.

— Eu já vivi além do meu tempo. Cumpri tudo o que foi designado. Agora é contigo. Não tema... vocês são um.

— Eu te amo — choraminguei, as lágrimas caíram com a mesma intensidade de uma tempestade.

— Eu te amo, pequena Lua — murmurou, com a voz virando brisa. — Vá brilhar onde eu não alcanço.

Morgan partiu, fria, leve e finalmente em paz. Meu coração se despedaçou dentro de mim, mas a fúria ergueu-se no lugar. O chão vibrou sob meus pés. Meu poder tornou-se maré. Levantei-me, com os olhos ardendo em prata incandescente. Trovões rasgavam o canto da boca do mundo; ventos em espiral erguiam areia, faíscas e folhas.

A Deusa gargalhava.

— Ridículos. Apego demais à carne efêmera. Era apenas uma bruxa.

Cassian, Ariel, Lys e Rhyan, formaram um semicírculo atrás de mim. Samantha cantava feitiços de reforço; lâminas mágicas ornavam o ar. Sentia cada coração batendo, nossa rede.

— Aqui você não reina mais. — Ouvi minha própria voz, forte como trovão. — Volte para a sombra remota de onde veio. Eu te amaldiçoo: que na Terra, teus dons sejam pó, como outrora amaldiçoaste os nossos.

Ela avançou um passo, senti a incredulidade e raiva se mesclando nela.

— Blefa, pequena lua. Não tens calibre para me destronar. Eu criei cada gota do teu poder.

Sorri com sarcasmo, enquanto as lágrimas ainda caiam.

— Sim. Ironia do destino, não? O monstro volta para devorar quem o forjou.

Gritei:

— *Agora!*

Os *Escolhidos* canalizaram. Cassian prendeu-me pelos ombros, seu poder de Alfa drenando-se para mim como um rio. Ariel ergueu as mãos; relâmpagos dobraram-se, canalizando-se no meu peito. Rhyan, ainda lobo, plantou as patas dianteiras e uivou; do ventre do uivo, veio a coragem de Liar, de Sara, de cada lobo ancestral. Lys encordoou flecha de luz azul, disparou-a para o céu, e chamas celestes retornaram à minha aura. Samantha, atrás, recitava a língua primitiva que costura vida e morte. A nossa sinfonia encheu o ar de estática ardente.

Um pilar de energia turquesa irrompeu da terra, empurrando a Deusa para trás. Os relâmpagos fizeram coroa sobre minha cabeça; ventos giravam num vórtice, arrancando pedaços de nuvem, pedra, luz.

O sorriso soberbo dela murchou. O espectro dos cabelos tremulou, ansioso.

— Nenhum mortal pode trancar uma divindade! — bradou.

— Somos mais que mortais — rosnei. — Somos o erro que você não previu... e a resposta que você teme.

O círculo de poder empurrou-a. Ela lutou, unhas de luz rasgando o nada; mas a fenda atrás dela, chupava-a como vácuo de mar.

Gritou, amaldiçoou, jurou retorno.

Meu grito respondia, tão potente, que senti sangue escorrer do nariz.

— Você não reina aqui!

Último clarão: a Deusa foi sugada para o interior do rasgão negro. Num baque surdo, a fenda se costurou, tecendo costela sobre costela de negrume, até virar linha fina. O céu, como pulmão aliviado, abriu-se em azul pálido. O sol, tímido, lançou o primeiro facho sobre nós, calor morno, espantosamente simples.

Cassian largou-me, exausto. Ariel caiu de joelhos, Sam amparou-o. Rhyan voltou à forma humana, cambaleante, com lágrimas e sangue misturados. Lys correu para ele, agarrando-o, antes que tombasse.

Fiquei de pé, com o corpo tremendo, as mãos ainda faiscando. Olhei ao redor. O tempo de nuvens negras se fora. O vento trouxera cheiro de terra molhada e flores que ainda não nasceram.

*Acabou.*

A palavra ressoou em minha mente, incrédula.

Cassian ergueu-se, abraçou-me por trás, com sua voz rouca.

— Acabou, pequena lua.

Ajoelhei-me e toquei o solo, enterrando os dedos na terra úmida. Lágrimas lavaram meu rosto, de dor, de vitória, de saudade, de Morgan. Senti as mãos dos meus irmãos pousarem em mim. Um círculo lupino, onde outrora estivera a sombra de uma deusa. A arena, palco de batalha, era agora berço de redenção.

— Conseguimos — murmurei, exausta.

Ao longe, um canto de pássaro anunciou o novo dia.

A profecia acabou.

Não houve clarins, nem festa. Havia silêncio, respiração, mãos sujas de pó e lama e um futuro que teríamos de inventar.

O sol subiu um pouco mais, beijando o sangue e as lágrimas que salpicavam o chão.

E, pela primeira vez em toda minha vida, senti o mundo completamente meu, nosso, livre.

Corvill respirou.

E nós também.

Não sei explicar de onde veio tanta força naquela última investida, nem como conseguimos entrelaçar nossos dons sem que as próprias veias se partissem. Talvez fosse o sangue antigo dos nossos, ou o amor que já se recusava a ceder espaço ao medo. Talvez fosse Morgan, soprando coragem do outro lado, ou o eco suave de cada lobo que tombou para que chegássemos até aqui.

Ninguém disse uma única palavra. Estávamos todos trêmulos, vazios, ainda assim, inteiros. E isso bastava.

O ciclo de sacrifícios havia finalmente se fechado; o estremecer da terra sob nossos pés confirmava que o feitiço ancestral fora desfeito, não apenas em Corvill, mas em cada canto onde aquela maldição já incutira silêncio e dor. Sentíamos isso na brisa, um pulsar novo, fresco, infantil. Uma linhagem renascida do amor e da união, destinada a crescer sem correntes no espírito.

O sol baixava devagar, tingindo de laranja as pedras da arena. Cassian apoiou-se na minha cintura, Ariel deixou a cabeça cair sobre o ombro de Samantha, Lys enlaçou os dedos nos de Rhyan. Nenhum de nós tinha forças para marchas heroicas ou discursos épicos. Precisávamos apenas respirar, sentir o coração retomar seu compasso, aceitar que o impossível se rendera.

— Amanhã — murmurei, com a voz rouca de emoção. — Será um novo dia.

Rhyan riu baixinho, a exaustão bateu nos ossos dele, como maré.

— Amanhã teremos de reconstruir telhados... e talvez levantar muralhas de brinquedo para três pestinhas curiosas.

— E ensinar canções que falem de coragem, não de medo — completou Lys, encostando a testa na dele.

O vento passou entre nós como um lençol leve, levando embora a última poeira da batalha. O céu encontrou estrelas antigas, que pareciam luzes de acolhida, não de indiferença divina.

Vencemos. E por hoje, isso era tudo.

Amanhã, nossas mãos ergueriam as novas histórias.

Esta noite, porém, pertencia apenas ao descanso e ao suave milagre de ainda estarmos vivos, juntos, finalmente livres.

## O ALVORECER DE UMA NOVA ERA



### **Rhyan**

Corvill renasceu. Foi um processo silencioso, sagrado. Depois que o céu se abriu e a Deusa caiu com seu próprio peso, parecia que a cidade respirava diferente. A neblina constante que costumava pairar sobre nossas matas, recuou, como se finalmente pudesse descansar. O vento deixou de doer. O silêncio já não soava como presságio, mas como paz.

Em menos de um mês, erguemos paredes, reparamos telhados e pintamos as ruas. Não havia divisão entre cargos ou famílias. Todos se ajudavam: velhos, jovens, guerreiros, bruxas, curandeiros. Cada pedra recolocada no lugar, era mais do que reconstrução, era redenção. Trabalhamos como uma alcateia, uma só alma, com múltiplas mãos.

A casa dos meus pais foi um dos primeiros projetos. Decidimos não apenas restaurá-la, mas transformá-la em um memorial. Um lugar onde os novos lobos pudessem entender quem foram Liar e Sara Corvill. Alfes justos, imponentes e intensamente humanos. Eles governaram Corvill com honra, e mereciam mais do que flores no túmulo. Mereciam ser lembrados com respeito e afeto.



Cada cômodo daquela casa carrega um pedaço de mim. O cheiro da madeira antiga, me lembra as manhãs em que meu pai treinava comigo e meus irmãos no campo atrás da casa. A cozinha ainda carrega o eco das risadas da minha mãe, quando Luna aparecia com os cabelos repletos de folhas e inventava desculpas para escapar das gozações que fazíamos com ela e Cass, que se pegavam escondidos.

A dor, claro, ainda habita em nós. Mas começamos a deixar que as lembranças boas falassem mais alto. Deixamos que a saudade se transformasse em gratidão.

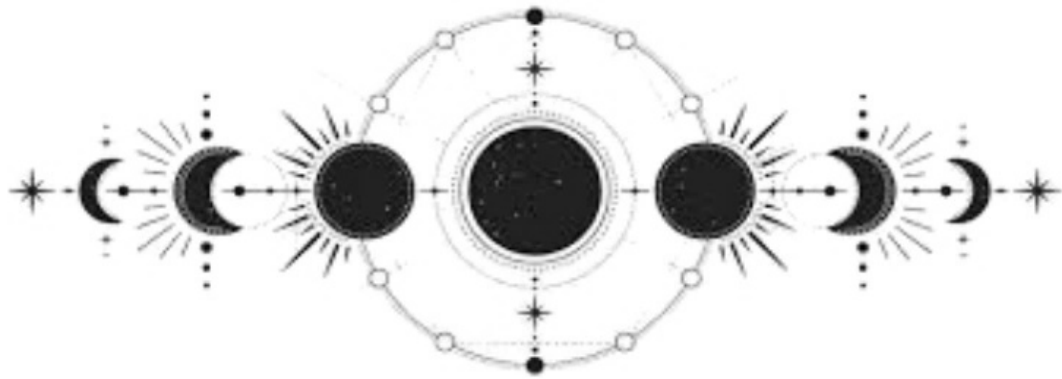
Luna foi uma das que mais sofreu, embora tentasse esconder. Ela não se refugiou em silêncio. Chorou. Gritou. Se permitiu quebrar, e foi justamente isso que a tornou ainda mais forte. Estivemos ao seu lado, mesmo quando ela se isolava, mesmo quando as palavras falhavam. Ficávamos por perto. Era o que ela precisava.

Ariel e Samantha desapareceram por uns dias quando ela entrou no cio e, francamente, ninguém os culpou. Depois de tudo o que enfrentaram, mereciam um momento só deles. E quem sabe, talvez essa nova era, traga uma nova vida também. Pensar nisso me arranca um sorriso.

E falando em vida nova, minha loba também podia colaborar, não? Confesso que me peguei imaginando Theo cercado de irmãos, correndo pelos campos onde agora o sangue já não manchava a terra. Mas primeiro, preciso reconquistar minha parceira por inteiro.

Ela me ama. Eu sei. Mas algo em mim mudou depois da guerra. Não sou mais o mesmo Rhyan. E talvez nunca volte a ser. A dor moldou uma nova versão de mim. Mais dura, talvez. Mais consciente. O que importa, é que ela me olha com os mesmos olhos, mesmo quando eu não consigo me olhar no espelho sem ver as marcas que carrego.

E eu me esforço. Pela minha família. Pela nossa nova alcateia. E por ela, a loba que me trouxe de volta toda vez que me perdi.



## Lys

Corvill vibra. Não apenas no som das marteladas, das crianças correndo, ou das risadas que voltaram a preencher o ar. Vibra com luz. Com esperança. Há uma energia nova circulando entre as árvores e as casas, como se a própria terra tivesse renascido junto conosco.

Depois do caos, do luto e da batalha contra a própria origem da maldição, a paz finalmente se tornou real. E, com ela, veio o desafio de recomeçar. Eu e Rhyan assumimos a liderança da cidade, enquanto Luna e Cass se recuperavam e devo admitir que, embora tenha sido exaustivo, também foi bonito. Reconstruir algo com as próprias mãos, dia após dia, é como plantar flores em um campo que antes era estéril.

Rhyan tem sido incrível. Sempre achei que ele era a combinação perfeita entre a firmeza de Liar e a sensibilidade herdada de Sara. Mas agora, percebo que ele é mais. Ele tem uma calma que Liar não tinha. Um cuidado que vai além da liderança, é quase uma devoção. Ele olha para Corvill, como quem olha para uma extensão da própria alma.

Ele não é mais o mesmo desde aquele dia. E talvez nunca volte a ser. A guerra tirou parte da sua leveza, e no lugar, ficou uma gravidade que só quem amou profundamente pode carregar. Mas é exatamente essa dor contida, que o torna tão... meu. Tão real.

Eu me apaixonei por Rhyan muitas vezes ao longo da nossa história. Mas confesso que essa nova versão dele, me arrebatava de um

jeito inesperado. Ele é mais intenso. Mais presente. E quando sorri, mesmo com a tristeza escondida nos olhos, eu o amo ainda mais.

Sinto falta dele durante o dia, quando está na vila organizando os turnos, ajudando com as construções, lidando com decisões difíceis. Mas também sinto orgulho. E isso me aquece o coração.

Hoje, levei Theo para brincar com as primas. Ele está crescendo tão rápido... e tem o brilho dos olhos do pai. Curioso, travesso e dono de uma coragem que me faz lembrar que o mundo é um lugar possível. Ele e as meninas corriam entre as árvores, fingindo serem guerreiros, como se a vida nunca tivesse sido cruel. Como se não soubessem — e ainda bem — da dor que seus pais enfrentaram para garantir que tivessem essa liberdade.

Mas algo me incomodava desde cedo.

Um calor sutil, quase imperceptível, foi crescendo no fundo da minha barriga. Ao longo da tarde, meu corpo começou a reagir por instinto, como se reconhecesse a proximidade do meu parceiro, sem que eu o visse. O cheiro da terra parecia mais forte, mais denso. E quando Theo me puxou pela mão, dizendo estar com fome, senti a confirmação do que eu já sabia.

Meu cio chegou. Sem aviso. Sem delicadeza.

Respirei fundo, tentando manter a compostura, enquanto me despedia das crianças e as deixava com Luna, que apenas arqueou uma sobrancelha e sorriu, como quem entende mais do que fala.

— Vai — ela disse baixinho. — Ele vai sentir. Vai ir até você.

E ela estava certa.

Assim que entrei em casa, encontrei Rhyan parado na sala, com os olhos dourados iluminados pela luz da lareira. Ele ergueu o rosto, farejou o ar como um predador que reconhece sua presa e caminhou até mim com passos lentos, cuidadosos.

— Lys... — disse meu nome, como se fosse uma promessa.

— Eu sei — sussurrei. — Preciso de você.

Ele não perguntou nada. Não havia necessidade. O laço entre nós falava mais alto que qualquer palavra. E ali, naquela casa que era nossa, em meio ao cheiro de madeira e lavanda, ele me tomou nos braços, como se o mundo lá fora tivesse deixado de existir.

Foi diferente daquela primeira vez. Não havia urgência desesperada ou medo de perder. Havia entrega. Amor. Um reconhecimento silencioso de que havíamos sobrevivido a tudo. E que agora, podíamos apenas... ser.

Nossos corpos se encaixavam como se tivessem sido moldados um para o outro. O toque dele era reverente, firme e, ao mesmo tempo, carregado de carinho. Cada beijo, era um pedido de perdão pelas ausências. Cada sussurro, uma promessa de futuro.

No calor daquele cio, fomos um só. E se a nova era de Corvill precisava de um novo começo, então foi ali, entre lençóis e respirações entrecortadas, que ele se desenhcou.

Depois, deitada sobre seu peito, ouvi o som do coração dele. Forte. Constante. E soube que estava em casa.

— Te amo — ele sussurrou, com a voz ainda rouca.

— Eu também, Rhyen. E se tudo der certo... Theo pode ganhar um irmão daqui a alguns meses.

Ele riu. Um riso sincero, leve, como há muito eu não ouvia.

— Vamos criar um mundo onde eles nunca precisarão lutar como nós lutamos.

— Vamos, meu amor. Já começamos.

Do lado de fora, a lua cheia brilhava sobre Corvill. E eu juro, que, naquele instante, ela parecia sorrir.

## *Epílogo*



### **Samantha**

Se eu pudesse embalar esta manhã numa garrafa, deixaria o frasco bem na soleira da porta de quem precisar acreditar em finais felizes.

O sol dourava os telhados pintados de Corvill, e as ruas fervilhavam com vozes jovens demais para lembrar dos dias sombrios. Há quinze anos, juramos reconstruir; hoje, nossa vila respira como um coração que se recusa a cansar. Levantamos duas escolas novas, uma para ciência, outra para magia, e plantamos

parques onde antes havia apenas praça de treinamento. O riso das crianças tornou-se o som-guia dos guardas; ninguém mais confunde trovoadas com presságio.

Na varanda grande de Rhyan e Lys, a família se reúne. A longa mesa de madeira mal comporta tantas tortas e potes de geleia. É o último sábado de outono, como sempre, transformamos qualquer desculpa numa festa.

— Kim! Gael! Deixem o computador do tio Rhyan em paz! — bradei, uma mão na cintura e a outra na minha barriga redonda de sete meses. Os gêmeos de catorze anos me olham com idêntico sorriso travesso, antes de largar os teclados e telas e disparar para o quintal.

Ariel surgiu atrás de mim, passando o braço pelos meus ombros.

— Eles puxaram mais a você que a mim, Sam. — Beijou minha têmpora. — Eu era um anjo nessa idade.

— Ah, claro — respondi, revirando os olhos. — Lembro do relatório que sua mãe me contou que recebeu da escola: “Ariel, o querubim que explodiu três armários de produtos de limpeza”.

Ele fingiu indignação, mas seus olhos brilharam com aquela alegria que ele nunca perdeu.

Milla, nossa caçula de doze, aparece correndo:

— Mamãe, a tia Luna disse que posso auxiliar nas runas de proteção se eu terminar meu dever de matemática!

— Terminou? — perguntei.

Ela faz uma careta.

— Quase.

Rio e aponto a mesa.

— Termine logo, antes que o tio Cassian descubra e peça cem flexões.

Do outro lado do quintal, Theo — agora com dezenove — ergue Liar, o irmão de catorze, nos ombros, para alcançar uma maçã no galho mais alto. Sara, de dez, bate palmas e grita:

— Isso não vale! Ele tem vantagem de tamanho!

Rhyan observa a cena, braços cruzados, sorriso orgulhoso. Lys chega por trás dele, enlaça-lhe a cintura e encosta o rosto em suas costas. Ainda vejo o traço de sombras que pairava nos olhos dele, mas está embrulhado agora, em tanta luz, que mal se nota.

— Se continuarem assim, vamos precisar de mais quartos na casa-memorial — comenta Lys, piscando para mim. — O papai Liar ficaria feliz.

— Ele já ficaria feliz só de ver vocês — respondo.

Zayan, o caçula de Luna e Cass, surge correndo com as gêmeas Ayla e Maya — agora moças de dezessete anos, espantosamente lindas. Ele tenta acompanhar as pernas longas das irmãs, mas tropeça e cai no gramado. Antes que o choro chegue, Luna aparece, levanta o filho e sopra um beijo mágico na poeira do joelho.

— Aposto que ninguém aqui consegue me superar no cabo de guerra — desafia Cassian, chegando com uma corda grossa.

As crianças vibram; adultos trocam olhares cúmplices. E, claro, acaba em trinta corpos estatelados na grama, gargalhando de soluçar.

Quando a poeira baixa, Rhyan ergue a voz:

— Silêncio! — Ele recebe um guardanapo chicoteado por Ayla.

— Ei! Mando aqui, lembram? Sou o regente!

— Você manda até a mamãe chegar — provoca Sara.

Todos riem, inclusive ele.

Caminho até Luna, que observa a algazarra com olhos brilhantes. Ainda há saudade ali, mas não é dor, é lembrança doce, saudade com gratidão.

— Morgan teria adorado este caos — disse — Ela diria que barulho assim é sinal de vila viva.

Luna tocou meu braço.

— E está viva. Tão viva que assusta.

O cheiro de torta de amora escapa da cozinha. Morgan me ensinou a receita... e toda vez que o aroma preenche a casa, é como se ela ainda cruzasse a soleira.

Ariel me puxou para sentar; Bran chuta dentro da minha barriga, como se quisesse participar da conversa. Cassian traz suco, enquanto Rhyan levanta um brinde improvisado:

— Ao velho mundo que caiu... e ao novo que nossos filhos vão erguer melhor que nós.

Taças de vidro, canecas de barro, copos de suco, tudo toca a madeira num coro.

Olho ao redor: cada rosto guarda cicatrizes, mas também uma serenidade que nenhum inverno pode roubar.

Kim se sentou perto de Theo, perguntando sobre as primeiras lições de liderança que o primo aprenderá em breve. Gael desafiou Zayan para ver quem chega primeiro ao rio. Milla se juntou às gêmeas para rir de piadas que já não entendo. Liar galanteia sua flecha recém-fabricada, recebendo instruções de Ariel. Sara corre até Luna para falar sobre poções de flores, receitas de um antigo grimório de Morgan.

E eu, com meu quarto bebê sambando dentro de mim, inspiro fundo o perfume de pinho, fogo de lenha e sonhos recém-colhidos.

— Nunca me senti tão realizada — confesso a Rhyan, enquanto ele limpa a mancha de amora do canto da boca.

— Nem eu — responde ele, lançando olhar apaixonado para Lys, que conversa com Cass sobre um projeto de biblioteca nova. — Pensei que o amor não pudesse crescer depois de ser destruído. Mas olha só... ele se recompõe. E volta maior.

Lys sentiu o olhar dele e sorriu. É aquele sorriso que salva dias nublados. Ele ergueu-se, aproximou-se dela e a beijou, rodeado pelas risadas dos nossos.

Amor que floresce, mesmo quando já devia ter bordado tudo.

A tarde declina, banhando Corvill num laranja manso. Lanternas se acendem nas varandas; as primeiras estrelas piscam sobre as colinas. Ariel canta baixinho uma canção antiga de rock, With Arms Wide Open - Creep, enquanto embala minha barriga. E eu sinto Bran girar, como se dançasse ao som do pai.

*"De braços bem abertos.*

*Sob a luz do sol.*



*Bem-vindo a esse lugar.*

*Vou te mostrar tudo.*

*De braços bem abertos.”*

Quinze anos transformaram dores em raízes. Memórias em alicerces. Hoje, nem o vento carrega lamentos, só histórias sussurradas para que os novos não esqueçam de onde viemos... e porque, ainda agora, cada riso vale a luta.

— Promete guardar essa manhã numa garrafa? — Ariel cochicha ao meu ouvido.

— Prometo cultivar cada segundo no jardim da memória — respondo. — E regar com mais sonhos.

Dois velhos carvalhos se curvam no horizonte, e juro ouvir folhas aplaudindo.

Corvill prospera.

E, sob o suave sol poente, nós, lobos, bruxos, crianças de amanhã, aprendemos, finalmente, a prosperar com ela.

Fim!

## *Nota de Agradecimento*



### **Rhyan**

— Tá, posso começar? Afinal, como Alfa legítimo da família Corvill, acho justo que eu dê a primeira palavra — Cassian diz.

— Só rindo, Alfa legítimo? Você tem certeza disso? Porque, até onde sei, quem convenceu metade da vila a plantar margaridas nos canteiros, fui eu. E sem usar grunhidos. — Ariel ri enquanto comenta.

— E enquanto vocês dois disputam quem fala primeiro, eu já escrevi metade da nota de agradecimento. Mas tudo bem, vamos fazer do jeito da família: juntos e com confusão. — Eu interrompo.

— Certo. Então vamos lá... Se você chegou até aqui, lendo cada página, rindo, chorando, se apaixonando, querendo nos sacudir ou nos abraçar — obrigado. De verdade. Sua presença, mesmo silenciosa do outro lado das palavras, fez toda essa história valer a pena. — Cassian agradece.

— É, porque escrever sobre mordidas místicas, ciúmes sobrenaturais e irmãos insuportáveis — Ariel continua, enquanto Cassian tosse alto. — Foi tão intenso, quanto viver isso tudo. Vocês estavam conosco em cada passo, e isso... isso é mágico.

— Vivemos perdas, lutas e redenções. Mas, acima de tudo, vivemos **sonhos**. E é isso que queremos lembrar: não engavete seus sonhos. Não coloque sua luz em segundo plano. Se a vida é uma profecia maluca, lute para escrever o final que você quer.

— Ou, como gosto de dizer: se for para correr, que seja na floresta, atrás do seu destino, e se for para uivar, que seja de amor.  
— Cassian prossegue.

— Uau, profundo. Escreveu isso em uma das cartas para a Luna? Ou veio depois de três taças de vinho? — Ariel zomba dele, que resmunga:

— Tento ser poético e é isso que recebo?

— Voltando ao foco: se essa história te tocou, te prendeu, te levou para Corvill e te fez sentir parte da alcateia, **avalie o livro!** Isso ajuda *muito* para que outros leitores também encontrem esse universo.

— É sério, isso faz uma baita diferença. E se você deixar sua opinião, a gente promete que o Cassian não vai mais se meter nas cenas românticas com suas piadas ruins. — Ariel afirma.

— Ei! Minhas piadas são parte do charme da saga! — Cassian retruca.

— Charme, caos... é uma linha tênue. — Aviso.

— Enfim, obrigado por viver essa jornada conosco. Que você leve de Corvill, a lembrança de que o amor é mais forte do que qualquer maldição, e que até os corações partidos, podem se reconstruir, mais fortes do que antes. — Ariel se despede.

— E que nunca falte coragem, um pouco de teimosia e muita gente doida ao seu lado. — Cassian conclui.

— Com amor, **os irmãos Corvill**: Cassian, Ariel e Rhyan, embora, só um deles tenha realmente senso de responsabilidade. Vocês decidem qual. P.S.: *A Luna mandou dizer, que se você não avaliar o livro, ela vai pedir para o Cassian recitar poemas dramáticos no cio... em voz alta... no meio da praça. Avalie com carinho. E lembre-se: a alcateia de Corvill, sempre terá um lugar para você.* — Finalizo.

*Converse Comigo*

Aleverso - Grupos de Leitoras do WhatsApp:

[Clique Aqui](#)

Instagram: @alealmeida\_autora

## *Livros da Autora*

O Despertar da Profecia – Os Lobos do Corvill (Livro I)

[Clique aqui](#)

O Equilíbrio da Profecia – Os Lobos do Corvill (Livro II)

[Clique aqui](#)

---